

FLÁVIO MARCUS DA SILVA

38 TEXTOS ESCOLHIDOS

Pará de Minas, 2011

- 1 – Quatro
- 2 - É por isso que estou aqui
- 3 - O mistério da caixa-preta
- 4 - O mistério da caixa-preta – Parte II
- 5 - Despido
- 6 - Pôr do sol no campo
- 7 - Partir
- 8 - Lição de Abismo
- 9 - Carrapichos
- 10 - Flores brancas na noite escura da alma
- 11 - Goiabas bichadas
- 12 - Café com ingleses
- 13 - Mendigos da alma
- 14 - CEDAF: uma escola de vida
- 15 - Pombos
- 16 - Dieta pra valer
- 17 - O cínico
- 18 - Labaredas na Escuridão
- 19 - Na voz de Amália
- 20 - Muito esquisito
- 21 - Amor, essa palavra de luxo
- 22 - Uma cartinha ao Papai Noel
- 23 - O soar da Trombeta
- 24 - Cada um no seu lugar com o que merece
- 25 - Comadre seca
- 26 - A indignação de Dona Jaciara
- 27 - Hora derradeira
- 28 - Somos chiques mesmo, e daí?
- 29 - Que ninguém se ofenda: pode acontecer com qualquer um
- 30 - Quem não trabalha não pode viver
- 31 - Genro: uma palavra que me gela a espinha
- 32 - Privada de ouro não fede menos
- 33 - Sobre livros, corpos e almas
- 34 - Manoel Batista era português
- 35 - Vai sair hoje?
- 36 - A Cultura Patafufa
- 37 - Trem noturno para Lisboa
- 38 - Pedro, meu filho

1 - Quatro

A jovem dona de casa acorda todos os dias às seis da manhã, abre a janela do quarto e respira fundo quatro vezes o vento fresco que, àquela hora, mesmo no inverno, sopra silencioso e calmo sobre as casas do bairro, trazendo consigo o cheiro agradável do cerrado selvagem que cerca toda a região.

Da janela, ela vai direto ao banheiro, contando suas passadas de forma a alcançar a bancada de granito exatamente no quarto passo.

Vencida essa etapa, ela começa a escovar os dentes, contando os movimentos da escova de cima pra baixo, de baixo pra cima, para os lados, pra trás e pra frente, bem devagar, terminando a escovação somente quando conclui quatro séries de quarenta e quatro movimentos cada uma (nem mais, nem menos). Depois, quatro bochechos com água; quatro movimentos com a mão direita em quatro partes do rosto, limpando a pele com um chumaço de algodão embebido em um produto importado, caríssimo; quatro séries de quarenta e quatro exercícios para os músculos da face, para prevenir rugas precoces; quatro séries de quatorze contrações musculares na bunda, para mantê-la durinha e atraente; quatro escovadas no cabelo (em quatro lugares diferentes do couro cabeludo); quatro sorrisos encantadores olhando para o espelho, para aumentar a auto-estima; quatro movimentos cuidadosos com o papel higiênico (dobrado quatro vezes) no cu, para limpá-lo, depois das necessidades feitas... Quatro isso, quatro aquilo...

E ela está agora na cozinha, preparando o seu café, enquanto o marido se arruma para o trabalho.

Como está sempre de dieta, ela só usa adoçante: quatro gotas para o café e quatro para a coalhada. Na xícara, quatro giros da colher para um lado e quatro para o outro. Quatro mini-torradas, quatro pequenos pedaços de melão, e está terminado o desjejum.

Em seguida, ela abre a geladeira e confere se todos os alimentos estão organizados em grupos de quatro. Na parte dos ovos, é preciso sempre deixar um espaço vazio entre cada quarteto: não pode ser diferente (se sobrar ou faltar ovos, ela resolve o problema eliminando os que precisam ser eliminados). Se há só três maçãs, ela coloca uma pêra junto, para formar um grupo de quatro. Se um produto fica isolado e não há como agrupá-lo (por exemplo: um iogurte pode entrar no grupo da coalhada, mas não no da cenoura), ela o joga no lixo.

O lixo representa para ela o espaço da desordem, da incoerência, do desvario. As emanções que dali saem têm para ela um significado aterrador: representam o desarranjo da vida: a indisciplina e o desalinho da maioria da população, em completa desarmonia com as forças que ordenam os quatro elementos da natureza: terra, fogo, ar e água. O lixo é o que sobra do seu trabalho de limpeza e organização: é o que escapa à simetria de sua existência metódica e regular, devendo ser eliminado todos os dias às quatro da madrugada. Ela se levanta às 3:55, posiciona-se em frente ao saco cheio de detritos e diz, baixinho, a palavra FORA quatro vezes. Depois, carrega o saco até a rua, contando os passos em séries de quatro (com uma pausa de quatro segundos entre elas), e deixa-o no passeio. Porém,

antes de voltar a dormir, ela lava as mãos com sabão, esfregando-as quarenta e quatro vezes, para se purificar.

O marido finge que respeita as regras da mulher, para não enfurecê-la e tornar impossível o convívio entre eles. Mas como ele trabalha o dia inteiro (e quando chega em casa à noite fica até tarde no escritório adiantando o serviço para o dia seguinte ou assistindo a vídeos pornográficos), os poucos momentos de contato com a mulher (quando ele tem que se mostrar obediente às suas diretivas) não o incomodam. De quinze em quinze dias, quando se entregam a um rápido intercuro sexual, ele até se diverte com o padrão que ela se obriga a seguir: para cada quatro gemidos, um gritinho (“ai”, “ui”), devendo o número total de gritos ser sempre múltiplo de quatro. Para ele, a única regra é respeitar o padrão de séries rápidas de quatro estocadas, com intervalos de quatro segundos entre elas.

Mas quando ele está só, em casa ou no trabalho, as normas impostas pela mulher são terminantemente desobedecidas.

Uma noite ela o espia pela janela do escritório e descobre que, enquanto assiste a vídeos pornô na frente do computador, ele se masturba com dois dedos, e não com quatro, como ela o ensinou.

E não é só isso. Atenta a todos os movimentos do marido (que ela passa a observar escondida), descobre inúmeras outras faltas imperdoáveis, no banheiro, na cozinha, na saída para o trabalho...

Decide, então, realizar um ritual de limpeza dos mais importantes:

No dia do seu aniversário de quatro anos de casamento (numa providencial quarta-feira, dia de Mercúrio), ela termina sua relação com o marido definitivamente dando-lhe quatro tiros no peito, exatamente às quatro da madrugada. Leva o corpo até o banheiro, onde, com um cutelo, pica-o em 44 pedaços; divide tudo em quatro sacos de lixo, que ela deixa serenamente no passeio, com a agradável sensação de missão cumprida. Fecha os olhos e levanta os braços quatro vezes, dando boas vindas ao sol que se ergue por trás dos jatobás, pequis e ipês, trazendo, com seu brilho e calor, a esperança de uma nova vida.

2 - É por isso que estou aqui

Foi num domingo nublado e frio, no sítio do meu pai, que tudo explodiu.

A família estava reunida para o almoço. Minhas duas irmãs conversavam com seus maridos na varanda, ouvindo ao fundo um concerto de Mozart. Tomavam cerveja e comiam rodela de salaminho com limão, enquanto meu pai cuidava do jardim e minha mãe coordenava os trabalhos na cozinha.

O Rui, casado com a Alice, minha irmã mais nova, é professor de Química e tem 35 anos. Já o Damásio (marido da Lúcia, a mais velha) é senador: 48 anos, extremamente arrogante e violento, mas com um atrativo que, para a minha irmã, faz valer a pena até os pescoções que ela ganha dele de vez em quando, bem como as amantes que ele carrega para todo lado: um patrimônio de mais de 100 milhões de dólares – o que contrasta cruelmente com a situação do meu outro cunhado, o professor, que há dez anos paga (a duras penas) o financiamento de uma casa na Caixa Econômica Federal, equilibrando o orçamento familiar sem a ajuda de ninguém, pois a Alice, como eu, é depressiva, tem síndrome do pânico e não trabalha (nem em casa).

Alice e Rui têm uma filha de sete anos, a Carolina, uma criança linda, mas triste e abatida, sem entusiasmo para a vida. Quando eu lhe dou um chocolate, por exemplo, ela sorri como se os músculos da sua face obedecessem a um estímulo meramente mecânico: como se um homem invisível lhe puxasse os lábios com duas ou três cordinhas, e depois movimentasse, com outras oito ou nove, seus bracinhos frágeis, na encenação de um abraço.

Já a Ludmila, de oito anos, filha do senador, é de dar medo: má até não poder mais (se é que eu posso dizer isso de uma criança de oito anos). Uma vez, no sítio, ela pegou os três canários que o meu pai mais gostava (eles viviam soltos, indo à gaiola só para se alimentarem) e colocou-os vivos no congelador, deixando-os lá a noite inteira. De manhã, ela retirou os pobrezinhos (convertidos em pedra), embrulhou-os num papel de presente, com fita e tudo, e entregou ao meu pai, que quase teve um colapso (mas logo apareceu minha mãe, que controlou a situação e abafou o caso). É uma menina mentirosa, mas não como a maioria das crianças. Suas mentiras são caluniosas, venenosas, minuciosamente arquitetadas, cheias de detalhes, e encenadas com perfeição: uma excelente atriz, não há a menor dúvida.

Desde muito pequenas, as duas primas estão quase sempre juntas. Alice faz questão que a sua filha frequente a casa do senador e participe da vida de Ludmila. Esta, por sua vez, já deixou claro para todos nós, várias vezes (quase sempre aos gritos, na hora do almoço, com toda a família reunida), que ela odeia a Carolina. O senador e sua esposa, incapazes de perceber a crueldade por trás daqueles olhos infantis, paparicavam a menina, dizendo: “O que é isso, filhinha... Não diga uma coisa dessas. Ela é sua prima”. Ao que a filhinha respondia: “Ela não é minha prima, não pode ser. Ela é feia, magrela e burra; não sabe brincar com as coisas que eu gosto, do jeito que eu gosto. Ela não tem nenhum brinquedo legal, não sabe jogar os meus jogos, e as roupas dela são feias. Eu odeio, odeio, ODEIO essa menina”. A Carolina ouvia tudo, sem dizer nada. E seus pais, mergulhados num silêncio constrangedor, demonstravam indiferença, como se aquilo fosse algo normal. E eu,

dopado com meus remédios para depressão e ansiedade, ficava lá, bebendo meu vinho, também sem dizer nada.

Mas hoje, pensando nisso, eu vejo que aquela situação me preocupava, pois no dia seguinte a uma dessas cenas, eu comecei a prestar mais atenção nas minhas sobrinhas, interessado em descobrir se o que eu supunha ser uma espécie de tortura psicológica sofrida pela Carolina tinha alguma coisa a ver com o seu estado patológico de tristeza e melancolia.

Na entrada da escola, por volta de treze horas, o motorista do senador parava o carro suavemente, bem em frente ao portão, e do banco de trás saltava a Ludmila, quase sempre emburrada, seguida pela prima, que ia de carona com eles todos os dias. A bruxinha batia a porta do carro com força na cara da prima, sem esperá-la descer, como se não tivesse ninguém lá. Essa cena eu assisti por três vezes consecutivas, e conversando com o porteiro da escola, descobri que isso acontecia todos os dias.

As duas estudam na mesma sala, mas a Ludmila finge que nem conhece a prima, isolando-a das outras crianças. Quem me contou isso foi uma mãe, que uma vez levantou o problema em uma reunião de pais, sem citar nomes, e foi severamente contestada pela professora.

Passei também a observá-las nos finais de semana, no sítio, quando, por falta de opção, a Ludmila aceitava brincar com a Carolina, e ouvi algumas frases ditas quase ao pé do ouvido que me incomodaram profundamente, como: “Você parece uma porca”; “Quem faz o seu cabelo? Que coisa horrorosa!”; “Você fede”; “Eu não quero que você vá à minha festa de aniversário”; “Você é muito burra, sabia?”; “O seu pai e a sua mãe são pobres e vagabundos. Quem disse isso foi o meu pai, que é senador e ganha muito dinheiro”; “Você só tem esse vestido?”; “Eu tenho muito mais brinquedos do que você”; “Rapidinho você vai ter que ir para uma escola de crianças pobres, sujas e fedorentas, que nem você”; “Quando a gente crescer, eu vou deixar você trabalhar de empregada na minha casa, e é você que vai limpar toda a sujeira que os meus cachorros fizerem”.

Tudo isso me perturbou muito, mas como eu vivia dopado, não consegui pensar numa estratégia de ação para salvar a Carolina das garras daquela menina malvada.

Foi só naquele domingo, no sítio, depois de cinco dias sem tomar os meus remédios, que tudo explodiu.

As duas primas brincavam embaixo de um enorme pé de pequi, afastado um pouco da casa, e eu fui até lá para investigar. A Carolina estava de quatro. Seu corpo tremia, como se levasse choques elétricos a cada dois segundos, e de seus olhos escorriam lágrimas em profusão, de medo e angústia. A Ludmila segurava uma vara bem fina e comprida, como um chicote, que ela passava suavemente nas pernas e nádegas da prima, gesticulando e falando alto. Cheguei mais perto, tomando o cuidado para que elas não me vissem, e ouvi a Ludmila dizer: “Você não foi uma boa escrava e vai receber agora o seu castigo”.

Não aguentei. Corri até lá, arranquei a vara das mãos daquele projeto de feitor de senzala e, tomado de uma fúria incontrolável, segurei a menina pelo braço, abaixei suas calças e sapequei-lhe a bunda com cinco varadas bem dadas, marcando-a com vergões enormes e

profundos. Ela gritava como uma louca, com os olhos pregados em mim, aterrorizada: “Não, não, não...”; e eu gritava de volta, com os dentes serrados (minha boca espumava): “Você não pode fazer isso com a sua prima, não pode, não pode...”.

Quando eu terminei a surra, a Carolina já tinha se levantado e corrido até a casa.

Imediatamente apareceu a família toda, cercada por um bando de puxa-sacos, que tinham vindo bajular o senador, como de costume. Dentre eles havia um promotor e um sargento da polícia...

É por isso que estou aqui, nesta prisão, cumprindo o terceiro mês da minha pena por tortura e desacato à autoridade (na verdade, quebrei o nariz do promotor).

Voltei a tomar meus remédios...

E tenho lido muito Dostoievski.

Nota do autor: Toda e qualquer forma de violência contra a criança (seja ela física ou psicológica) é condenável e injustificável. Problemas comportamentais, como o descrito acima, devem ser evitados e corrigidos com uma boa educação, ancorada em sólidos princípios humanitários (quem for cristão, basta seguir os ensinamentos de Cristo), muito diálogo e, se necessário, terapia. Sei que toquei num tema tabu (que pode incomodar algumas pessoas), mas acho que vale a pena levantar uma discussão sobre as possíveis consequências para a sociedade da falta de limites na educação das crianças e adolescentes no mundo de hoje.

3 - O mistério da caixa-preta

Fui conduzido por um jovem militar fardado até uma sala onde duas cadeiras e uma mesa constituíam todo o mobiliário, e fui apresentado a um outro militar, mais velho, talvez com pouco mais de quarenta anos [embora seu olhar cansado e seus cabelos grisalhos lhe dessem um ar de sexagenário viúvo e deprimido].

Quando entrei na sala, o militar de meia idade se encontrava sentado numa das cadeiras, com as mãos em cima da mesa, folheando alguns papéis, e, ao me ver, fez um gesto quase imperceptível com a cabeça, indicando-me a outra cadeira.

O militar mais jovem fez uma continência e foi embora, fechando a porta atrás de si.

Senti que algo muito sério e misterioso pairava no ar, pois ao me sentar, o militar me fez ler e assinar um termo de sigilo e confidencialidade, deixando claro para mim que o vazamento de informações sobre aquele caso complicaria muito a minha vida. Não questionei nada, pois naquele momento a curiosidade já tomava conta do meu espírito, fustigando-o, empurrando-o na direção do medo, como sempre acontecia quando eu me encontrava prestes a aceitar uma nova missão.

Sou conhecido no mundo inteiro por lidar com situações sobrenaturais, cientificamente inexplicáveis, que me levaram a escrever mais de vinte livros e centenas de artigos, nos quais eu relato e analiso casos de arrepiar os cabelos, ocorridos em quase todos os continentes. Porém, nos meus trinta anos de carreira, lidando com fenômenos paranormais de vários tipos, aquele foi o primeiro termo de sigilo que eu fui obrigado a assinar, o que me surpreendeu, apesar de toda a minha experiência no ramo, fazendo meu coração disparar de ansiedade.

O caso era completamente novo para mim:

Um avião bimotor com dez passageiros e três tripulantes a bordo perdeu contato com os controladores de vôo e desapareceu do radar às 23:53, no dia sete de junho. Até um minuto antes, o contato com a torre de controle era normal, sem nenhum sinal de alarme ou de tensão entre os pilotos; mas, de repente, tudo se apagou. Era uma noite escura, com céu nublado, mas sem risco de tempestade; nada indicava uma pane nos instrumentos, e o contato com outros aviões naquela região se mantinha normalmente, sem problemas.

Até aí tudo indicava um acidente de grandes proporções, com alguns detalhes misteriosos, mas que certamente seriam explicados quando a caixa-preta fosse encontrada em meio aos destroços.

Só que não havia destroços. O avião foi encontrado, mas intacto, como se tivesse realizado um pouso suave na pista de um aeroporto qualquer. Todos os equipamentos funcionavam perfeitamente, sem nenhum problema.

O que, no entanto, deixou os militares perplexos foi o fato da aeronave ter sido encontrada no alto de uma montanha, em uma área de topografia acidentada, cercada por enormes

rochas pontiagudas e árvores, não havendo a menor possibilidade de ter ocorrido ali um pouso normal de avião.

“Eu estava lá e vi tudo com meus próprios olhos”, disse o homem à minha frente, tentando disfarçar o espanto e o medo que penetravam as névoas de seu olhar frio e perturbador. [Ele fazia parte da equipe de busca que encontrou o avião, no dia seguinte ao desaparecimento]. “Eu estava lá, tirei fotos, mas até agora não consigo acreditar...”.

A curiosidade me sufocava; meu corpo todo tremia; mas ao mesmo tempo eu sentia pena daquele homem que me encarava, já desarmado, com as lágrimas brotando de seus olhos desprotegidos, incapazes de disfarçar a emoção que aquela narrativa lhe provocava.

“Veja as fotos”, disse ele, estendendo para mim uma pasta de cor parda, que ele tirou de uma pequena gaveta na mesa. [Talvez ele a mantivesse escondida para não aguçar ainda mais a minha curiosidade, caso ele decidisse não mostrá-la].

A primeira foto era do avião visto à distância, cercado de rochas e árvores, em meio às montanhas. As árvores ao seu redor [por todos os lados] estavam intactas, com seus galhos frondosos, cheios de folhas: só isso já provava a impossibilidade de um pouso naquela área. Mas tudo, TUDO naquela foto gritava: IMPOSSÍVEL: as pedras, os morros... Nenhuma marca no chão, nenhum destroço; o trem de pouso baixado, limpo, impecável, como se tivesse sido acionado para uma aterrissagem normal.

Outras fotos mostravam detalhes do avião: nada, absolutamente NADA que indicasse um pouso forçado – na verdade, nada que indicasse um pouso.

Como teria aquele avião chegado ali? Essa era a primeira pergunta sem resposta, o primeiro enigma daquele caso intrigante e assustador.

Mas o pior ainda estava por vir: o fato mais espantoso e inexplicável de todos, algo que eu nunca tinha visto em toda a minha vida:

As fotos seguintes mostravam o interior do avião. Na primeira, em um plano afastado, todos os passageiros apareciam sentados em suas poltronas, como se prosseguissem viagem. Mas um detalhe importante saltava aos olhos do observador atento: mesmo à distância, era possível perceber em seus rostos – em todos eles –, um sorriso enigmático.

“Estão todos mortos”, disse o militar, mergulhando o rosto na mesa, entre os braços cruzados, que tremiam a cada soluço. Consegui ouvi-lo dizer, balbuciante: “Os laudos das autópsias não revelam nada, absolutamente nada... Nenhuma causa...”.

Olhei as outras fotos: cada rosto individualmente, em close: cada sorriso, cada olhar... Todos mortos? Não dava para acreditar... Mas, no entanto, era verdade. Dava para ver que os sorrisos e os olhares, que me pareciam ser de prazer, de encantamento, de entrega a um destino almejado por todos, desenhavam-se em corpos já sem vida, tomados por aquilo que a interrupção definitiva da existência terrena lhes imprime: rigidez, palidez... Mas os sorrisos eram vivos: eles transmitiam uma mensagem que, para mim, naquele momento de

emoção intensa, ainda era confusa, misteriosa, mas que me levava a pensar em tudo, menos na morte. Nada ali transmitia medo, agonia, dor, aflição, sofrimento, mas justamente o contrário: naqueles sorrisos eu via alegria, esperança, satisfação, regozijo, prazer.

O que era aquilo, meu Deus?

O homem levantou o rosto, olhou para mim como se o mundo desabasse ao seu redor e isso lhe fosse indiferente, apontou para uma foto e disse: “Minha esposa”; e para uma outra, com os dedos trêmulos: “Meu filho...”.

Um silêncio profundo tomou conta da sala naquele momento. Nossos olhares se pregaram um no outro: o dele implorando uma explicação que o salvasse de si mesmo, resgatando-o do abismo da dor, do sofrimento; e o meu dizendo que sim, que eu faria tudo para solucionar aquele mistério, por sua família desaparecida, por ele, por mim...

Terminada essa troca significativa de silêncios, ele se levantou da cadeira e abriu a porta da sala, chamando uma mulher que se encontrava parada no corredor: “Major, por favor, traga a caixa-preta”.

A caixa-preta...

O que teria registrado a caixa-preta daquele vôo para a morte?

“Você se acha suficientemente espantado e perplexo?”, perguntou-me ele, enquanto se acomodava de novo na cadeira.

Não respondi.

A porta se abriu e uma pasta escura e volumosa foi posta sobre a mesa por uma militar de meia idade, séria e compenetrada.

“Obrigado”, disse o homem, enquanto a mulher se retirava, fechando a porta.

“Então...”, continuou ele. “Você se acha suficientemente surpreso e intrigado com o que eu lhe contei e mostrei até agora?”.

Eu não conseguia responder.

Ele sorriu, fechou os olhos e disse, sem disfarçar a dor que dilacerava seu peito: “Só que o mais espantoso e assustador vem agora... Está aqui...”.

E ele bateu a mão direita três vezes sobre a pasta:

“Na caixa-preta”.

Nossos olhares se cruzaram de novo e ele me perguntou:

“Está preparado?”.

CONTINUA A SEGUIR...

4 - O mistério da caixa-preta – Parte II

[O piloto fala]:

Vou registrar tudo...

Vejo à minha frente, pelo vidro da cabine (onde deveria estar simplesmente a noite escura que nos cerca), um rapaz de olhar cansado, mas ao mesmo tempo iluminado, cheio de vida. Sou eu – tenho certeza que esse rapaz sou eu –, mas ele não tem o meu rosto, o meu cabelo, o meu corpo; talvez o brilho do seu olhar se pareça um pouco com o meu...– não sei se o brilho, mas certamente alguma coisa no olhar (ou por trás do olhar...). Veste-se como um mendigo e está caminhando pelas ruas de uma cidade suja e fedorenta: eu sinto o cheiro da cidade: um cheiro de podridão, de fezes e vômito; vejo a sujeira acumulada na rua sendo pisada por pessoas e cavalos, que correm de um lado para outro, sem parar. Olho para um prédio em construção que, com certeza, não é da nossa época, nem desse país...

‘Eu’ olho? Sou eu?

O que eu faço ali, meu Deus?

Um homem me persegue, eu o vejo se aproximar, caminhando lentamente pela rua imunda: um homem que fará de tudo para me destruir. Eu corro, desesperado, mas ele está no meu encalço. Veste-se com os paramentos, adornos e insígnias de um oficial bem colocado na hierarquia administrativa da época (mas que época? Onde?). Entro na multidão de gente suja, que fala uma língua que eu não conheço (Polonês? Alemão?), e, de repente, ele está bem na minha frente, olhando para mim: esse olhar... O olhar do lobo que encontra a sua presa... Vejo-o aqui, refletido no vidro desta cabine, neste avião: esse olhar que me chega do passado, abrindo com seu ódio as névoas do tempo...

Não o vejo mais.

Estou agora deitado na grama de um jardim, próximo a um riacho. Sou um velho e não consigo falar. Da minha boca escorre uma baba branca, que uma mão feminina limpa com um lenço bordado, de fino tecido. Não vejo o rosto da moça, mas sinto a sua presença reconfortante, o seu toque delicado, e ouço a sua voz dizendo: “Obrigada por tudo... Obrigada”. Sou um idoso que se aproxima da morte; mas não sou aquele rapaz cinquenta anos mais velho. Sou outra pessoa, em outro lugar, em outra época – uma época anterior à que viveu o rapaz. Percebo isso pela minha roupa, pela minha peruca e pelo som de uma música que me chega de algum lugar atrás de mim (uma música composta naqueles dias, sendo tocada ali pela primeira vez; não sei como explicar essa minha certeza). Sou um velho que viveu uma juventude completamente diferente da que teve aquele jovem (que também sou eu), embora com a mesma carga de sofrimento e dor, talvez ainda mais pesada (eu sinto isso).

Sou agora uma mulher que, afobada, puxa a sua filha pelas ruas de uma cidade que não me é estranha. Ouço falarem a minha língua, sinto cheiros familiares: amendoim torrado, pipoca, canela, pequi. Entro numa casa pobre e subo as escadas até um quarto onde um grupo de pessoas se reúne em torno de um moribundo. Meu pai. Não o reconheço em meio aos lençóis imundos, respingados de sangue, mas esse homem é meu pai, o pai daquela mulher que sou eu. Uma senhora gorda de meia idade me abraça, aos prantos, enquanto minha filha se dirige à cama, chorando, e cai sobre o corpo quase sem vida do avô. Meu pai, meu pai... Esse homem não é meu pai (não o pai deste piloto que vos fala). Meu pai morreu jovem, eu me lembro dele, do seu rosto, do seu sorriso... A menina, minha filha (mas eu não tenho filha!), abraçada ao avô, levanta-se e olha para as pessoas ao seu redor: eu vejo as suas mãos trêmulas, sinto a sua dor e, lá no fundo, bem no fundo da sua alma, sinto uma presença maligna, um resto de maldade... Ela precisa de mim, que sou sua mãe; da mesma forma que aquela jovem do passado precisou do velho que, no final da vida, recebeu de suas mãos agradecidas os últimos gestos de reconforto, as últimas carícias...

A senhora gorda me olha e me beija a face. Segura firme as minhas mãos. Não a conheço, mas sinto que ela está aqui também, neste avião... Suas mãos são fortes, seu amor é imenso: eu posso contar com ela, e minha filha também... De repente sinto um calafrio e lá está ele: o lobo. Ele está próximo à cama, sério, com o semblante triste; mas de toda a desgraça que caiu sobre a minha família, eu posso dizer: foi ele o causador; e sinto (naquele momento) que ainda vou sofrer muito em suas mãos. Não é mais aquele oficial da magistratura ou do exército daquela cidade imunda; é um jovem de no máximo vinte anos, mas que traz na alma uma maldade de séculos (e eu vejo isso em seu olhar: o mesmo olhar que me encarou com ódio naquela cidade perdida no tempo e no espaço, em meio à multidão). Ele está aqui por algum motivo: aqui, neste quadro de tristeza, de dor e luto: neste quarto sombrio e triste que é o do meu pai moribundo; mas também aqui, neste avião: ele está aqui, entre nós, talvez tendo as mesmas visões fantasmagóricas e inexplicáveis...

E a minha filha? Eu olho para ela, vestida como uma criança pobre da década de 10 ou 20 (não sei bem), sem reconhecê-la, mas sabendo que é minha filha. Aproximo-me dela, trago-a para junto de mim, e a encaro nos olhos; e vendo agora a cena (enquanto avançamos rumo ao desconhecido, sem nenhum contato com o mundo exterior, sem nenhuma chance de socorro), sinto a presença dela, dessa mesma menina, ao meu lado, deitada na grama junto ao riacho... O que eu fiz por essa criança?

E de repente me vejo de novo naquela cidade suja (agora longe do meu perseguidor), entrando em um barraco de madeira cercado de lama, com ratos correndo para todos os lados. Ali dentro está minha mãe doente e faminta. Dou-lhe um pedaço de pão e leio para ela algumas passagens da Bíblia, o que lhe alivia um pouco o sofrimento e o cansaço causados pela tuberculose. Seu corpo treme a cada palavra minha...

Mas não é que elas estão ali também? A minha filha com seu pranto no quarto do avô moribundo e a jovem ao lado do velho na grama ouvindo música... A mãe daquele jovem mendigo que sou eu é a filha daquela mãe desesperada que sou eu e, talvez, uma amiga, sobrinha ou mesmo filha daquele velho inválido que sou eu também! São a mesma pessoa... Não... O mesmo espírito!

[Longo silêncio]

Outras cenas... Outros homens, outras pessoas (jovens e velhos, mulheres e crianças) que são eu. Vi tudo... Outros amigos, em vários lugares, em várias épocas, que se repetem, para me fortalecer, para me ajudar: a senhora gorda aparece três vezes (e ela está aqui conosco nesta viagem – eu sei que está –, não como uma velha gorda, mas como um senhor calvo, de óculos grossos – eu o vi na entrada e sei que é ela, eu sei...); o lobo faminto (cheio de ódio e maldade) aparece em todas as cenas para me destruir, mas acaba me fortalecendo cada vez mais (no riacho ele é um pescador que olha para trás, erguendo um peixe, e me encara, sentindo prazer por me ver decrépito e inútil): e ele também está aqui, neste avião, eu sei: já não carrega mais todo aquele ódio de séculos: já sofreu o bastante para se corrigir, para se purificar: seus filhos e netos já sofreram muito por ele...

Todos estão aqui, com outros rostos (eu me lembro deles na entrada: são eles...).

Olhe para mim, Joel [Joel García é o co-piloto], deixe-me ver seus olhos... É você... Não há dúvida. No seu último suspiro, o pai daquela mulher que sou eu abriu os olhos, e você está lá, Joel... Vejo seu olhar naquele olhar, um brilho apagado e triste, mas é você... E agora te vejo também em outros rostos... Em outras épocas e lugares...

Você entendeu? Nossa missão acabou... Sinta a recompensa, Joel... Você está sentindo?

Ele está lá atrás, junto com os outros. Nós conseguimos...

[Silêncio]

Eu vi, Joel, eu vi o que ele fez. Foi terrível! Nós o ajudamos, meu amigo... Ele foi salvo e segue agora conosco para uma outra missão, livre dos sofrimentos que o atormentaram e torturaram por séculos. Ele não vai cedo demais (não existe cedo demais). Ele é jovem (o seu corpo é jovem), mas seu espírito está pronto para uma outra vida...

Eu o batizei, Joel. Seu pai é meu amigo, um militar digno e honesto, mas triste, muito triste. Eu o batizei nesta vida e o acompanhei até aqui, trazendo junto com ele a sua mãe, uma jovem bondosa e cheia de amor, que nos ajudou várias vezes no passado (neste e em outros.). E como eu sofri, Joel... Como eu cresci e me aperfeiçoei nessa grande jornada! Como nos aperfeiçoamos! Desse garoto eu fui pai, mãe, amigo, filho, por várias vezes, e agora sou seu padrinho em Cristo, nosso Pai, que nos conduz de volta, juntos, à sua casa, pois Ele precisa de nós, neste momento: de nós treze – juntos – para uma nova missão. E tem que ser agora. Por isso estamos aqui...

Sinta a recompensa, Joel... Não é maravilhoso? Você sente também... Todos lá atrás estão sentindo a mesma alegria, a mesma sensação de dever cumprido, o mesmo regozijo, o mesmo encantamento...

Mas por que temos consciência disso? Por que essa verdade nos foi revelada? Será que vamos nos esquecer de tudo quando o avião cair?

[Silêncio]

Esta música... Você está ouvindo, Joel? É a mesma música que eu ouvi deitado na grama, no jardim, às margens daquele riacho, enquanto recebia os cuidados daquele espírito perturbado que nos fez chegar aonde chegamos (a este avião, a esta paz, a esta alegria), e que agora está ali atrás, entre os passageiros, salvo, ao lado da mãe...

Esta música, Joel...

Só pode ser obra divina...

Só pode vir dos Céus...

[O piloto assobia uma música por alguns minutos].

[Fim da gravação].

5 - Despido

Ele chegou em casa por volta de oito da noite. Tirou a roupa e, de frente para o espelho, apalpou a indesejada barriguinha, que crescia a uma velocidade espantosa desde que completara trinta anos (embora já tivesse experimentado várias dietas: da sopa, da proteína, do carboidrato, dos pontos, do tipo sanguíneo, etc.). Aproximou o rosto do espelho e observou as rugas que se formavam na testa e ao redor dos olhos, os pêlos que saíam das duas narinas cheias de muco, a barba de cinco dias falhada nos pontos onde as cicatrizes de espinha eram mais profundas, o cabelo oleoso e despenteado, o olhar vazio, sem vida.

Era seu aniversário de trinta e três anos. Estava sozinho em casa, sem qualquer esperança de receber uma visita ou um telefonema. Não tinha amigos e há muitos anos não dava notícias à família, que vivia no interior. Ocupava um cargo importante no Estado, mas odiava o seu trabalho. Todos os dias era a mesma rotina de processos, procurações, requerimentos e ofícios; o mesmo formalismo no vestir, andar e falar; a mesma sensação de vazio, que nem o prestígio e o alto salário conseguiam preencher. Seus únicos prazeres eram o passeio pelo centro da cidade após o expediente (quando visitava livrarias e jantava em restaurantes requintados) e a TV a cabo, que assistia todas as noites em casa, deitado no sofá da sala, completamente nu.

Naquela noite ele trouxe para casa um bolo de aniversário – com recheio de nozes e cobertura de chocolate –, que ele havia encomendado em uma confeitaria perto do prédio onde trabalhava. Depois de se despir, levou o bolo e uma latinha de coca-cola para a sala, onde ligou a televisão e se acomodou no sofá, preparando-se para assistir a um episódio da última temporada do seu seriado americano favorito. Com a mão esquerda (sem usar faca ou qualquer outro talher), serviu-se de um pedaço do bolo, lambuzando a boca e o queixo enquanto comia. Do seu nariz escorria um muco ralo e persistente, que ele espalhava pelo rosto com as mãos e depois limpava no peito, na barriga ou nas almofadas do sofá.

Às duas da madrugada ele desligou a TV, debruçou-se numa das janelas que davam para a rua, na frente da casa, e acendeu um cigarro. Deve ter ficado ali uns dez minutos fumando e observando a rua deserta, até que um velho casal de aposentados que morava na vizinhança apareceu na calçada, do outro lado, e começou a fuçar o lixo do vizinho. (Era um casal esquisito: muito ricos, mas viviam como mendigos, comendo restos de comida jogados no lixo por donos de restaurantes e vestindo roupas velhas distribuídas por associações de caridade. De suas incursões noturnas, traziam para casa tudo que achavam ser de utilidade, espalhando pelos quartos, salas e banheiros uma infinidade de objetos que nunca seriam usados).

Ele conhecia a história daquele casal (sabia das suas maluquices e do desprezo que tinham pela sociedade), mas mesmo assim resolveu tentar uma abordagem. Chamou-os, tentando não gritar (para não acordar os vizinhos): “Olá! Psiu!”. A mulher observava atentamente uma cabeça de boneca, segurando-a com as duas mãos, bem perto dos olhos, quando recebeu um cutucão do marido. Da janela, o rapaz fazia sinais, pedindo para que o casal se aproximasse. Quando os dois atravessaram a rua e pararam em frente ao portão da casa, ele disse: “Eu tenho aqui um bolo... Vocês querem um pedaço?”. O velho fez que sim com a cabeça.

O que havia sobrado do bolo foi entregue ao casal, que pareceu nem notar a nudez do rapaz quando ele se aproximou do portão. A velha colocou o bolo junto com a cabeça de boneca em uma sacola de papel e saiu na frente, sem dizer nada. O velho ficou parado, olhando a casa e as plantas do jardim por alguns segundos, depois baixou a cabeça e seguiu a mulher.

Ao ver que os dois haviam virado a esquina, o rapaz entrou. Foi à cozinha, fez um café bem forte, acendeu um cigarro e esperou o dia raiar.

6 - Pôr do sol no campo

Desde que perdeu sua fortuna e teve que vender quase todos os seus bens para pagar os credores, o velho fazendeiro ceifava e punha para secar ele mesmo as gramíneas que cresciam ao redor de sua casa, conduzindo-as, depois de secas, em uma velha carroça até o curral, onde alimentava com o feno as dez vacas leiteiras que possuía, seu único sustento naqueles tempos de crise.

Viúvo e solitário, sem amigos, vivendo a trinta quilômetros do arraial mais próximo, sem nada para ocupar seu tempo livre [a não ser os poucos livros que encomendava a um mascate que passava por ali de mês em mês, com quem às vezes trocava um dedo de prosa sobre a política na Corte], o velho fazendeiro, ao abrir a janela do seu quarto em uma bela manhã de domingo, no início do outono de 1828, sentiu seu coração encher-se de alegria quando viu chegar seu filho Miguel, em uma carroça puxada por dois cavalos estropiados, trazendo com ele sua jovem esposa Amália e seu filhinho Amadeu, nascido naqueles dias.

Cinco anos depois, no final de uma tarde fria de maio, enquanto colocava o feno numa velha carroça de madeira, o fazendeiro lembrava-se da chegada do filho como uma benção de Deus, um milagre que o salvara da Morte, expulsando-a de sua casa no momento em que ela já se erguia, com a foice em punho, para abatê-lo – sem complicação nenhuma, já que ele próprio tinha tudo preparado numa das gavetas da cozinha: uma porção de ervas venenosas, que cresciam no seu jardim, mas que, para que fossem mortais, tinham que ser preparadas de uma maneira especial, respeitando-se a época da colheita, a maturação das plantas, os horários, as misturas corretas das folhas e a temperatura.

E tudo isso estava pronto naquele domingo – o veneno guardado na gaveta, à espera –, quando o filho chegou, reconciliador, disposto a fazer as pazes com o pai [depois de quinze anos], e trazendo, para a alegria da casa, uma esposa bondosa e uma criança cheia de amor para dar.

Foi o que lhe devolveu a vida.

Mas lá estava ele, juntando o feno com um garfo ao pôr do sol, enquanto o filho cuidava das vacas, a nora preparava uma sopa e o neto brincava com pedrinhas e gravetos embaixo de uma frondosa árvore, de sombra acolhedora.

De repente, um vento forte começou a soprar, vindo de várias direções, levantando e espalhando o feno que se encontrava na carroça.

Essa imagem das plantas secas voando para todos os lados fez-lhe pensar sobre a sua vida, que, ele sentia, aproximava-se do fim, às vésperas de completar 75 anos:

Penso que a maior parte do que eu plantei, eu colhi... Veja isto, velho... Neste feno há gramíneas e leguminosas de diversas qualidades e tamanhos que, quando não são ingeridas pelas vacas, são absorvidas pelo solo como adubo, que vai alimentar outras vidas, nesta e em outras gerações...

Ora, não é assim a própria vida?

Como eu disse, muito do que eu plantei, eu já colhi. A solidão amarga e triste que eu vivi durante anos só pode ter sido fruto do meu egoísmo e da maldade que eu pratiquei na juventude e nos anos de abundância, guiado pelo meu desejo de poder e riqueza...

Ao outro que me desprezava, eu dei o meu desprezo, plantando assim o desprezo na minha vida... A humilhação que eu sofri, eu paguei com a humilhação que eu fiz o outro sofrer, plantando assim a humilhação na minha vida... Vinganças, traições... Julguei e espalhei boatos sobre pessoas que eu nem conhecia, só para prejudicá-las... E se eu estendi a mão a alguém, foi por puro interesse... Maldade, perversidade, cinismo, maledicência... Tudo isso eu plantei...

Mas será que eu já colhi todo o mal que eu fiz?

Não. Eu não colhi tudo... Veja estas folhas e talos que voam ao vento, seu velho imbecil... Veja os frutos da sua colheita... Eles vão alimentar outras vidas, que continuarão depois que os vermes já tiverem comido toda a sua carne...

Meu filho... Meu neto... O que eles colherão do que eu plantei?...

Que seja só o bem, meu Deus, só o bem...

E o vento soprava forte, enquanto o sol se punha no horizonte, numa confusão de azuis, roxos, alaranjados e rosas; e o feno dourado continuava seu vôo, chegando até onde o pequeno Amadeu brincava, embaixo da árvore. Ele construía uma cabana para as suas pedrinhas, que representavam ele, a mãe, o pai e o avô. E ao perceber o feno que se juntava ao pé da árvore, quando o vento já se acalmava, ele teve a ideia de usá-lo como parede e teto para a sua construção, onde, ele acreditava, sua família viveria feliz e em paz por muitos e muitos anos...

Para terminar, um belo poema de Fernando Pessoa, escrito em 1913:

Abdicação

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
 E chama-me teu filho.
 Eu sou um rei
 que voluntariamente abandonei
 O meu trono de sonhos e cansaços.
 Minha espada, pesada a braços lassos,
 Em mãos viris e calmas entreguei;
 E meu cetro e coroa — eu os deixei
 Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,
 Minhas esporas de um tinir tão fútil,

Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regressei à noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.

7 - Partir

O jovem Pierre acordou às três da madrugada, todo molhado de suor, apesar do frio intenso que invadia o seu quarto pelas frestas da janela, em rajadas de vento e neve.

Enrolou-se num pesado casaco de lã e foi alimentar o fogo na lareira.

Às quatro horas ele daria início à limpeza do cadafalso, pois antes mesmo do nascer do sol haveria uma nova execução, seguida de outras trinta, naquele dia sombrio de inverno do ano de 1793, em Paris.

Esfregou vagarosamente as mãos sobre o fogo que ardia e estalava num dos cantos do quarto, pensando, com tristeza, nas expressões de espanto, desespero, ódio, angústia, medo, e também de indiferença e resignação, que tantas vezes ele vira nos rostos dos condenados, minutos antes da lâmina da guilhotina deslizar seu peso entre as hastes de madeira e cortar fora as suas cabeças. Algumas rodopiavam no ar antes de cair na cesta de vime que ficava no chão, próximo ao patíbulo. Outras, maiores, mais redondas e gordas, caíam como jacas maduras, ou – para não nos afastarmos muito do cenário francês – como pesados queijos Roquefort, sem muita acrobacia, produzindo, ao atingir o fundo da cesta, um baque só um pouco mais audível que o de uma cabeça menor. Outras, porém, devido ao formato do crânio e da face, ou talvez em decorrência de uma contração muscular anormal no pescoço do condenado, além de rodopiarem várias vezes no ar, saltavam dos troncos com tanta força, que caíam fora da cesta até dois ou três metros adiante, para delírio da multidão que se aglomerava ao redor da guilhotina.

O que pensavam os infelizes naquela hora? O que passava pelas suas cabeças nos segundos que antecediam a decapitação? O que eles sentiam no momento em que a lâmina ceifava a carne e os ossos dos seus pescoços? E no segundo seguinte, quando a cabeça, já separada do tronco, caía ao chão?

“Tenho que ir”, disse para si mesmo o jovem Pierre, enquanto comia um pedaço de queijo e se dirigia à saída, espantando com o pé esquerdo uma enorme ratazana que seguia lentamente pelo corredor.

Lá fora o frio era cortante, mas Pierre estava bem agasalhado; e também aquele não era o seu primeiro inverno como trabalhador pobre nas madrugadas escuras e geladas de Paris.

Quando ele chegou à praça onde se erguia o cadafalso, o vento soprava preguiçosamente alguns pequenos flocos de neve, castigando-lhe a face desprotegida, que ardia e queimava de frio. Havia neve depositada no chão de terra batida, mas não em quantidade suficiente para esconder as marcas de sangue deixadas por algumas cabeças, que tinham sido lançadas ao solo, como balas de canhão, no dia anterior. A lâmina encontrava-se também com manchas e respingos escuros de sangue coagulado e congelado, assim como a parte do estrado que ficava próxima ao local de decapitação.

Seu trabalho era limpar tudo aquilo até a chegada da carroça que traria o primeiro condenado do dia, juntamente com uma multidão de curiosos, que se deliciava com cada espetáculo do Terror.

Começou a limpeza pela lâmina, que ele esfregou com força até que todos os resíduos de sangue desaparecessem, tomando muito cuidado para conservar intactos os seus dedos, que, mesmo enluvados, tremiam de frio. Depois começou a esfregar o chão do estrado, cujas manchas resistiam mais à escova e ao sabão; mas foi interrompido pela chegada de um amigo, que subiu a escada sorrindo, meio cambaleante, como se acabasse de sair de uma festa.

“Olá, Henri”, disse o jovem Pierre, levantando-se lentamente e abrindo caminho para o amigo passar.

“Pierre, meu caro... Não tenho muito tempo para você hoje... Aliás, em breve não terei tempo para mais nada... Só vim para te esclarecer uma dúvida que, na última vez que nos encontramos, neste mesmo cadafalso, você começou a me explicar, mas não terminou, porque fomos interrompidos pela chegada da carroça, lembra?”.

“Claro que me lembro!”, disse Pierre, empolgado, com os olhos pregados no rosto pálido do amigo, que perguntou: “E então?”.

Em resposta, Pierre reformulou a sua dúvida: “Naquele dia, o que eu queria saber era se a cabeça, separada do tronco, logo após o encontro da lâmina com o pescoço, tem consciência de que ela se encontra decapitada”.

Henri passou a mão direita em seu pescoço nu, seguindo com os dedos o contorno de uma linha avermelhada e grossa que o rodeava como um cordão apertado, e respondeu:

“Como eu mantive os olhos abertos, pude ver uma parte do estrado e também a cesta de vime, que ficava ali embaixo. Ouvi as pessoas gritando e também o assobio da lâmina que descia veloz. Naquele momento, a única imagem que me veio à mente foi a do meu filho de dois anos correndo e brincando no pátio da nossa casa, feliz, enquanto eu lia um livro de M. de Voltaire. Mas quando a lâmina separou minha cabeça do tronco, no exato momento do corte, tanto a imagem reconfortante da memória quanto a da terrível realidade desapareceram, para no mesmo instante darem lugar a um turbilhão de imagens confusas, mas que eu pude identificar como sendo o céu, o sol, as pessoas, os prédios, o chão, tudo em movimento, girando, até eu ver, numa espécie de fixidez instável – como se eu estivesse bêbado –, os pés de uma enorme multidão”.

“Mas e depois?”, perguntou Pierre, interessado.

“Depois, no instante seguinte, eu vi uma luz, uma luz branca que brilhava intensamente à minha frente, e eu estava de pé, com a cabeça de volta ao tronco, sem dor, sem medo, sentindo uma espécie de chamado, um chamado silencioso, vindo da luz. Mas eu não queria entrar. Eu lutei, desvencilhei-me daquele campo de forças com determinação... gritei que

não, que não... E aqui estou eu: um morto que vaga pela cidade, e que é visto por alguns, como você, que possuem um dom especial que eu ainda não sei explicar...”.

Henri fez uma breve pausa, enquanto olhava o vazio, e continuou:

“Mas como eu disse, não dá mais para ficar. Vou me entregar. Eles já me procuram, me cercam, tentam uma aproximação... Vou me entregar, Pierre... vou partir, como muitos outros partiram... Partir...”.

Silêncio.

Os dois amigos se olharam, preparando-se para um abraço fraterno, quando, de repente...

“A carroça”, disse Pierre, levantando os olhos em direção à avenida, e, no segundo seguinte, voltando-se novamente para o amigo: “Henri...”.

Mas ele já tinha partido.

8 - Lição de Abismo

O velho advogado desligou a televisão, vestiu um pijama e foi para a biblioteca, onde vasculhou as estantes em vários locais, até encontrar, atrás de alguns clássicos franceses do século XIX, uma volumosa pasta preta cheia de papéis velhos. Sentou-se na escrivaninha, abriu a pasta e, com cuidado, retirou a última folha do maço. Ali, escrito em letra cursiva pequena e elegante, na primeira linha, destacava-se o título: “Livros que li no ano de 1958”. Sorriu, emocionado, ao ler alguns comentários que havia escrito sobre suas leituras preferidas naquela época: os romances policiais da Coleção Amarela, editados a partir do início da década de 1930: “O Mistério da Escada Circular”, “Os Três Punhais”, “Um Cadáver no Jardim”, “A Mão Decepada”, “A Pista da Vela Dobrada”, “O Mistério dos Fósforos Queimados”, e muitos outros. Na folha anterior, que continha os comentários sobre as leituras feitas em 1959, o nostálgico advogado [que acabara de completar setenta anos] confirmou o título do primeiro livro que havia lido em inglês: “Death on the Nile”, de Agatha Christie.

Mas entre os inúmeros romances policiais ingleses e americanos, que ocupavam a maior parte das folhas amarelas da antiga pasta de recordações do advogado, apareciam também clássicos da literatura mundial dos séculos XIX e XX, romances e contos contemporâneos, obras de importantes cientistas sociais brasileiros, como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, e várias teses de mestrado e doutorado em Sociologia, História, Ciência Política e Direito. Ficou particularmente espantado com a quantidade de livros lidos na década de 1970, quando já era um advogado em ascensão, casado e com três filhas pequenas.

Foi aí que se lembrou de como era obcecado com o sucesso profissional. Ficava no escritório até tarde, todos os dias, em reuniões intermináveis com sócios e clientes, e ainda virava noites estudando processos em casa. Tinha aulas de inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, e se obrigava a ler pelo menos três horas por dia [inclusive nos finais de semana] textos originais em todas essas línguas [além do português]. Utilizava um cronômetro para marcar o tempo que se dedicava à leitura, interrompendo a contagem sempre que era obrigado a abandonar o livro para ir ao banheiro ou atender a algum chamado importante. Era obrigado a fechar a semana com no mínimo vinte horas de leitura, em todas as línguas que conhecia, pois achava que o seu diferencial na profissão seria um vasto conhecimento das culturas e civilizações do mundo; e como era advogado criminalista, dedicava-se com especial afinco à leitura dos melhores contos e romances policiais, com destaque para Conan Doyle, Chesterton, Dorothy L. Sayers e Agatha Christie.

Guardou as folhas de volta na pasta. Levantou-se com cuidado, apoiando-se na escrivaninha para não cair, e moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro, visualizando, em toda a sua grandiosidade, as três enormes estantes repletas de livros. “Será que valeu a pena?”, perguntou a si mesmo, enquanto caminhava em direção a uma prateleira, no lugar reservado aos autores russos do século XIX. Ao chegar bem perto, escolheu uma edição francesa de “Crime e Castigo” e dirigiu-se ao banheiro, no final do corredor. Ali, tirou a calça, sentou-se no vaso, abriu o livro e releu trechos que ele próprio havia marcado em 1977, ano em que entrou em contato pela primeira vez com o fascinante e sombrio universo de Dostoiévski.

Dessa primeira leitura, lembrava-se perfeitamente dos delírios de Raskolnikov, deitado em seu sofá no quarto miserável que alugava, ou andando sem rumo pelas ruas imundas de São Petersburgo. E de outras incursões literárias dessa mesma época recordava-se com detalhes de várias cenas: beijos, assassinatos, funerais, festas, duelos, guerras e discursos. Mas quando pensava nas três filhas, com dois, cinco e sete anos em 1977, poucas lembranças lhe vinham à cabeça, pois raramente tinha tempo para elas. "Hoje elas estão casadas, com filhos, e não as conheço", pensou com tristeza. "Valeu a pena?", perguntou novamente, dessa vez com os olhos fixos na imagem de seu rosto refletida no espelho [cabelos brancos, pele vincada], enquanto limpava com cuidado o ânus, maltratado por duas décadas de ataques recorrentes de hemorróidas.

Vestiu novamente a calça do pijama, apertou a descarga e caminhou em direção à sala. Recolheu os restos do jantar, jogados sobre a mesa em frente à televisão, e foi para o seu quarto, onde colocou um DVD, sentindo-se quase feliz por não ter que compartilhar a cama com a esposa naquele final de semana. O filme era o espanhol "Tudo sobre minha mãe". Numa cena, ouviu uma frase que o fez suspirar:

"Sucesso não tem cheiro, não tem sabor, e quando você se acostuma, é como se não existisse".

9 - Carrapichos

Tive a ideia desta crônica quando fui buscar meus filhos na escola um dia desses. Desci do carro, feliz da vida [se não me engano era uma sexta-feira], e ao caminhar em direção ao portão, onde alguns pais já aguardavam a saída de seus rebentos, vi que as barras da minha calça estavam cheias de carrapichos. E de dois tipos diferentes: um deles, com pequenos espinhos [finos como agulhas de insulina], embolava-se no tecido em grandes aglomerações, puxando e enroscando as áreas afetadas da calça [da mesma forma como se comporta, na minha imaginação, um tumor maligno nos tecidos do corpo]; e o outro, sem espinhos visíveis [mas com uma capacidade de aderência ainda maior que a do primeiro], grudava-se na calça com tanta determinação e confiança, que na sua imobilidade “daqui-não-saio-daqui-ninguém-me-tira”, parecia uma daquelas lagartas que dormem na superfície de uma folha de couve, entregue à própria sorte numa horta abandonada: na verdade, os deste segundo tipo constituíam uma colônia de seres que podiam ser confundidos com dezenas de pequenas taturanas esverdeadas e achatadas, que pareciam dotadas de uma certa integridade corpórea, de uma unidade, mas que, ao serem extraídas da calça, dividiam-se em milhares de pedacinhos, exigindo dos meus dedos uma habilidade que eles nunca tiveram, e do meu ser uma paciência que, depois de tantas provações como professor de História ao longo dos anos, vinha passando, naqueles dias, por uma fase de escassez desesperadora.

Essa introdução [talvez um pouco excessiva] foi só para mostrar a você, leitor, que no meu universo particular, o carrapicho representa um papel no mínimo dispensável.

Mas o que eu quero mesmo, com isso tudo, é explicar a representação [ou visão] que eu tive, naquele momento, da vida como um espaço agreste repleto de pés de carrapicho, de todos os tipos: carrapicho-rasteiro, carrapicho da calçada, carrapicho-de-beiço-de-boi, carrapicho-grande, etc.

Corrijo-me: não da vida como um todo, mas daquilo que ela nos reserva, até o fim, de pequenos problemas a serem resolvidos no dia a dia. Pense de novo nos carrapichos. Imagine-se caminhando em um terreno onde haja abundância dessas leguminosas. Você não os vê, mas eles estão lá, à espreita, camuflados na paisagem, sorrateiros, com seus espinhos e ganchos preparados para o leve salto que os destacará da natureza selvagem; e quando você menos espera, eles já estão grudados em você, em alguma parte do seu corpo, quase sempre em blocos, embolados. Na maioria das vezes você não os sente, mas sabe que tem alguma coisa ali, esperando para ser eliminada, extraída, extirpada, despachada. Porém, nem todos são assim. Muitos carrapichos incomodam de verdade, espetam, puxam, repuxam e você não aguenta ficar com eles grudados no corpo por muito tempo.

Esses carrapichos do tipo que espeta e incomoda, e que precisam ser expulsos imediatamente, são, na sua vida, aquela privada que entope, a lâmpada do quarto que queima [impedindo a esposa de se olhar no espelho], a máquina de lavar que estraga, a chupeta do bebê que some, o tanque de combustível do carro que fura e a internet que pifa. Você tem que resolver o problema rápido, pois, do contrário, como viver? [Essa é uma das grandes angústias do capitalismo. Somos dependentes demais daquilo que o dinheiro pode comprar].

Dos outros carrapichos, que não tornam a sua vida insuportável, mas estão lá, e que quando você os vê, parecem rir da sua cara, zombeteiros e arrogantes, posso citar, por exemplo, os pombos que infestam o meu telhado há mais ou menos quatro anos, o amassado na lateral esquerda do meu carro, a porta do armário da cozinha que está bamba, o engasgado do carro que, segundo um mecânico, “deve ser problema de velas” [e eu nem sabia que carro tinha vela], a sujeira das placas do aquecedor solar, as formigas que fazem o que querem na minha cozinha à noite, etc. São carrapichos que eu carrego comigo no meu dia a dia, anotados até na agenda [com a recomendação de serem eliminados o mais rápido possível], juntamente com “ir ao médico”, “ir ao dentista”, “ir à igreja”, “começar uma dieta”.

[Abro aqui um parêntese para explicar que esse carrapicho que eu chamo de “dieta” já se transformou num aglomerado em mim, num tumor (por enquanto benigno) difícil de ser extirpado, de tão enraizado que ele se encontra: são vários carrapichos reunidos num bloco compacto, que já se confunde com o meu corpo (e eu já nem ligo muito para ele) – tanto é que neste exato momento eu estou arrotando um macarrão (miojo) com queijo, sardinha e azeite (muito azeite) e meia garrafa de vinho tinto seco; e amanhã, em Belo Horizonte, vou comer uma lasanha de frango e baixar mais meia garrafa de vinho, coroando o jantar com uma torta de chocolate. Mas segunda-feira... Ah, segunda-feira...].

Mas a vida é assim mesmo. Chega uma hora que a gente se cansa de ser certinho demais e acaba tendo que se acostumar com alguns carrapichos grudados ao nosso corpo. O segredo é carregá-los numa boa, avaliando regularmente a área afetada, o grau de comprometimento do “tecido”. [Por exemplo: eu faço dieta de segunda a quinta, direitinho, e quando saio dela, na sexta, sábado e domingo, não exagero muito. Faço exercícios todos os dias (20 minutos de musculação e 50 de bicicleta ergométrica – que eu pedalo lendo, pois nunca consegui me acostumar com a ideia de pedalar sem sair do lugar: por isso eu uso o livro para fugir da academia e viajar por outros mundos, sem tirar a bunda da bicicleta e sem parar de suar). Tudo bem, sou gordinho (ainda não sou um gordo mórbido ou “grande obeso”, como dizem os portugueses), mas meu colesterol e minha glicose ainda são considerados excelentes, e não tenho nenhum outro problema grave de saúde (pelo menos por enquanto). Não vou me estressar demais com isso e deixar de tomar meu vinho e comer minha torta de limão ou de chocolate com uma certa regularidade e abundância comedidas (às vezes não tão comedidas). Comer é uma arte, e eu amo a arte...].

Aqueles carrapichos incômodos, que espetam, puxam e repuxam, que sejam extraídos imediatamente [ou você vai ficar com a privada entupida ou sem internet em casa?]: Tudo bem, eu sei que tem gente que fica sem internet em casa, porque não tem nem computador, e que outros nem privada têm, mas aqui estou me referindo a pessoas de uma condição social parecida com a minha, dependentes de uma certa comodidade capitalista que, embora não seja a das classes mais abastadas do sistema, não chega ao nível das necessidades básicas dos miseráveis deste país, que acordam às cinco da manhã para trabalhar numa empresa fazendo o que não gostam, ganhando uma miséria, só para enriquecer seus patrões e se sentirem úteis e honrados.

Como eu dizia, que sejam retirados e eliminados os carrapichos que incomodam de verdade, mas, sinceramente, não vejo necessidade de nos estressarmos demais com os outros, que só precisam ser monitorados com cuidado, e, em caso de “metástases”

descontroladas, de aumento excessivo do “tumor”, que ganhem prioridade na lista de cirurgias emergenciais e sejam extirpados.

Vamos aproveitar melhor nosso curto tempo de vida nesse planeta para fazer o que realmente gostamos, de verdade, do fundo da alma. Se você gosta de catar carrapichos, que bom para você. Eu não gosto. Prefiro escrever crônicas e contos, ler, amar e cuidar da minha família, com tempo para curtir, para ter prazer...

E enquanto isso a barriga cresce, os pombos se reproduzem, o carro segue caindo aos pedaços...

E a gente vai vivendo...

10 - Flores brancas na noite escura da alma

Ele tinha 15 anos. Era magro, feio e triste.

No começo era só o desprezo dos colegas e professores. Ninguém sabia seu nome nem conversava com ele. Suas notas eram medíocres, passáveis, indicando inaptidão e falta de talento, o que o colocava, dentro da classificação estabelecida informalmente pelos diretores e supervisores, no “ponto morto”, naquela posição que, embora não representasse um risco sério para a imagem da escola, não contribuía em nada para o seu engrandecimento institucional, sempre atrelado ao ranking dos colégios e aos primeiros lugares nos vestibulares das grandes universidades de elite.

Ele simplesmente não existia.

Pelo menos até o dia em que se dirigiu à mesa da professora, suando frio e tremendo, mudo, mas implorando ajuda com o olhar aflito e desesperado, com os dedos inquietos abrindo e fechando os botões da camisa; e a mulher, concentrada em alguns trabalhos que corrigia, fingia não tê-lo percebido, como se ele fosse uma peça decorativa surgida do nada, quase invisível.

Enquanto isso, os outros alunos mantinham-se em silêncio, alguns estudando, outros enviando mensagens pelo celular, desenhando, escrevendo...

Até que, não suportando mais a angustiante espera [ele já estava ali há mais de três minutos], um uivo de agonia saiu do fundo da sua alma, arrancando de seus pulmões e garganta toda a força necessária para devastar a indiferença dos colegas e da professora – e junto com esse grito de horror, um caldo escuro de diarreia explodiu no seu traseiro, marcando com uma enorme mancha marrom e fétida o tecido claro de sua calça desbotada.

A professora se levantou num salto e agarrou seu braço com força, puxando-o para fora da sala. No corredor, uma funcionária da escola repreendeu-o por não ter ido ao banheiro a tempo, levando-o em seguida para se lavar.

A partir desse dia a indiferença e o desprezo dos colegas se converteram em crueldade. Ele se transformou no alvo principal de todas as chacotas e piadinhas de corredores, e mesmo na sala, durante as aulas, comentários maldosos eram lançados aqui e ali, levantando risos abafados e silêncios constrangedores, sempre sob o olhar tranquilo e distante do professor.

Ele continuou não participando dos trabalhos em grupo e não encontrando ninguém para conversar no recreio, mas não era mais um Zé ninguém, um simples criador de indiferenças, pois os outros o notavam, olhavam para ele e riam – o que, no entanto, feria mais, doía mais, tornando-o cada vez mais amargo e triste.

Festinhas eram organizadas, passeios a fazendas e sítios aconteciam todos os meses e ele nunca era convidado. Seus únicos amigos eram os livros, que ele começou a ler também na escola, durante o recreio, embaixo de um enorme caramanchão, bem afastado do

burburinho incessante dos outros adolescentes, que brincavam e conversavam em suas rodinhas.

Mas mesmo em seu refúgio de solidão, às vezes lhe chegavam bilhetinhos ofensivos e zombeteiros, quase sempre trazidos por um garoto vesgo e narigudo, com um leve retardo mental, mas que havia sido aceito pelos outros como uma espécie de mascote, sempre pronto a cumprir as ordens dos líderes do bando ou das meninas ricas, acostumadas em casa e na escola com paparicos e servilismos.

Um dia, o menino vesgo foi ao caramanchão levando uma pequena caixa de isopor fechada. Disse que era um presente dele, um pedido de desculpas por todos os bilhetinhos que ele havia trazido. Deixou-a ali, em suas mãos, e saiu correndo pelo pátio.

Sua primeira reação foi desprezar a caixa, deixá-la ali mesmo no caramanchão, fechada, intocada, e ir embora. Mas depois de alguns minutos de reflexão, resolveu abri-la. Não se surpreendeu com o que viu; mas diante daquela imagem repugnante, que lhe dizia, em seu silêncio asqueroso “Você é a escória da escória, o estorvo do estorvo: nada”, ele sentiu como se uma noite escura tomasse conta da sua alma naquele exato momento: uma sensação penosa: uma dor profunda revirando as densas sombras do seu ser, que depois se acalmava, para logo em seguida começar de novo – como uma dor de parto, mas na alma, no âmago da sua existência, do seu espírito pisado, massacrado, cuspidos.

Deixou ali a caixa cheia de fezes, de diferentes cores e consistências, como se fossem de várias pessoas, e dirigiu-se à saída do colégio, disposto a voltar só dois dias depois, para a realização do seu único e último ato.

Passou a tarde e a noite sem dormir, sem comer, e o dia seguinte todo, se preparando, se organizando, pensando em todos os detalhes do seu plano. Só interrompia o trabalho para ler Walt Whitman, Tolstoi, Edgar Allan Poe, Willian Burroughs e Allen Ginsberg, e para recitar em voz alta trechos de seus poemas preferidos, sobretudo os de Ginsberg em seus momentos mais sombrios: “A ti, Céu depois da morte, Único abençoado no Vazio, nem luz nem escuridão, Eternidade Sem Dias...”. E continuava, arquitetando tudo, escritos e rabiscos jorrando de suas mãos para o papel em jatos contínuos – orgasmos múltiplos de sangue sem interrupção.

Quando entrou na escola vestindo um pesado casaco de lã em pleno verão ninguém achou estranho. Na verdade, ninguém notou nada. Ele sabia que seria assim, por isso não se preocupou. Entrou no banheiro e se trancou num dos boxes sanitários, para aguardar o início das aulas.

Oração da Manhã. Avisos. Vozes e passos em tropel pelos corredores. Silêncio.

Era o momento de agir.

Atravessou o corredor em direção à sua sala com a mão direita enfiada dentro do casaco. A aula tinha acabado de começar. O professor de História continuava seu discurso pomposo sobre a economia capitalista, citando, como exemplos, pais de alunos ricos da classe,

grandes empresários da cidade que, juntamente com juizes e políticos, eram ali reverenciados através de seus filhos [a maioria arrogante e estúpida, mas digna de elogios e paparicos simplesmente por serem filhos de quem eram].

Entrou sem pedir licença e se colocou diante da turma, ao lado do professor, que emudecera de susto ao vê-lo se aproximar vestido daquele jeito, com o ar cansado e sombrio, olhos avermelhados, o cabelo despenteado, ensebado. Parecia um louco; mas ninguém se moveu. Ficaram ali, estatelados, atônitos, estarecidos, os olhos esbugalhados de espanto, de medo.

Professor e alunos continuaram mudos e estáticos enquanto ele tirava de dentro do casaco um enorme maço de folhas, distribuindo-as, uma a uma, a todos os presentes. Eram centenas de poemas que ele escrevera nos dois dias anteriores, sobre amor, amizade, compaixão, generosidade e humildade; citações bíblicas que mostravam a simplicidade dos ensinamentos de Cristo: o amor ao próximo, o perdão, o desapego às coisas materiais; textos que ele mesmo escrevera sobre a sua própria dor, mas que terminavam sempre com mensagens de esperança e paz.

Ao entregar seus escritos, andando pelas filas de carteiras como se dançasse ao som de uma melodia celestial, ele dava um beijo na testa de cada um de seus colegas, inclusive daqueles que haviam contribuído com a sua cota de matéria fecal para o presente na caixa de isopor.

Dali ele saiu para as outras salas, onde também espalhou seus textos. Pregou-os em todos os murais; lançou-os nos banheiros, na secretaria, na lanchonete, nas quadras, na sala de vídeo, nos laboratórios, deixando, ao final do percurso, depois de tudo distribuído, um manuscrito de trinta páginas [encadernado em capa dura] embaixo do caramanchão – o velho e solitário caramanchão, que o acolhera como um amigo durante todo o tempo em que ali viveu sua solidão junto aos livros, e que naquele dia florescia com uma exuberância jamais vista: cobria-se de flores brancas e ternas que, brilhando ao sol, pareciam querer ilustrar o título da primeira e última obra daquele jovem e triste poeta: “Flores brancas na noite escura da alma”.

11 - Goiabas bichadas

Na estrada deserta, o carro cortava a noite em alta velocidade. ‘Não acredito que você fez isso’. “O quê?”. ‘Deixar aquela mulher na estrada, sem prestar socorro’. “Mas ela estava morta”. ‘Você não sabe se ela estava morta’. “Como não sei? Sou médico, sei muito bem quando estou diante de um cadáver ou não”. ‘Mas os lábios dela tremiam, os dedos se mexiam’. “Isso é normal. Ela tinha acabado de morrer. Ontem mesmo eu vi uma reportagem no *Discovery Channel* sobre o Baiacu, aquele peixe que os japoneses adoram. Numa cena o peixinho estava morto numa bandeja, limpinho, as vísceras já postas numa tigela à parte, e ele ainda mexeu a boca três vezes. Com o corpo humano é a mesma coisa”. ‘Mas você tinha que prestar socorro’. “Não tinha nada. Quem disse isso? Os nossos legisladores? Ora, não me faça rir. Prestar socorro a quem? A um corpo?”. ‘Você é responsável pela morte daquela mulher. Tem que pagar pelo que fez’. “Foi um acidente. E acidentes acontecem. O que você quer? Que eu me entregue à polícia? Que eu diga Olha seu policial, eu bebi três taças de vinho com os amigos num sítio aqui perto e ao voltar pra casa, sozinho, atrolei uma mulher que andava de bicicleta no acostamento, e ela morreu. É isso que você quer? Pra quê?”. ‘Justiça’. “Que justiça? A dos juizes? Dos deputados?”. ‘Você cometeu um crime’. “Não me diga... Eu conheço o Código Penal. Por isso mesmo eu sei que, se eu me entregar, nenhuma justiça será feita. Vou pagar uma fortuna a um bom advogado mercenário, que vai livrar a minha cara em menos de duas semanas. E eu ainda tenho amigos juizes que não pouparão esforços para me ajudar. Só vou ter que aguentar os jornalistas me chamando de canalha em rede nacional, o que me desagrada um pouco. Por isso prefiro facilitar as coisas e deixar tudo como está: ninguém me viu, ninguém anotou a minha placa...”. ‘Eu vi’. “Mas você não conta. Daqui a pouco eu te convenço e nos acertamos. A propósito, é a primeira vez que você me dá trabalho desse jeito. Sempre que você me questiona sobre minhas atitudes e ideias eu te neutralizo em menos de um minuto. E agora isso... Você se lembra quando eu pedi àquele coitado pra dar um jeito nos pés de pequi e de ipê amarelo da minha fazenda, dizendo que eu me responsabilizaria por tudo caso a polícia o pegasse?” ‘E a polícia o pegou e você jogou a culpa toda nele?’ “Pois é... você entendeu em um minuto que o que eu quis dizer para o coitado foi outra coisa, que foi ele que interpretou errado, achando que era pra cortar as árvores e não era... Foi uma confusão danada”. ‘Então era pra cortar’. “Claro que era. Mas pense comigo... Onde já se viu um médico respeitado como eu, pai de três filhos médicos, de uma família tradicional, ter que prestar contas à polícia e pagar multas por causa de meia dúzia de pés de pequi e dois de ipê?”. ‘Mas o coitado foi preso e teve que pagar multas’. “Ele cortou porque quis. Eu não o obriguei”. ‘Mas o enganou’. “Isso não importa”. ‘Importa sim’. “Para quem? Para Deus?”. ‘Talvez’. “Eu não acredito em Deus”. ‘Eu sei que não. E tenho nojo de você quando te vejo na igreja, ajoelhado, fingindo rezar, na sua ânsia por respeitabilidade, lustrando a máscara que esconde a sujeira da sua alma. Mas saiba que teus olhos te traem...’. “Não me venha com lições de moral. A vida é um jogo, e só ganha quem sabe jogar. Eu sei jogar. E nesse caso do atropelamento, eu agi corretamente, não tente me convencer do contrário. Ter que enfrentar a polícia, contratar advogado, para no final não acontecer nada. Pra quê? Agi corretamente porque me poupei desse atraso de vida”. ‘Você não pode garantir que não ia acontecer nada’. “Claro que posso. É o que acontece com a maioria dos políticos que roubam e dos médicos que matam e mutilam por descuido e negligência: absolutamente NADA”. ‘Mas cada um tem a sua consciência’. “Olha, vou te dizer uma coisa: conheço um político que já deve ter roubado tanto dinheiro da Saúde, que

daria pra construir uns vinte hospitais do câncer no país só com o que ele desviou, salvando a vida de muitas crianças que, por falta de estrutura e tratamento, acabaram morrendo. E eu te pergunto: não seria esse político responsável pela morte de todas essas crianças?” ‘Sim, em tese’. “Pois quero que você o conheça: um coroa bonachão, com uma família que sabe aproveitar bem o que ele rouba: todo mundo montado na grana: filhos, filhas, noras, genros e agregados [parentes e amigos que parasitam o núcleo familiar como sanguessugas, encontrando ali tudo de que necessitam para viver bem: empregos, moradia, comida, festas e vários sacos pra puxar]. E como ele é feliz! Nenhum problema com a consciência, eu posso te garantir. Se ele tiver uma, com certeza está presa numa câmara escura com uma enorme rolha na boca. Diferente de você, minha querida, que vê e fala o que quer e quando quer... Ó minha doce consciência... Como é que eu te aturo? Eu que sou tão perspicaz...”. ‘E a família daquela mulher?’. “A família dela vai sofrer de qualquer jeito, não importa se eu me entregar ou não à polícia. Aliás, penso que ela sofrerá mais se souber que eu me entreguei e não sofri nenhuma punição”. ‘Então é isso’. “Isso o quê?”. ‘Você não vai se entregar’. “Claro que não, que coisa! Mas quero que você fique tranquila, ok? Não suporto consciências pesadas, histéricas, que atormentam a nossa vida com suas lamúrias sem fim: Você não podia ter feito isso, não podia ter feito aquilo: - Ela é sua irmã, você não podia tê-la enganado pra ficar com o dinheiro só pra você; - Além de sócio, ele era seu amigo, confiava em você; mas você o enganou assim mesmo e deixou a família dele na miséria; - Você humilhou aquela mulher... ela não merecia isso; - O seu filho tinha que ter conseguido aquela vaga sem o auxílio da sua rede de amizades... Não aguento esse tipo de coisa”. ‘Eu sei’. “Vocês, consciências pesadas, não têm a menor chance neste nosso país de consciências leves ou ausentes. Vocês são como aquelas goiabas suculentas que se deixam perfurar pelas moscas, e depois carregam suas larvas, que se alimentam de vocês até transformarem suas polpas em uma massa podre e imprestável. As moscas são os pensamentos grandiosos que fazem o mundo girar, o dinheiro circular, os grandes impérios surgirem; são as ideias que alimentam o poder, o sucesso e o lucro, que destroem as consciências apegadas a valores retrógrados, atrasados, que só dificultam a vida daqueles que querem vencer, fazendo-os sofrer sem motivo”. ‘Somos então como goiabas bichadas’. “Isso mesmo: goiabas bichadas”.

12 - Café com ingleses

Meu nome é Lucas, tenho 28 anos e sou escritor. Vivo de criar e solucionar enigmas, que são publicados em revistas e sites especializados no mundo inteiro. Trabalho em casa ou em qualquer outro lugar, desde que haja por perto uma boa máquina de café expresso – como a que eu tenho na minha cozinha: uma obra-prima italiana que, se honrada com os grãos que ela merece, faz um café maravilhoso, com espuma espessa e aroma intenso [que entra pelo nariz e atinge a alma em menos de dois segundos; e a alma, em júbilo, agradece, presentindo, através de suas conexões mágicas com os sentidos do corpo, o equilíbrio perfeito entre o ácido e o amargo, entre a vontade de alçar vôo até as portas do Céu e a de ficar naquele corpo que, embora em putrefação, desfruta, todos os dias, aquele líquido misterioso e demoníaco].

Não tenho emprego com carteira assinada e, como eu disse, não preciso bater ponto em lugar nenhum, louvado seja!

Trabalhei uma vez numa empresa que me prendia num cubículo de dois metros quadrados por mais de oito horas por dia, e me fazia digitar milhares de cartas e ofícios desanimadores [que os chefes só assinavam e mandavam despachar, sem nem olhar para mim]. E eu pensava: “Será que o meu futuro é um dia me sentar numa destas cadeiras de couro, dar ordens, fiscalizar, assinar papéis e ganhar dinheiro pra pagar o apartamento de luxo, o carro importado, as plásticas da esposa, as férias no *resort* e os colégios e faculdades caríssimos dos filhos?”.

Um dia eu tive a certeza: não era aquilo que eu queria para mim. Por isso, depois de dois anos sendo explorado e humilhado por aqueles magnatas do carreirismo [que só pensavam em competitividade e estratégias disto e daquilo], resolvi pedir demissão e viajar pelo interior, para pensar um pouco sobre o que fazer da vida.

Eu era fascinado por histórias de detetive. Quando entrei no ônibus para Diamantina, numa fria manhã de julho, na mochila eu levava oito livros dos grandes mestres do romance de enigma, todos em inglês, língua que eu dominava desde pequeno, porque meus pais, embora pobres, sempre se preocuparam com a minha educação. E assim que eu arrumei o meu primeiro emprego, matriculei-me também em um bom curso de francês, o que me deu acesso a um outro universo cultural, sobretudo no campo da literatura e do cinema. E sozinho em casa, com a ajuda de apostilas e dicionários, aprendi também o espanhol, porque eu queria ler Marsé, Rulfo e Vázquez Montalbán no original [E como é bom ler os grandes mestres no original!].

No dia seguinte, sentado na mesa de um restaurante, com vista para o belo centro histórico de Diamantina, escrevi, em inglês, o meu primeiro conto que seria publicado e me renderia algum dinheiro [nada espetacular: somente alguns dólares, que me permitiram comprar os últimos lançamentos internacionais e me inscrever num clube inglês para escritores iniciantes].

Quando eu trabalhava na firma de advogados, trancafiado lá dentro como numa jaula, minha criatividade recebia poucos estímulos. O que eu escrevia todos os dias, nas

intermináveis horas de expediente, era uma simples reprodução de modelos padronizados, restando pouco tempo para o que eu realmente gostava: ler, criar e escrever histórias de mistério. À noite, quando eu chegava em casa, ia direto para o computador, onde quase sempre encontrava um conto pela metade, e escrevia até de madrugada. Outras noites eu me dedicava à leitura ou ao estudo do inglês, francês ou espanhol, sem saber aonde aquilo me levaria. Uma vez cheguei até a pensar que escrever contos de mistério e estudar línguas estrangeiras era uma grande bobagem. Acabei me matriculando numa faculdade de Direito, onde estudei por quase um ano, à noite, ficando esse tempo todo sem fazer o que realmente me elevava o espírito. Perdi a capacidade de inventar, de criar, tornando-me um robô, um técnico das leis, pois nessa faculdade o ensino era péssimo, exigindo dos alunos tão somente a simples reprodução mecânica de informações: um desperdício da inteligência humana.

Desisti da faculdade no dia em que fui punido por interpretar um dispositivo legal de forma contrária à interpretação do professor. Aquilo para mim foi demais. Na noite seguinte eu já estava de novo às voltas com meus livros, lendo e escrevendo.

Mas voltemos a Diamantina. Ali estava eu, sem trabalho, só com o dinheiro do meu acerto e das poucas economias que eu havia feito durante três ou quatro anos de sofrimento. Naquela mesa afastada do restaurante, de frente para uma janela de vidro que se abria para um belo conjunto de sobrados do século XVIII, escrevi um conto assustador, sobre um livro misterioso que levava à morte a maioria dos seus leitores [fora isso, nada a ver com “O Nome da Rosa”].

No dia seguinte, enviei o conto a um famoso site inglês, o *mystery.com*, que o aceitou sem nenhuma ressalva. Recebi a notícia em casa, por e-mail, algumas semanas depois, no sábado à noite. Minha alegria foi tanta que resolvi abrir um vinho tinto francês [que me havia custado uma pequena fortuna], guardado a sete chaves para o dia da minha aposentadoria. Não resisti. Liguei a tv no programa *Bouillon de Culture*, tirei a roupa e passei duas horas no sofá, feliz da vida, assistindo a uma entrevista com a escritora Amélie Nothomb, enquanto baixava o vinho e comia queijo e amendoim.

Naquela mesma semana recebi um e-mail de um agente recrutador do *mystery.com*, um inglês que morava no Brasil, me convidando para visitá-lo no seu apartamento. Fui sem pensar duas vezes. Cheguei e encontrei a porta aberta, com um bilhete me autorizando a entrar. Entrei e chamei. Nenhuma resposta.

O apartamento parecia ser enorme. Era mobiliado e decorado como se fosse uma mansão inglesa do século XIX, no melhor estilo vitoriano: móveis pesados, de jacarandá ou mogno, com detalhes de madreperla; paredes cobertas de quadros retratando belas paisagens do campo inglês; numerosos candelabros, luminárias e enfeites que lembravam o Oriente na época do Império; e num canto da sala, sobre um móvel que devia ter mais de trezentos anos, várias peças do que me pareceu ser a legítima cerâmica chinesa da Dinastia Song.

Porém, não tive tempo de testar meus conhecimentos de História da Arte. Ouvi um grito assustador vindo do interior do apartamento e corri para ver o que tinha acontecido. Ao empurrar a porta do primeiro quarto, de onde eu supus ter vindo o grito, deparei-me com

uma cena horripilante: um jovem loiro deitado na cama, tremendo, com as mãos no pescoço, na altura da garganta, de onde saía, num jorro contínuo, uma quantidade absurda de sangue. Ele me olhava e gorgolejava, como se dissesse “Cuidado”. Foi quando me virei e vi uma velha de camisola, segurando uma faca de açougueiro, vindo em minha direção. Gritei, desesperado, e corri em direção à janela, esquecendo-me de que estávamos no décimo andar. Foi aí que ouvi as gargalhadas. O rapaz loiro estava de pé na cama, e a velha tinha se transformado num outro rapaz, talvez um pouco mais velho que o primeiro, e ambos riam, sem parar.

Não gostei da brincadeira, mas relevei. O rapaz loiro se chamava Nicolas, e o outro, seu namorado, era Alec, dois ingleses endinheirados que trabalhavam para o site *mystery.com* no Brasil.

Recebi deles um convite para integrar a equipe brasileira de escritores de mistério do *mystery.com* [que, além de site, era também editora e promovia uma série de festivais e eventos relacionados à literatura de enigma no mundo todo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, onde as pessoas lêem muito mais do que na América Latina]. “Seu conto ‘Labaredas na Escuridão’ foi muito bem recebido pelos fãs”, disse-me Nicolas, “e por isso o site quer fazer um teste com você”.

Estávamos sentados num dos enormes sofás da sala de estar, cercados por obras de arte que deviam valer uma fortuna. Alec tinha ido preparar um café e se demorava na cozinha. Nicolas me perguntava sobre a minha vida. Quis saber se eu fazia outra coisa além de escrever, e eu disse que não, que eu havia pedido demissão de um emprego que me mantinha em baixíssimo nível de ideias – como numa linha de montagem –, e que agora eu queria me dedicar em tempo integral à literatura. Nicolas gostou muito do que ouviu e me disse que, se eu passasse no teste, eles me pagariam três mil dólares por mês, para eu escrever um conto por semana.

“E qual é o teste?”, perguntei animado.

Quando Nicolas ia começar a me responder, Alec entrou na sala trazendo uma bandeja com três xícaras de café. Ao beber o primeiro gole, perguntei: “O que é isso?”. Os dois amigos sorriram um para o outro e Alec respondeu: “Um café expresso. O que mais poderia ser?”. E eu olhava para o café, para aquela espuma dourada que se prendia na borda interna da xícara, consciente da pergunta idiota que eu acabara de fazer [pois eu sabia que se tratava de um café expresso], mas ao mesmo tempo enfeitiçado pela novidade daquele sabor e daquele aroma, que me evocavam recordações de vidas passadas [que eu não me lembrava ter vivido], além de me aguçarem a lucidez e a criatividade de uma forma inteiramente nova e inesperada. Nicolas interrompeu meus pensamentos dizendo que talvez o que eu queria saber era que tipo de café expresso era aquele. Eu balancei a cabeça em sinal de afirmação e sorvi, lentamente, mais um pouco da bebida, maravilhado com as sensações que ela me provocava. A resposta não podia ser mais clara: “Esse café é feito com os melhores grãos que existem no mundo, numa máquina que, na minha opinião, também é a melhor do mundo”, disse Nicolas.

Mas voltemos ao teste.

Terminado o café, Nicolas me explicou que, para ingressar na equipe de escritores do *mystery.com*, eu teria que transformar aquele meu conto “Labaredas na Escuridão” em um romance de 200 páginas [escrito em inglês], em um prazo de quatro meses. Eu poderia ficar no apartamento da frente, que também era deles, “e”, acrescentou Nicolas sorrindo, “você terá direito a quantos cafés quiser, pois o apartamento destinado a você está equipado com a mesma máquina que acaba de fazer esta maravilha aqui”.

Fiquei sem palavras.

Os dois jovens me encaravam com olhos cheios de mistério e ironia.

“O que me diz?”, perguntou Nicolas.

13 - Mendigos da alma

Ultimamente tenho refletido muito sobre Espiritualidade, essa dimensão da vida que nos liga ao transcendente, àquilo que está além da ordem material, levando-nos, muitas vezes, a questionar nossos próprios comportamentos e convicções. Minha reflexão, no entanto, encontra-se ainda em fase inicial, carecendo do auxílio de pessoas mais versadas do que eu nessa matéria e de novas leituras, o que, acredito, poderá amadurecer em mim essa vontade que eu sinto de buscar o que realmente importa na vida: o aperfeiçoamento espiritual através do amor, da caridade, da humildade, da generosidade e do trabalho honesto e solidário.

No mundo de hoje, somos constantemente bombardeados com imagens e propagandas que apelam para aquilo que há de mais egoísta em nós, sobretudo a necessidade de estarmos sempre em destaque, seja pelo dinheiro, pelo poder ou pelo sucesso profissional.

No entanto, em minhas leituras, tenho aprendido que, para Jesus Cristo, no Reino de Deus não existe espaço para o orgulho, para os que exaltam a si próprios; e que, segundo seus ensinamentos, devemos amar o próximo sem distinção de raça, credo, nacionalidade ou qualquer outra, pois todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai.

É triste perceber o quão distantes estão esses ensinamentos da vida que levamos nos dias de hoje. Já me irritei várias vezes com pessoas que se julgam importantes demais e que ficam o tempo todo se vangloriando disto e daquilo, apontando os erros e defeitos dos outros, para diminuí-los, enquanto se colocam como donos da razão. Mas depois, ao refletir sobre mim mesmo, percebi que a irritação que eu sentia diante do egocentrismo alheio era uma reação do meu próprio ego, que queria que EU me destacasse e tivesse razão, não o outro. Reconhecer isso, a meu ver, já foi um grande avanço, mas eu sentia que era preciso mais: era preciso superar de vez essas “paixões violentas por coisa nenhuma”, como dizia Fernando Pessoa.

Superar de vez essa vontade de me destacar e ter razão eu ainda não consegui, mas um avanço muito significativo a caminho dessa superação eu dei quando olhei nos olhos de uma pessoa [que se julgava muito importante] e vi neles o brilho opaco que um espírito ainda muito apegado a títulos, reconhecimento público e dinheiro deixa escapar.

Isso aconteceu quando me vi enredado numa trama tecida arditamente por essa pessoa, que queria, de todo jeito, colocar-se numa posição de superioridade incontestável frente aos outros. Ao cair na sua rede, percebi que argumentar não adiantaria nada. Lutar contra sua vasta experiência na arte da enganação seria uma batalha perdida: como se um único soldado [maltrapilho e desarmado] se lançasse contra o exército inimigo em campo aberto, vislumbrando a morte de frente, sem medo, mas consciente da derrota. No entanto, foi justamente a aceitação da minha derrota que me deu a vitória... Não sobre a pessoa em questão, que manteve a sua posição de superioridade, mas sobre mim mesmo. Ao olhar nos olhos daquele general vitorioso e perceber neles o prazer que aquele momento lhe proporcionava, senti, ao invés de medo ou nojo, uma sensação de paz espiritual muito grande [embora depois eu tivesse que desabafar em lágrimas os resíduos de indignação que me haviam restado daquele ridículo episódio]. Lembro-me que, espiritualmente, senti-me

alçado a um patamar mais elevado que o do general, que, no entanto, para si próprio, estava muito acima de mim.

Hoje, depois de algumas leituras muito enriquecedoras, entendo que a minha sensação de elevação naquele momento pode ser facilmente explicada pelos sábios ensinamentos de Cristo [abraçados também pelo Espiritismo], que nos revelam o seguinte: o trabalho, a vitória e o sucesso no plano material e corpóreo não têm os mesmos significados no plano espiritual. Aquela paz que eu senti naquele momento talvez tenha sido o prenúncio do que em breve eu descobriria com as minhas leituras. Foi o início da minha vitória sobre a angústia da necessidade de aprovação e de reconhecimento por parte dos outros. Foi como se do meu inconsciente viesse a mensagem: “Não ligue para isso. Não é importante. Trabalhe com amor. Faça o bem. Não se preocupe com o que as pessoas pensam ou falam de você. Não busque recompensas efêmeras nestes círculos de vibrações inferiores, onde, na maioria das vezes, os vícios da ambição e da dissimulação são exaltados em detrimento do que realmente tem valor para Deus, que te ama e estará sempre contigo”.

Senti como se aos poucos eu estivesse deixando para trás um outro eu. Vi-me mais ou menos na pele daquele personagem do livro “O emblema vermelho da coragem”, o soldado praça gritalhão. Ele costumava ser visto pelos colegas como “um meninote espalhafatoso, dono de uma audácia advinda da inexperiência, impulsivo, teimoso, ciumento e cheio de uma coragem de latão”. No entanto, seu comportamento mudou notavelmente após uma grande batalha, à qual sobreviveu: “Envolto numa perfeita segurança, demonstrava agora uma fé serena em seus propósitos e habilidades. Essa firmeza interior lhe permitia, naturalmente, ficar indiferente às pequenas alfinetadas que os outros lhe dirigiam”.

Como eu disse, a verdadeira vitória, a superação plena do orgulho, do egoísmo e do egotismo próprios dos círculos carnis, ainda está muito distante de mim; mas considero essa transformação que eu vivi [e continuo vivendo] um passo muito importante na minha trajetória terrena.

Hoje eu consigo perceber mais claramente que os valores da espiritualidade não são os mesmos que costumamos exaltar no mundo material. Perdemos muito tempo na crosta terrestre em vaidades inúteis, gastando preciosa energia na adoração ridícula de nós mesmos, de nossos filhos e amigos. O que importa, para o aperfeiçoamento espiritual, é a humildade, a caridade, o amor, a doação [sem receber nada em troca, nem favores, nem dinheiro], o trabalho honesto e justo...

Com outras palavras, André Luiz, no livro “Nosso Lar”, ensina-nos que as mercadorias propriamente terrenas não têm o mesmo valor nos planos do Espírito. Triste é perceber, no entanto, que milhares de homens e mulheres cegos de ambição e egoísmo desencarnam todos os dias sem compreender isso. “Foram negociantes imprevidentes”, conta-nos André Luiz: “Esqueceram de cambiar as posses materiais em créditos espirituais. Não aprenderam as mais simples operações de câmbio no mundo. Quando iam a Londres, trocavam contos de réis por libras esterlinas; entretanto, nem com a certeza matemática da morte carnal se animaram a adquirir os valores da espiritualidade. Agora... que fazer? Temos os milionários das sensações físicas transformados em mendigos da alma”.

Mas não é fácil perceber essa verdade. Como generais em campos de batalha, encarcerados em suas opiniões próprias, os homens traçam estratégias de vitória, manipulam e humilham os outros, e chegam muitas vezes a afirmar: “Estou com a consciência tranquila”. Ora, mas o que é essa consciência senão um reflexo de sentimentos mundanos, na maioria das vezes muito mais sensíveis às vibrações inferiores do que às superiores?

No seu impressionante livro “O homem duplicado”, José Saramago elucida muito bem essa questão da consciência. Ali, numa passagem, o narrador explica que “uma mente dominada por sentimentos inferiores é capaz de obrigar a própria consciência a pactuar com eles, forçando-a, arditamente, a pôr as piores ações em harmonia com as melhores razões e a justificá-las umas pelas outras, numa espécie de jogo cruzado”.

A meu ver, é assim que nos transformamos em mendigos da alma nos planos do Espírito.

Bibliografia:

- CRANE, Stephen. *O emblema vermelho da coragem* (1895). São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010.
- SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- TOLSTOY, Leo. *The Gospel in Brief*. University of Nebraska Press, 1997.
- XAVIER, Francisco Cândido (pelo Espírito André Luiz). *Nosso Lar: a vida no Mundo Espiritual*. 61ª edição. Federação Espírita Brasileira, 2010.

14 - CEDAF: uma escola de vida

CEDAF-UFV, Florestal-MG, fevereiro de 1990 [Semana de trotes]:

Em frente ao alojamento, um grupo de veteranos cortava os cabelos de alguns calouros recém-chegados que, tremendo de medo, aceitavam pacificamente a inexorável ação das tesouras. No chão, os tufo de pêlos formavam pequenos montes negros e dourados que o vento, com seu sopro preguiçoso e úmido, ia espalhando aos poucos pela areia branca do pátio central.

Esses calouros logo seriam batizados. Eram adolescentes ainda, com 14, 15 ou 16 anos. No batizado, receberiam um apelido, dado por seu padrinho, um veterano do 2º ou 3º ano que, embora não passasse de um fedelho trazendo ainda vivas na pele as marcas da puberdade, tratava o seu afilhado como se fosse propriedade sua, castigando-o por qualquer motivo [como, por exemplo, não conseguir pegar o sabonete com a bunda na hora do banho], mas também, sejamos justos, protegendo-o de outros veteranos, quando julgasse necessário.

Os apelidos dados pelos padrinhos tinham como objetivo ridicularizar e humilhar o calouro, que durante a semana de trotes era obrigado a trazer no pescoço uma placa de papelão com a sua identificação: apelido e padrinho. Na verdade, no batizado, o calouro recebia um NOME. Com uma arrogância digna dos mais altos escalões, os veteranos determinavam que, a partir daquele dia, o apelido do calouro passaria a ser “o nome feio que o seu pai e a sua mãe te deram”, diziam. O nome “verdadeiro”, nos três anos que ele moraria no alojamento e frequentaria as aulas no prédio principal, seria aquele dado pelo padrinho na ocasião do batizado.

[A seguir, compartilho com o leitor alguns nomes de calouros cedafianos que me chegaram agora, direto do túnel do tempo: Cória, Garrote, Jiló, Kabaço, Kaganeira, Kuqueluche, Mulambo, Ku d’água, Nematóide, Roitoba, Paracú, Naftalina, Tribufú, Kuaresma, Dopado, Jegão, Mirraxa, Nucú, Piranhoso, Rolinha, Sgoto, Supositório, Xitara, Xupão, Biskate, Furreka, Buneka, Kunotoko, Kuteko, Menorréia, Xupeta, Korrimão, etc.].

No interior do alojamento, alguns calouros esfregavam os corredores com escovas de dente, repetindo em voz alta, sem parar, enquanto labutavam, sob a fiscalização severa dos veteranos: “Um ladrilhozinho bonitinho mais um ladrilhozinho bonitinho são dois ladrilhozinhos bonitinhos; dois ladrilhozinhos bonitinhos mais um ladrilhozinho bonitinho são três ladrilhozinhos bonitinhos...”. Outros calouros mediam a extensão de um corredor com palitos de fósforo; outros, no banheiro, eram obrigados a tomar banho frio e a gastar um sabonete inteiro, sem desligar o chuveiro [Só podiam sair quando o sabonete acabasse, determinação que, hoje, seria considerada um crime ambiental grave, mas que, na época, não passava de um enorme desperdício de dinheiro público]; enquanto isso, no mesmo banheiro, vários calouros, completamente nus, eram enfiados num único boxe, onde tinham que se banhar juntos [e coitado de quem deixasse o sabonete cair no chão: tinha que pegar, sem que ninguém arredasse o pé dali].

Nos quartos, as brincadeiras rolavam dia e noite. Uma das mais tradicionais era amarrar os testículos do calouro com um barbante apertado que, na outra ponta, era atado a um ferro de

passar roupas, daqueles antigos, pesados. O calouro era colocado em cima de uma mesa, tinha os olhos vendados e era obrigado a segurar o ferro, enquanto os veteranos gritavam: “Solta o ferro, calouro, solta o ferro...”, até que, para desespero do calouro, alguém batia em suas mãos e o ferro caía [porém, sem arrancar-lhe as bolas, pois em meio à confusão, conforme o combinado, alguém, com muito cuidado, havia cortado o barbante].

Outra brincadeira [que talvez tenha sido inventada em 1991] era a “Máscara de Gás” [Na verdade, “máscara de gás” era como os veteranos chamavam o tênis com o chulé mais fedido e ardido do alojamento]. Estávamos em plena Guerra do Golfo e os bombardeios aconteciam todos os dias [lá longe, no Oriente Médio]. Quando um “avião inimigo” se aproximava, os veteranos gritavam para o calouro: “Alerta Vermelho, calouro, Alerta Vermelho... Coloque a máscara de gás”: e ele era obrigado a encaixar o tênis no nariz e na boca, de forma que o ar não entrasse, e respirar fundo, várias vezes, até o Alerta Vermelho passar [Alguns chegavam a passar mal, vomitavam, e eram levados à Enfermaria].

No refeitório, durante toda a semana, os calouros só comiam arroz e feijão, pois carne, doce de leite e outras iguarias fresquinhas, produzidas na própria escola, iam direto dos bandejões deles para os dos veteranos; simples assim: “Calouro, passa pra cá esse doce”; “Calouro, esse frango aí é meu; põe aqui”. E eles punham, é claro. Ai de quem não pusesse... E aí também de quem não fosse buscar suco para os veteranos ou de quem se recusasse a servir-lhes mais polenta ou salada e, às vezes, até a dar-lhes comida na boca, picar sua carne, palitar seus dentes e sentir seus arrotos.

Voltando do refeitório, a caminho do alojamento, os calouros eram frequentemente bombardeados com sacos de água gelada, que estouravam em seus pés ou, como era muito comum, em suas cabeças desavisadas. Estas, mesmo aturdidas, assim que recebiam o primeiro golpe, ordenavam às pernas bambas de medo que corressem o mais rápido que pudessem, o que, no entanto, não impedia o registro na memória daqueles jovens, para o resto da vida, das palavras que ecoavam como trovões das janelas do alojamento, enquanto as bombas caíam: “Calouro burro, volta aqui, desgraçado”.

Nesta semana de trotes, calouro não “batia o barro”, como se dizia. As fezes se acumulavam e endureciam nos intestinos, pois eram poucos aqueles que se arriscavam nos pequenos boxes sanitários semi-abertos, em frente aos chuveiros. O calouro que não aguentava, quase sempre era surpreendido por um veterano que, ao entrar no banheiro, gritava: “Quem tá aí?”, ‘Eu’, “Eu quem? É calouro?” ‘...’ [Nesse ponto do diálogo, a musculatura anal do calouro já tinha trancado tudo lá embaixo. Não saía mais nada] “Quem é o seu padrinho?” ‘Jegão’, “Mas cê tá podre, heim calouro! Puta que o pariu... Sai daí agora, calouro... Se você não sair daí A-GO-RA, eu vou arrebentar essa porta e fazer você comer essa merda que cê tá fazendo aí dentro”. [A conversa era mais ou menos assim].

À noite, os veteranos [organizados numa espécie de grêmio] verificavam se faltava algum calouro nos quartos. Isso se justificava porque, em decorrência dos trotes, muitos calouros fugiam para os matos circunvizinhos, para poderem dormir em paz, escondidos, já que as “brincadeiras” dos veteranos não paravam nem de madrugada.

Para as buscas nos matos, os veteranos organizavam verdadeiras matilhas de calouros que, amarrados com cordas e coleiras, e de quatro, tinham que farejar, como cães, os fugitivos da sua espécie, até encontrá-los.

No dia seguinte, por volta de 5:30 da manhã, grupos de veteranos invadiam os quartos dos calouros, convocando-os para a ginástica matinal: uma enorme sequência de flexões, polichinelos e abdominais, que só os calouros faziam.

Depois do café, quando todos se dirigiam ao prédio principal para as aulas, os calouros normalmente acompanhavam seus padrinhos, como escravos, abanando-os com as mãos, ou impedindo, com um pedaço de papelão ou de madeira, que o sol queimasse seus rostos. Às vezes um veterano se munia de dois calouros, que o carregavam e o depositavam, como um rei, na sua carteira. [Era muito comum ouvirmos os veteranos negociarem uns com os outros: “Me empresta esse calouro aí”; “Vamos trocar de calouro hoje? Tô precisando de um mais forte, para limpar o meu quarto e carregar os armários”].

Eu poderia ficar aqui horas e horas escrevendo sobre as experiências que eu vivi na CEDAF em fevereiro de 1990, e acredito que um livro poderia ser escrito sobre o que aconteceu nos anos seguintes. Ali, eu e mais três colegas de Pará de Minas moramos três anos; e, em dezembro de 1992, recebemos das mãos de Patrus Ananias, nosso paraninfo, o diploma de Técnicos em Agropecuária – com muito trabalho, pois o curso não era nada fácil: tínhamos aulas de manhã e à tarde, e provas teóricas e práticas de arrancar os cabelos. Foram anos incríveis que, mesmo com todas as humilhações sofridas na semana de trotes, ajudaram a fortalecer em mim valores que, hoje, eu quero transmitir aos meus filhos: humildade, generosidade, amizade e respeito ao próximo.

Dedico este texto aos meus amigos e companheiros de quarto na CEDAF-UFV, entre 1990 e 1992, Júlio César Vieira Leitão Gomes, Bráulio Abreu Campos e Ricardo Resende Barbosa.

Dedico-o também a todos os meus professores na CEDAF, em especial ao João Andrade Gonçalves, que me fez gostar de Matemática e que, com sua competência e humildade, mostrou-nos que não é preciso ser laureado com o título de Doutor para ser um grande mestre; e à querida Maria Luiza Leão, a famosa Tia Lu, brilhante professora de Português, que nos enfeitiçava com o seu carisma e nos enlaçava com a sua generosa amizade.

Faço também uma dedicatória especial ao saudoso professor Antônio Almada Lopes (1931-2006) – que lecionou na CEDAF por 29 anos –, meu conterrâneo e membro da Academia de Letras de Pará de Minas [da qual hoje eu também faço parte, com muito orgulho], que embora não tenha sido meu professor, era tido pelos seus ex-alunos como um ser humano excepcional e um excelente profissional.

Na foto acima, o Centro de Extensão da CEDAF – Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal - UFV, hoje Universidade Federal de Viçosa – Campus Florestal.

15 - Pombos

Numa ensolarada tarde de sábado, quando voltavam de um passeio pelas mal cuidadas praças do bairro, o jovem professor e sua esposa viram dois pombos cinzentos se esfregando no telhado de sua nova residência, bem em cima da garagem. Naquele dia, o jovem casal não percebeu a dimensão hitchcockiana do problema que, nas semanas seguintes, eles teriam que enfrentar.

Dois pombinhos de namorico no telhado de uma casa. Que problema há nisso?

Concordo que pode até ser agradável receber de vez em quando a visita de uma dessas aves em casa, ou talvez até tê-la como hóspede definitivo em algum canto do telhado, onde ela pode fazer seu ninho e viver em paz com seus filhotes [algumas são até muito bonitas, com suas plumagens em tons variados de cinza, preto e verde]. Se fosse só isso [e para corrigir o exagero que eu cometi acima ao empregar a palavra “agradável”], eu diria que seria até SUPORTÁVEL. Mas quando o assunto é pombo, não há na sintaxe do discurso que lhe serve nenhum espaço para a palavra “poucos”. Não existe UM pombo em nenhum telhado do mundo. Se há pombos no seu ou em qualquer outro telhado, eles são muitos, dezenas, centenas, e se reproduzem como ratos, e comem e cagam e fedem como ratos.

Parece que isso nem sequer passou pela cabeça dos dois novos moradores do bairro, pois ao entrarem pelo portão e notarem os dois pombinhos num dos cantos do telhado, eles apenas sorriram um para o outro e entraram na casa, como se flutuassem no ar. Porém, quem tivesse testemunhado de perto aqueles sorrisos e soubesse ler o que se escondia por trás deles, certamente entenderia o motivo da pouca importância que os recém-chegados deram à presença ameaçadora de um casal de pombos em seu telhado – uma imagem que, para ambos, naquele momento, significou apenas o prenúncio do que eles próprios planejavam fazer na cama logo em seguida: dois pombinhos recém-casados, sem filhos e com menos de trinta anos, quando chegam em casa e têm como recepção dois outros pombinhos em plena Lua de Mel só podem pensar mesmo em se empoleirarem na cama e mandarem ver.

Por isso, não posso afirmar que o motivo deles não terem estranhado aquela presença alada no telhado [nem tampouco olhado um para o outro com aquele olhar característico de “problema à vista”] fosse a ignorância pura e simples. O mais provável é que, naquele momento, ambos tenham sido desviados da razão pelos hormônios do desejo, que, no início de qualquer casamento convencional, permitem até associações de imagens românticas [óbvias demais, temos que concordar], como aquelas: um casal de pombos namorando no telhado // um ninho de amor à espera de dois jovens apaixonados, encantados com o início do casamento.

Na tarde seguinte, porém, a associação de imagens foi outra [se é que podemos chamá-la de “associação de imagens”; talvez melhor seria “a percepção de uma semelhança macabra”, que significava, naquele momento, um aviso].

Mas, como eu ia dizendo, na tarde seguinte, o olhar do jovem professor foi outro – talvez por não estar numa veia romântica em pleno domingo, com três pacotes de provas para corrigir –, quando viu, ao entrar, sete pombos se acariciando ao redor da caixa d’água.

[Aqui cabe um parêntese para explicar que a caixa d'água em questão foi projetada por uma renomada arquiteta para ser um elemento de harmonia no conjunto da fachada da casa: uma combinação de curvas e retas que, no entanto, logo perdeu a simetria planejada para se tornar um mostruário de outras peças decorativas (estas inoportunas e invasoras), cujas características principais, como sabemos, são três: voarem, defecarem e federem].

Como eu dizia, naquele momento, ao ver sete ratos alados se esfregando ao redor da caixa d'água, o professor resgatou da sua memória cinematográfica a velha cena do filme “Os Pássaros”, de Alfred Hitchcock, em que Tippi Hedren observa, aterrorizada, um bando de corvos empoleirados no parquinho de uma velha escola americana.

Nenhuma outra cena seria mais apropriada. O prognóstico foi perfeito: a caixa d'água do professor se tornou, com o passar dos dias, o ponto de encontro de uma infinidade de pombos, de várias cores e tamanhos, que ali ficavam horas e horas, emporcalhando tudo ao redor. Saíam apenas para seus vôos regulares sobre o bairro ou para alguns passeios estratégicos pelo telhado da casa, onde verificavam os melhores lugares para os seus ninhos.

E como é espantosa a capacidade reprodutiva desses bichinhos! Não preciso nem dizer que as laterais e cantos do telhado do professor se transformaram num verdadeiro pombal [ou melhor: numa verdadeira fábrica caseira de merda].

Nesta altura do texto é importante explicar que o jovem professor não sabia fazer nada que, fora dos planos afetivo e sexual, um marido de verdade deveria saber [pelo menos na opinião do senso comum]: consertar pia, desentupir privada, fazer o carro pegar no tranco, trocar lâmpadas fluorescentes [daquelas compridas] e, é claro, subir no telhado para exterminar pombos – com toda a crueldade de macho que o ato exigia, já que não bastava acabar com os pais, era preciso também aniquilar os filhos.

E é mais do que sabido que quando esses pseudo-maridos precisam pagar outro homem para fazer o serviço, eles adiam a decisão o máximo possível, talvez por vergonha ou por avareza [ou as duas coisas juntas], e o problema cresce [no caso dos pombos, de forma assustadoramente rápida].

Mas sejamos justos: o professor tentou pelo menos acabar com as orgias na caixa d'água, jogando traques e naftalina no telhado, o que no final das contas não adiantou grande coisa.

Espingarda de chumbinho? Proibido. Veneno? Proibido. O que resta, então, ao pobre professor? Conviver com os pombos? Enlouquecer? Se ele conseguisse ao menos não ter que se lembrar do filme do Hitchcock toda vez que entrasse pelo portão da garagem, já estaria satisfeito.

Mas eles estão sempre lá, principalmente à tarde, arrulhando, cagando, copulando, fedendo, enfim, vivendo suas vidas, mais ou menos como qualquer outro ser vivo...

Como qualquer um de nós... Ou quase.

16 - Dieta pra valer

Tenho um problema sério com dietas para emagrecer. De segunda a quarta é até fácil. Mas na quinta-feira as coisas começam a desandar, e na sexta a vaca vai pro brejo de vez, com perspectivas quase sempre catastróficas para o sábado e o domingo.

Na sexta-feira, quando o bombardeio calórico do dia começa a pesar no estômago e na consciência, a segunda-feira ressurge na minha imaginação como um novo começo, uma nova estaca zero, e, aliviado, penso: “Como na segunda-feira eu vou começar a dieta PRA VALER, hoje, amanhã e depois eu posso abusar”. E abuso mesmo.

O problema é que na semana seguinte tudo se repete: as coisas desandam na quinta, a vaca atola na sexta, e nos dois dias seguintes, nada de dieta. E nada de emagrecer... Só engordar.

Na segunda-feira eu acordo disposto a enfrentar qualquer obstáculo para perder pelo menos meio quilo na semana. O café da manhã é uma fatia de pão integral com queijo branco, uma xícara de café com adoçante e uma fruta. No intervalo, outra fruta; no almoço, arroz integral, feijão, muita verdura crua e nada de carne. À tarde, uma barra de cereal; e, antes de voltar ao trabalho à noite, um sanduíche de frango [com pão integral], cheio de folhas verdes de diferentes tonalidades, e um copo de suco natural de limão ou abacaxi. No intervalo da noite, um pãozinho e uma xícara de café.

A dificuldade maior é quando eu abro a geladeira por volta de onze da noite, com uma fome de leão que não vê um pedaço de carne há meses. Porém, até quarta-feira, tudo bem: um iogurte natural desnatado com aveia e uma maçã antes de dormir. E se a fome continua a me assolar com o seu ronronar insistente no estômago, eu ainda belisco uma bolacha água e sal antes de me deitar, muitas vezes sem conseguir apaziguar o cérebro, que, insatisfeito, exige mais comida.

Quinta-feira, onze da noite: abro a geladeira e me deparo com três ou quatro fatias de pizza portuguesa [com borda recheada de catupiry] e meia garrafa de Coca-Cola bem gelada [da normal, com açúcar]. Sobre a mesa, um pedaço de bolo de banana com canela. [Se não for pizza e bolo, são outras coisas: pão de queijo com linguiça, torta de frango, panqueca, biscoito, brigadeiro, strogonoff, etc.]. É que quinta-feira, meus pais, meu irmão e minha cunhada geralmente vêm para uma visita, e o lanche da noite, nesse dia, é especial. Quando eu chego, eles já saíram, mas o que sobra dos comes e bebes continua na cozinha.

Então eu abro a geladeira e me deparo com aquilo. O que eu faço? Fecho a porta, como se a pizza fosse um pé de alface e a Coca um iogurte Corpus de ameixa? Encaro a pizza e a Coca de frente, enfrentando-as, e digo pra mim mesmo: “Eu sou forte e vou resistir à tentação.”? Ignoro completamente as delícias e preparo uma sopinha de soja desidratada?

É claro que não!

Como é possível ignorar três ou quatro fatias de uma pizza portuguesa, com várias rodela de linguiça calabresa, muito queijo, muito presunto, muita cebola, pimentão, azeitonas

pretas e borda de catupiry? Como não beber aquela Coca-Cola geladinha, genuinamente doce e borbulhante?

Simplesmente não dá!

Ao me deparar com aquelas maravilhas, eu me recordo do gosto do pão integral, do arroz integral, do iogurte desnatado com aveia, das torradinhas, das barrinhas de cereais, do queijo branco, do café com adoçante, e penso: “Não... Hoje não”.

Esquento as fatias de pizza e lhes dou um banho bem generoso de azeite de oliva, antes de saboreá-las, com enorme prazer, junto com a Coca-Cola.

Depois eu sinto uma vontade louca de comer doce.

Resisto à tentação?

Nem pensar!

Meu raciocínio é o seguinte: depois de comer três fatias de pizza com muito azeite e beber meio litro de Coca, que diferença vai fazer se eu comer ou deixar de comer um pedaço de bolo de banana com canela?

E se eu vou comer um pedaço de bolo de banana, que diferença vai fazer se eu recheá-lo ou não com duas ou três colheres de doce de leite?

E olha... Depois disso tudo, não adianta nada eu me sacrificar no final de semana...

Acabou a dieta.

FIM.

Tenho que começar tudo de novo na segunda-feira.

Na segunda...

Aí eu começo MESMO a dieta...

Pra valer...

17 - O cínico

O cínico parece já não ter mais para onde subir na vida. É dono de um patrimônio imenso, que vai de fazendas e mansões a helicópteros, e goza de uma renda mensal que inveja até deputados e senadores, mesmo depois do aumento de 60% em seus salários. Grande parte dessa riqueza ele conseguiu através do seu cinismo: uma falta de vergonha, uma desfaçatez, uma impudência cevadas desde o berço, onde, bem pequeno, ele já sabia fingir o choro para conseguir o colo da mãe, esconder o pirulito embaixo do colchão para ganhar outro melhor, acusar o amiguinho de uma travessura que ele próprio cometera – coisas de criança, talvez; mas no cínico elas foram se multiplicando e tomando conta do seu espírito de tal forma que, na juventude, aliadas a uma ambição desmedida e a uma necessidade imensa de se destacar, deram origem a uma verdadeira máquina de vitórias – um estrategista de peito erguido, com um único propósito na vida: vencer: o que, para ele, significava ter muito dinheiro, um casamento de acordo com os padrões exigidos pela sociedade conservadora [de preferência financeiramente compensador], um cargo que lhe permitisse exercer poder sobre os outros, filhos brilhantes [os melhores naquilo que fizessem]... Mas para ele não importa se os meninos são apenas razoavelmente bem sucedidos em suas profissões. Ao falar deles, o cínico pinta um quadro fantasioso sobre seus dotes e vitórias, baseado apenas em alguns fragmentos de suas vidas que interessam a ele, cínico, transformando-os em verdadeiros super-heróis. Quem sofre mesmo são as pessoas obrigadas a ouvi-lo falar dos garotos: os relatos duram horas, são cheios de detalhes sobre as façanhas profissionais [e até mesmo sexuais] dos rebentos, muitas vezes comparando-os com outras pessoas, de forma a diminuí-las, ou citando garotas que lhes permitiram provar sua masculinidade viril, colocando-as, também [é claro] em uma posição de inferioridade.

E com que facilidade o cínico te critica pelas costas e, logo em seguida, diz exatamente o contrário na sua frente, te olhando nos olhos, com entonação enfática, como se aquilo realmente é o que ele pensa de você... É o jogo do cínico. Ele é um bom estrategista, sabe transformar as pessoas em joguetes, colocar umas contra as outras, envenenar relações, tudo para se manter no poder, para atrair olhares de inveja e admiração. E como poucos no universo da degenerescência moral, ele sabe se cercar de bons bajuladores, a maioria tão cínica quanto ele, pois nas suas costas, muitos desses baba-sacos criticam-no, ironizam-no, riem dos seus defeitos, do seu orgulho desmedido, da sua conversa enfadonha, cansativa; mas, na sua frente, tratam-no com respeito, concordando com suas opiniões e participando das suas intrigas...

Para o cínico, muitas vezes, os fins justificam os meios. Quase sempre ele lança mão de suas relações pessoais com gente importante [construídas também na base do cinismo e do fingimento] para conquistar ainda mais prestígio e poder, ou abrir caminho para os filhos e amigos em meio à multidão dos comuns até degraus mais altos da escala social [o que, sozinhos, eles não conseguiriam, por incompetência].

Normalmente, o cinismo vem acompanhado de maldade. No cínico, qualquer desavença pessoal aciona seu desejo de vingança implacável, e ele não sossega a alma atormentada pelo ódio enquanto não prejudicar seu desafeto. Se não for bem sucedido, para aplacar sua ira, ele investiga a vida da pessoa, só para se certificar de que a situação financeira ou patrimonial dela é inferior à sua ou à de seus filhos, já que, para ele, o que determina o

valor de um homem são os bens materiais que ele possui. Saber que o outro tem um salário inferior ou um patrimônio bem menor que o seu alivia a sua alma vil.

E ele geralmente vence... para os outros, para si, para a família. Ele é muito competente, perspicaz, inteligente, suas jogadas são rápidas, bem pensadas, e ele é bem recompensado por isso.

Mas como afirmou certa vez o grande escritor Oscar Wilde: o cínico pode conhecer muito bem o preço de todas as coisas...

...mas ele não conhece o seu valor.

Essa é a diferença.

18 - Labaredas na Escuridão

A casa ficava numa rua estreita e escura do centro histórico da cidade. Ali, num passado recente, àquela hora da noite, bêbados e mendigos dividiam as calçadas com prostitutas desesperadas, que ofereciam seus corpos a qualquer um que passasse, muitas vezes em troca de um pão bolorento ou de um prato de sopa. Naquela noite, porém, ao caminhar pelo passeio à procura do endereço que eu trazia rabiscado num pedaço de papel, só vi sacos de lixo rasgados por cães famintos, garrafas quebradas e um gambá morto em avançado estado de putrefação. O resto era silêncio e sombras. Na mochila eu levava um caderno de anotações, uma garrafa de água e três folhas soltas de um livro há muito desaparecido.

A casa tinha dois andares e parecia abandonada: vidraças quebradas, pichações, pintura descascada e mofo nas paredes davam a impressão de que ali eu só encontraria ratos, baratas e morcegos [e talvez alguns fantasmas]. Mas o professor Fábio tinha me garantido que o ex-vereador Alípio e seu filho ainda viviam na casa, e que o livro que eu procurava, se existisse, provavelmente estaria na biblioteca.

Na entrada, acima da enorme porta de madeira maciça, esculpido em pedra sabão e já quase completamente tomado pelo mofo, o ano 1813. Bati três vezes. Pela fresta vi que uma luz mortiça, quase imperceptível, iluminou o interior. Logo em seguida, um grito raivoso ecoou como um trovão pela casa até os meus ouvidos: “Quem está aí?”. A voz não parecia ser a de alguém com quase noventa anos, por isso deduzi que fosse do filho. Respondi: “Sou amigo do professor Fábio, que trabalhou com o senhor na faculdade”. Silêncio. O homem devia estar decidindo o que fazer [ou simplesmente amaldiçoando a vida por ter lhe trazido uma visita indesejada àquela hora, obrigando-o a interromper sua insônia em meio aos livros, enquanto o pai talvez dormisse o sono artificial dos doentes terminais, dopado com morfina e tranquilizantes].

A porta se abriu pela metade e o homem que me encarou com um olhar suspeito, pouco convidativo, não devia ter mais que 50 anos. Era alto, magro, grisalho, com o cabelo cortado bem curto. Vestia uma camisa branca de algodão e uma calça social bastante surrada. “O que você quer?”, ele perguntou. Sem dizer uma palavra, abri minha mochila e tirei uma folha do livro que eu procurava. Ele a pegou, olhou-a atentamente e sorriu. “Você só tem isto?”. Tirei as outras duas folhas da mochila e respondi: “Só isto”. Ele não quis pegá-las. Abriu a porta e me convidou para entrar.

O interior da casa não tinha nada a ver com o exterior. O que do lado de fora parecia desleixo e abandono, no interior se transformava em aconchego, limpeza e simplicidade.

Ele me indicou um sofá na sala e foi à cozinha preparar um café.

O que eu sabia sobre o ex-vereador Alípio era só o que minha mãe tinha me contado uma vez, aos sussurros, na mesa de jantar, enquanto baixávamos uma garrafa de vinho tinto e meu pai roncava alto no quarto, com a televisão ligada.

Ela me disse que no início da década de 1960 ele era um vereador combativo, articulado em seus discursos, e que foi muito perseguido por apoiar o presidente João Goulart na cidade, onde a maioria das pessoas era radicalmente contra a reforma agrária, por razões óbvias.

Defendida pelo presidente Goulart em seus discursos inflamados na capital do país, a reforma da estrutura fundiária nacional era também um tema recorrente nos pronunciamentos do vereador Alípio durante as sessões da câmara municipal. Por isso [e também por ser contrário à perpetuação de duas importantes famílias no poder local, com toda a sua corja de parasitas sugando o dinheiro público sem trabalhar] ele foi violentamente perseguido: recebia ameaças de morte todos os dias; pedras eram arremessadas nas vidraças da sua casa, onde também muros e paredes eram pichados com palavras e boatos envolvendo sua esposa e seu filho [diziam que ele espancava o menino e a mulher sem piedade e que praticava rituais de magia negra]; todos os sábados, o vigário local organizava passeatas anticomunistas pelas ruas da cidade, durante as quais a população gritava sem parar, com os punhos erguidos: “Fora Alípio comunista!”, “Fora Alípio comunista!”...

Os meios de comunicação locais, que pertenciam às duas famílias mais ricas da cidade [que se revezavam no poder], não deixavam passar um mínimo deslize do vereador, que era apresentado ao público como um político despreparado, incompetente e louco.

O golpe militar de 1964 encerrou sua carreira definitivamente. Alípio se recolheu, com a esposa e o filho, à velha casa da família [construída no início do século XIX], passando a viver unicamente da sua aposentadoria e do que a mulher ganhava como costureira.

Nem para ir ao enterro da esposa, alguns anos depois, ele saiu de casa. Vivia recluso, juntamente com o filho, em meio a livros e jornais que ele recebia do mundo inteiro.

“Meu pai era muito amigo do autor deste livro”, disse o filho do ex-vereador ao me entregar uma xícara de café bem forte e se sentar no sofá à minha frente. “Na verdade, quem o escreveu não foi o advogado criminalista que tem seu nome publicado na capa como sendo o autor do texto [e de quem meu pai era amigo]. Foi um jovem estudante de jornalismo, muito talentoso, que foi contratado pelo advogado para escrever o livro”.

Até ali, nada de novo para mim. Eu sabia também que o contrato firmado entre os dois obrigava o jovem escritor fantasma a distribuir um exemplar do livro a todas as pessoas que fossem ao velório do advogado e a queimar os exemplares restantes. Ao que tudo indica, foi exatamente isso que ele fez.

O livro causou uma onda de choque muito grande. No próprio velório, vários exemplares foram rasgados na frente da viúva e de suas três filhas, inclusive o que tinha sido entregue ao meu pai, que chegou a gritar um palavrão antes de abandonar o salão, com lágrimas nos olhos. Quem me contou isso foi minha mãe. Ela estava lá e viu como as pessoas reagiam à leitura do texto: algumas choravam pelos cantos; outras gritavam insultos, com os olhos em chamas, apontando para o caixão; o próprio padre, ao ler algumas passagens do livro, deixou-o cair aos pés do enorme crucifixo que dominava uma parte da cena e saiu do velório em silêncio, sem nem encomendar o corpo. Minha mãe só observava, e ao ser

arrastada pelo meu pai em direção ao estacionamento, trazia dentro da bolsa o seu exemplar, com a intenção de lê-lo mais tarde.

“Você sabe me dizer por que ninguém hoje reconhece ter um exemplar ou uma cópia do livro, ou ousa falar sobre o que ele continha?”, perguntei ao homem à minha frente. Ele sorriu. “Pelo visto você já conhece muita coisa sobre a história desse livro e está curioso quanto ao seu conteúdo, não é?”. Diante dessa pergunta eu apenas fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Ele me entregou a folha que eu tinha lhe mostrado na entrada e perguntou: “A pessoa de que trata esse fragmento é o seu pai?”. Mais uma vez fiz que sim com a cabeça.

Minha mãe leu o livro no mesmo dia do enterro, trancada no banheiro. Chorou muito, e, depois, tomada de uma emoção confusa, que ia do ódio à compaixão, arrancou as três únicas folhas que se referiam ao meu pai e à família dele, dobrou-as cuidadosamente e guardou-as na biblioteca, dentro de um livro que ficava numa prateleira bem alta, de difícil acesso: *O emblema vermelho da coragem*, de Stephen Crane. Em seguida ela foi ao quintal e queimou o livro do advogado na churrasqueira. Meu pai a olhava do andar de cima, com o rosto pálido e cansado, como se dez anos tivessem se passado naquele único dia. Seus olhares se cruzaram e ele se afastou em silêncio [um silêncio que dura até hoje].

Tudo isso ela me contou depois, numa outra rodada de vinho pela madrugada, após eu ter lhe mostrado as três folhas que eu tinha encontrado dentro da obra de Crane.

“Meu pai também esteve no velório..., como você já deve saber...”, disse o filho do ex-vereador, saboreando seu café.

Eu sabia.

Naquele dia, o ex-vereador Alípio abandonou sua clausura e foi se despedir do velho amigo. Ao chegar, recebeu das mãos do jovem escritor um exemplar do misterioso livro de memórias, que ele folheou com prazer. Algumas pessoas já tinham lido um ou outro trecho e se retirado; outros continuavam ali, parados, tomados pelo espanto, segurando seus exemplares abertos em alguma página específica. Ninguém nem percebeu que a chegada do ex-vereador era por si só um fato inusitado, surreal, depois de tantos anos que ele tinha permanecido fechado em sua casa, quase sem nenhum contato com o mundo exterior, a não ser através de livros e jornais.

Mas a indiferença durou só até ele começar a gargalhar, com seu livro aberto junto ao peito, atraindo para si todos os olhares [assustados, ferozes, indignados]. Seu riso estrondoso era uma afronta não só à viúva e suas filhas, mas aos presentes em geral, feridos e humilhados pelas palavras impressas naquele livrinho que, até hoje, muitos anos depois, nesta sala sombria onde escrevo este relato, me dá calafrios na espinha.

Estou olhando para ele agora...

Na capa marrom desbotada, o título em letras douradas se destaca, expressando, a meu ver, uma dor infinita: *Labaredas na Escuridão*.

19 - Na voz de Amália

A jovem namorada, cansada do tédio de uma relação que, para ela, já tinha ido longe demais, terminou com ele no dia 29 de dezembro, já com as malas prontas para um fim semana na praia com as amigas. Era para ter sido antes, mas ela não conseguia falar, com medo de prejudicar o tratamento que ele seguia contra a depressão [com remédios fortíssimos], desde que tentara se matar cortando os pulsos na banheira da sua casa, numa manhã chuvosa de segunda-feira. Foi encontrado pela faxineira, inconsciente, mergulhado na água quente e completamente tomada pelo vermelho intenso que brotava de seus pulsos abertos. Foi levado às pressas pelo caseiro ao hospital, onde se recuperou, preso a tubos e aparelhos, após uma longa transfusão de sangue. Ela tinha medo de que o término do namoro fosse mergulhá-lo de novo numa espiral de melancolia profunda que o levasse, mais tarde, a uma nova tentativa de suicídio, talvez bem sucedida. Preferiu ir adiando a conversa até não ter mais jeito.

Foi então que, com a consciência pesada pelas inúmeras traições e pressionada pelas amigas, ela decidiu terminar o namoro de uma vez por todas numa quinta-feira à tarde, quatro dias depois do Natal, enquanto tomavam café numa lanchonete do centro histórico da cidade.

Ele era funcionário de uma siderúrgica, onde trabalhava no setor contábil, e morava sozinho numa bela casa de madeira e vidro, no alto de um morro, cercada por uma floresta exuberante e assustadora. A casa era herança dos pais, falecidos em um acidente de avião quando voltavam de Portugal, onde tinham ido visitar alguns parentes. Era jovem, com dupla cidadania, mas nunca tinha saído daquela cidade, embora conhecesse muito sobre o mundo e o ser humano através dos livros, que lia com voracidade e prazer. Era dono de uma biblioteca que, além de relíquias religiosas e místicas, que iam do espiritismo ao candomblé, passando por práticas mágicas indígenas [herança da mãe], possuía uma enorme variedade de clássicos, entre contos, romances e tratados filosóficos, em várias línguas [que ele dominava fluentemente, graças a uma educação de alto nível, recebida em um colégio de padres franceses].

Na primeira vez que visitou a sua casa, a jovem namorada, que nunca tinha lido um livro na vida, ficou espantada com a biblioteca e, ao mesmo tempo, desconfiada, diante da cultura do namorado, que aquela relação dificilmente daria certo. Ela era linda, tinha a pele clara, os olhos azuis; trabalhava como vendedora em uma boutique, só gostava de música sertaneja e tinha como bagagem de leitura apenas o que seus amigos escreviam no Orkut e no Facebook.

Ele não tinha amigos. Era de pouca conversa, não gostava de sair, e sempre que um colega de espírito mais generoso se aproximava dele, era como se um campo de forças os separasse. O namoro com a bela vendedora exigia dele um esforço quase sobre-humano, pois ele tinha que sair de casa, ir a barzinhos, ouvir música sertaneja, conversar trivialidades e, o pior, aguentar os amigos dela em intermináveis churrascos regados a cerveja nos finais de semana. Ele simplesmente não tinha assunto nessas festas, pois não entendia nada de futebol e carros, e detestava ficar na beira da piscina bebendo e comendo, enquanto o álcool ia subindo às cabeças daqueles jovens, tornando-os ainda mais

insuportáveis [eles gritavam, dançavam e posavam para fotos com as latinhas de cerveja nas mãos, levantando-as em direção ao céu, às gargalhadas]. O que ele sentia não era preconceito, pois admirava a alegria e a espontaneidade daquelas pessoas, às vezes até com um pouco de inveja. No fundo, o que ele experimentava era uma sensação de inadequação, um estranhamento que beirava a angústia e, às vezes, o desespero.

Foi em meio a uma crise assim, numa segunda-feira chuvosa, depois de um longo churrasco no domingo [e com meia garrafa de vinho tinto na corrente sanguínea], que ele tentou se matar, após ligar para a namorada dizendo que a amava e que não queria perdê-la de jeito nenhum. Ela gostava dele, do seu jeito doce e olhar perdido, mas se incomodava de vê-lo fazer tanta coisa só para agradá-la, pois sabia que ele detestava sair, ouvir música sertaneja e estar com os amigos dela. O tempo que ele tinha para ler e assistir a filmes de arte, saboreando bons vinhos europeus, ele passava com ela, fazendo o que mais odiava [exceto sexo, que ambos adoravam, mas que, nos últimos tempos, vinha perdendo a energia dos primeiros meses]. Ela, por sua vez, não abria mão do que gostava. Detestava vinho, queijo gorgonzola, filmes franceses, música clássica e não tinha nada para conversar sobre livros, pois na vida só tinha lido um [e, mesmo assim, sem concluí-lo]: “A Ilha Perdida”, de Maria José Dupré.

Não dava para continuar.

O rompimento foi frio, rápido; ela nem quis terminar o suco. Uma praia ensolarada, homens sarados e muita cerveja a esperavam. Ele ficou ali, quieto, saboreando um café com conhaque e pensando na vida que lhe escapava, no tempo que não voltava mais. Trabalhava oito horas por dia numa empresa e numa função que não tinham nada a ver com ele, e, nos últimos dois anos, tinha amado uma mulher que o fazia deixar de lado o que ele mais gostava: livros, filmes e, o mais importante: o sonho de ser escritor.

Levantou-se da mesa com a certeza de que a morte não era a melhor saída, que a vida podia ser diferente, bastava ele querer.

A caminho de casa, ligou o rádio numa estação qualquer, enquanto observava pelo pára-brisa do carro uma tempestade que se formava sobre a cidade. A música, um fado muito bonito na voz de Amália Rodrigues, fez com que ele pensasse no país de seus avós, na cidade onde nascera sua mãe e para onde seu pai se exilara, nos anos 80, para fugir da família e dos falsos amigos que o sufocavam no Brasil.

Lisboa. Sempre quis conhecer a velha Lisboa, suas ruas e colinas cheias de história e encanto, seus fados, seus cheiros, suas texturas e cores...

Por que não?

Naquele mesmo dia colocou a casa à venda, pediu demissão do emprego e comprou uma passagem só de ida para Portugal. Levou consigo apenas algumas roupas, três manuscritos esquecidos no fundo de uma gaveta, contendo vinte pequenos contos de terror [que ele escreveu quando tinha 18 anos], e o desejo ardente de fazer a vida valer a pena.

Em Lisboa, alugou um quarto numa pensão barata, próximo à estação de metrô Saldanha, na Avenida Almirante Reis. Comprou um notebook e se pôs a escrever, reservando uma parte do dia para ler e a outra para procurar emprego em algum jornal como cronista, revisor ou tradutor.

Alguns meses depois, suas histórias de terror começaram a ser publicadas em revistas e jornais de Lisboa, Porto e Coimbra, mas ele recebia muito pouco por elas. Foi quando um conhecido da pensão, que havia sido livreiro em Paris por mais de trinta anos, lhe deu os endereços de algumas editoras e revistas em Londres, que eram especializadas em histórias de terror e que, segundo ele, pagariam muito mais pelos seus contos. “Seus textos são muito bons, não devem ficar restritos aos jornais portugueses”. O jovem escritor achou a ideia interessante e começou a escrever em inglês, língua que dominava desde a infância [aos 9 anos, quase sem consultar o dicionário, leu todos os contos do monumental *Grimms’ Fairy Tales* – de onde talvez tenha surgido a sua paixão por bruxas e monstros].

Suas histórias foram muito bem aceitas pelo público inglês, e como eram escritas numa língua universal, correram o mundo com uma velocidade espantosa, causando enorme sensação entre o público e a crítica especializada.

Um ano depois de chegar a Lisboa, uma coletânea de seus contos já tinha sido publicada por uma importante editora inglesa [que vendia milhões de cópias do livro nos quatro cantos do mundo] e sua primeira novela de terror já estava no prelo, sendo aguardada com ansiedade por um público ávido por tramas inteligentes, mistério e muito sangue.

Porém, ele continuou no anonimato, vivendo na mesma pensão da Avenida Almirante Reis, tomando o café da manhã na mesma pastelaria da esquina [onde pedia sempre uma tosta mista com café Sical], almoçando no restaurante da Biblioteca Nacional e jantando um sanduíche de fiambre na Casa das Sandes. Publicava seus textos sob o pseudônimo de Daniel Zafón, e fazia questão de não aparecer [ele até recusou uma entrevista no programa da Oprah Winfrey, que tinha lido um comentário elogioso sobre sua coletânea de contos, feito por ninguém menos que Stephen King, o mestre do macabro].

Num sábado de primavera, passeando pelas livrarias do Chiado, ele conheceu a mulher que em menos de seis meses se tornaria sua esposa, e com quem voltaria para o Brasil, vivendo ao seu lado, muito feliz, por mais de sessenta anos. Ela era angolana e trabalhava como bancária. Não gostava muito de livros nem de filmes, nem trocava uma cerveja por um vinho, mas era generosa, e soube, naquele momento, que ali estava o homem da sua vida e que, por ele, seria capaz de abrir mão de muitas coisas; assim como soube, também, que aquele jovem encantador e de olhar triste era muito humilde e bondoso, com uma enorme capacidade para amar e compartilhar a vida com ela, também abrindo mão de muitos de seus prazeres para satisfazê-la.

Foi assim que se conheceram, num café da Rua Garret, próximo à Praça Luiz de Camões, em Lisboa, onde conversaram por mais de duas horas, ouvindo, ao fundo, os mais belos fados portugueses, na inesquecível voz de Amália.

20 - Muito esquisito

A vizinhança não gostava dele. Achava-o muito esquisito. Era um jovem calado, de olhar triste, que andava pelas ruas do bairro quase sempre de mãos dadas com a filha de seis anos [uma cópia em miniatura do pai, de quem herdara, além dos traços tristes e o olhar perdido, a timidez e o medo das pessoas].

A esposa era uma professora primária. Ele, um escritor. Mas ninguém conhecia seus livros – o que não era estranho naquela cidade, onde ler, para a maioria dos habitantes, era considerado uma perda de tempo. Porém, mesmo se houvesse ali uma cultura literária mais refinada, que não se limitasse apenas à leitura esporádica de alguns livros de auto-ajuda, ninguém seria capaz de descobrir as obras daquele misterioso escritor. Alguns vizinhos chegaram até a vasculhar a sua caixa de correio, descobriram seu nome completo e pesquisaram na internet, mas não encontraram nada sobre a sua ocupação.

O que ninguém desconfiava era que aquele jovem desagradável havia se tornado, nos últimos anos, um famoso escritor de livros de terror, que ele publicava em vários países com o pseudônimo de Daniel Zafón. Escrevia originalmente em inglês, mas havia traduções de seus trabalhos em quase todas as línguas do mundo, inclusive em português. Ganhava rios de dinheiro [algo raro entre escritores], mas vivia modestamente, numa pequena casa alugada, em um bairro tranquilo de classe média. Tinha um carro popular bem conservado, que só saía da garagem nos finais de semana, quando ia com a mulher e a filha passear pelos pequenos vilarejos das redondezas, para pescar, acampar e curtir a natureza. Doava grande parte da sua renda para instituições de caridade, que cuidavam de crianças e idosos, mas investia também em livros, sobretudo em histórias de terror [a maioria importada da Europa], e na educação da filha, que, se quisesse, quando completasse 18 anos, poderia estudar em qualquer universidade do mundo.

Na casa ao lado vivia um casal de aposentados e seu filho solteiro. O rapaz tinha a mesma idade do escritor, 32 anos, mas não podia ser mais diferente. A começar pelo tamanho. Enquanto o escritor era magro, pequeno e de aspecto doentio, o vizinho era um armário de músculos, conquistados e mantidos com várias horas de academia por semana e, para minimizar os esforços e o tempo nos aparelhos, com algumas injeções de hormônio bovino, aplicadas, regularmente, por um amigo veterinário. Trabalhava como entregador de móveis numa loja e vendia cigarros de maconha de vez em quando; ganhava uma miséria, mas tinha um carro importado e um guarda-roupa entupido de marcas famosas e caras. Seu dinheiro era todo queimado em malhação, injeções, roupas, tênis, parcelas do carro financiado, mulheres e, é claro, nas latinhas de cerveja dos finais de semana. O resto da despesa era pago pelos pais, que o tratavam como uma criancinha mimada, aceitando seus caprichos e violências como algo normal: “Coisas de homem” – costumava dizer a mãe, sempre que recebia um soco ou um pontapé do filhinho querido.

Todas as tardes, quando chegava do trabalho, o *Bad Boy* colocava uma camiseta que valorizasse bem seus músculos tatuados, uma bermuda e um tênis, e ia passear na avenida com Stálin, seu cão *Pit Bull*, o terror da vizinhança. O animal era quase uma miniatura do dono, cheio de músculos, com dentes enormes, e andava pelos passeios sem focinheira, latindo para todo mundo.

Quando o escritor e sua filha voltavam da escola, quase sempre se encontravam com o cão e seu dono a caminho do desfile exibicionista na avenida. Pai e filha mudavam de passeio, mas mesmo assim o animal latia ferozmente para eles, enquanto o dono, embora segurasse firme a guia, fazia movimentos com o braço como se ameaçasse soltar o animal [e um leve sorriso de desprezo se desenhava em seus lábios]. A menina tremia de medo, mas o pai não dizia nada. Segurava-a firme em seus braços e seguia seu caminho sem olhar para trás.

Numa sexta-feira à tarde, a cena se repetiu; só que no momento em que o rapaz sorria e ameaçava soltar o cão no escritor e sua filha, uma dor muito forte no seu braço fez com que ele largasse a guia. Sentindo-se livre, Stálin avançou sobre a menina, sedento de sangue.

Tudo aconteceu em apenas alguns segundos, mas vou descrever a cena em câmera lenta, de forma que o leitor possa aproveitar melhor os detalhes.

Como eu dizia, Stálin avançou sobre a pobre criança com a rapidez de um touro que, enlouquecido, salta de seu cubículo em direção ao matador no meio da arena. Seu alvo era o frágil pescoço da menina, que ele queria morder com toda a sua força e estraçalhá-lo, até transformá-lo numa pasta de carne, pele e cartilagem moídas.

Enquanto corria, contraindo seus músculos num tiro de alta potência, Stálin mantinha seus olhos focados naquele pescoço que, por instinto, ele sabia ser o ponto vital da sua presa.

A menina fechou os olhos, aterrorizada.

Felizmente, ela não sentiu nenhuma dor.

Ao abrir os olhos novamente, segundos depois, num movimento involuntário das pálpebras, tudo já tinha acabado.

Dois corpos jaziam sobre o passeio: o do cão e o do dono do cão.

Como eu disse há pouco, tudo aconteceu em questão de segundos. O cão enraivecido saltou como um touro sobre a menina, mas antes de conseguir fechar sua poderosa mandíbula em torno do seu alvo, duas mãos a seguraram no ar com a rapidez de um relâmpago e ergueram o animal, que se debatia ferozmente, sem conseguir se soltar. As mãos daquele pai franzino abriram a mandíbula de Stálin até seus ossos e cartilagens se quebrarem, transformando a cabeça do animal numa planta carnívora gigante, com suas pétalas cor de sangue escancaradas, esperando a chegada de um besouro ou de um pássaro. Um som borbulhante, como um gargarejo, saía do buraco onde antes estava a boca do animal, cujos membros continuavam se debatendo violentamente no ar. Foi quando o escritor começou a morder a barriga de Stálin, puxando para fora, com os dentes, fígado, rins, estômago, tripas e outras vísceras. Em seguida [quase ao mesmo tempo], abriu o peito do animal e arrancou com as mãos coração e pulmões, puxando também traquéia, esôfago, língua e outras partes difíceis de identificar.

Os restos mortais de Stálin, espalhados pelo passeio, foram então pisoteados pelo escritor, que, sujo de sangue dos pés à cabeça, mais parecia um personagem possuído pelo demônio em uma de suas histórias macabras.

Logo à frente, o dono do cão morria de enfarte assistindo à cena.

A menina nada sofreu.

O escritor também nada sofreu.

Mas a vizinhança continuou não gostando dele...

Realmente, ele era muito esquisito.

21 - Amor, essa palavra de luxo

31 de dezembro de 2010.

Pará de Minas acorda hoje sob a luz fraca de um sol invisível, escondido por nuvens densas e tristes... Ouço as notícias locais no rádio. Ouço meus filhos brincarem. Eles estão felizes: sorriem, correm, derrubam coisas...; curtem a manhã como se nada mais existisse além das brincadeiras e pequenas alegrias da infância, sem qualquer preocupação com o amanhã. Para eles o futuro não vai além daquilo que estão programando para agora, para os próximos minutos. Minha filha canta e conversa sozinha, inventando histórias, como faz seu pai em noites solitárias, quando todos estão dormindo. Mas, diferente do pai, ela não precisa escrever para fugir da dor, para não se sufocar com a alma que grita no silêncio e se debate entre monstros e abismos escuros. São histórias de borboletas e casulos, de cachorrinhos que se perdem e são achados, de patinhos que brincam na lagoa. Os desenhos ela mesma faz e colore. Os textos ela dita e eu escrevo, do jeitinho que ela conta.

Meus filhos acordam cedo. Adoram viver. Querem descobrir o mundo. O pequeno, de dois anos, percorre a casa com um tamborete nas mãos e sobe em tudo. Quer ver o que tem ali em cima, do outro lado, atrás, na frente... Quer explorar, brincar, conhecer. Ele também gosta de histórias... Parece que este vai ser o meu maior legado a eles: o amor pelos livros, pela fantasia da literatura [herança que não é pequena; ou melhor, é infinita]. Não tenho nenhuma estratégia montada para o futuro dos dois, pois sei que eles não me pertencem. Não forço nada. Oriento, coloco limites, estímulo a paixão pela leitura, mas de forma natural, sem obrigá-los a nada. O que eu faço? Leio perto deles, levo-os até a minha biblioteca e deixo que eles a explorem, compro livrinhos e revistinhas, leio para eles, invento contos, e sinto que eles têm prazer.

Prazer. Alegria. Saúde. Espontaneidade. É isso que eu quero para os meus filhos. Que eles se descubram e descubram o mundo, sem se preocuparem com convenções estúpidas, com regras pré-definidas sobre o sucesso, que criam caminhos artificiais: projetos que são verdadeiros pacotes de felicidade, quase sempre com os mesmos ingredientes: esposa rica, marido rico, casa de luxo, bom emprego, viagens, carros, prestígio, fama, poder, riqueza... É isso que eles realmente querem? Se for, que busquem isso, então. Mas se não for [e eles precisam aprender a difícil arte de descobrir que não é], que eles busquem outra coisa, algo que tenha a ver com eles, com o que há de mais verdadeiro e único neles.

Minha missão impossível é evitar que os artificialismos do mundo impeçam meus filhos de serem eles mesmos. Não tem jeito. Digo isso porque, apesar de todas as leituras que eu fiz, de todas as viagens de auto-conhecimento que empreendi, eu não consigo ser eu mesmo numa sociedade como a nossa. São tantas regras de conduta e de convívio social; tanto consumismo e futilidades, que não dá... simplesmente não dá...

Mas mesmo assim, eu tento mostrar aos meus filhos que no palco onde acontece este baile de máscaras que é a nossa vida, eles podem encontrar uma saída, um ponto de fuga, dentre deles mesmos: um lugar de prazer onde eles são aquilo que Deus fez, como Criador, e que, depois, nós, pecadores, ambiciosos e egoístas, destruímos. Porque eu não acredito [não consigo acreditar] que Deus tenha criado este mundo de injustiças no qual vivemos, onde

deputados aumentam seus próprios salários em mais de 60%, enquanto crianças passam fome, cercadas de desamparo e solidão; onde pobres e negros são marginalizados e não conseguem estudar em boas escolas, mesmo sendo mais capazes e competentes que muitos brancos e ricos. Não. Deus não pode ter criado o mundo assim. Isso só pode ser obra do homem, imperfeito, orgulhoso, ambicioso. Por isso nossos filhos não precisam aceitar tudo que os cerca como verdades absolutas, já que esse mundo é artificial, criado por seres de vontades ilimitadas, forjadas na guerra, na violência, no consumo desenfreado, na ascensão ao poder e ao dinheiro: sempre mais, cada vez mais, infinitamente mais...

E o amor? Onde está o amor?

Tem gente que enxerga a vida como um grande tabuleiro, e as pessoas como peças de um jogo complexo, cujo objetivo único é a vitória. Nessa perspectiva, ser caridoso [sem transformar a caridade em estratégia de jogo, como fazem os políticos] é andar para trás; amar de verdade, só de amor, uma mulher pobre, sem patrimônio, é não sair do lugar, enquanto outros avançam rumo à prosperidade [não importa se não existir amor, se a relação com o outro for simplesmente contratual, seca, cheia de vazios]; não conseguir convencer o filho a fazer um curso respeitado, como Medicina ou Direito, em uma boa universidade, é como perder um peão no jogo; se o filho expõe à sociedade o seu vício em cocaína ou a sua homossexualidade, é um rei que é eliminado do tabuleiro.

A meu ver, se houver respeito ao próximo, a vida pode seguir seu curso sem tantos formalismos e ideias prontas sobre como deve ser o trajeto. Não quero que meus filhos vejam a vida como um jogo frio, sem amor, ditado pela sociedade de consumo. Não quero isso para eles. Não quero...

Descobrir o “eu” interior original e único de cada um não é fácil, com tantos estímulos capazes de nos desviar dessa descoberta. Meu objetivo, como pai, é tentar facilitar o caminho, ajudar meus filhos a se encontrarem. Se isso é possível? Confesso que não sei.

A única coisa que eu sei, parafraseando Adélia Prado, é que falta amor...

Essa palavra de luxo.

22 - Uma cartinha ao Papai Noel

Querido Papai Noel,

Neste ano eu me comportei direitinho. Obedeci à mamãe e ao papai, não briguei com a minha irmã e usei o dinheiro da minha mesada com muita responsabilidade. O papai me dá 700 reais todos os meses para eu gastar com o que eu quiser, mas eu economizo 200 reais por mês. É que eu quero juntar 3.000 reais para eu levar para a Disney ano que vem e comprar um monte de coisas legais para mim.

Na escola eu também fiz tudo direitinho. Meus colegas fizeram muitas coisas erradas, mas eu não: todos os dias eles insultavam um outro menino, que veio estudar na nossa sala com uma bolsa de estudos, porque ele é pobre e negro, coitado... Eles batiam nele e o chamavam de um monte de coisas feias, como urubu, filhote de cruz credo e favelado; e ainda chamavam a mãe dele de prostituta e o pai de drogado e traficante. Só que eu não. Eu ficava caladinho. Eu não conversava com o menino porque ninguém nem chegava perto dele, só a professora, então eu não podia conversar também. Mas eu nunca bati nele nem o chamei de nomes feios.

De vez em quando umas pessoas muito pobres tocam o interfone daqui de casa pedindo um prato de comida ou um pedaço de pão. Quando sobram restos de comida nos pratos, eu junto tudo, embrulho num jornal e levo para eles. Quando não sobra comida, eu pego uns dois ou três pães, que ficam guardados no armário a semana inteira para endurecer e a empregada poder ralar para fazer farinha de pão, e jogo para eles por cima da grade. Um dia um menino que estava com eles me pediu água. Mesmo correndo o risco de sujar o piso de granito da mamãe, eu abri o portão e deixei o coitado usar a torneira do jardim. O meu pai até chegou na hora e empurrou o menino para fora, chamando-o de pivete imundo. Eu fiquei muito triste com o papai.

Ontem estive aqui em casa a minha tia Jaciara. Ela me contou que só existe um Papai Noel de verdade: o senhor. Ela disse que aquele Papai Noel que fica na casinha da ASCIPAM é de mentira; que o Papai Noel de verdade é um espírito superior, que só visita as residências de pessoas superiores, como nós, que merecem ser presenteadas. Foi aí que eu entendi por que os alunos bolsistas lá da escola, que são inferiores, só ganham de Natal brinquedos ruins, enquanto nós, superiores, ganhamos brinquedos bons e caros. É que quem dá os presentes para as crianças pobres são os próprios pais delas (ou alguma instituição de caridade ou empresa), que não têm muito dinheiro, enquanto, no nosso caso, é o senhor mesmo, que vem com as suas renas mágicas visitar as nossas casas.

Aproveito esta carta também para agradecer ao senhor o helicóptero de controle remoto, o computador, o tênis Puma e o celular que o senhor me deu no ano passado. Muito obrigado, Papai Noel. Gostei demais! O helicóptero ainda está funcionando, mas eu não brinco mais com ele porque fiquei enjoado, então eu o empresto ao filho da empregada todo sábado de manhã. O senhor precisa ver a alegria do menino! (Mas acho que o senhor vê, não é?). O computador já não me serve mais, porque de uma hora para outra ele ficou muito devagar e o papai teve que comprar outro. O tênis eu tive que parar de usar porque o Eloi, meu

colega, chegou com um muito mais caro do que o meu; então eu tive que pedir ao papai para comprar um de uma marca ainda mais cara, para eu não ficar para trás. E o celular, o senhor sabe... Não dá para ficar com o mesmo por muito tempo, no máximo dois ou três meses, porque sempre aparece um mais avançado, com design mais moderno e mais caro lá na escola, e a gente tem que trocar o nosso, para ninguém ficar zoando a gente.

Neste Natal, eu peço ao senhor um laptop (o melhor que tiver no mundo), porque oito colegas meus já têm os seus e eu preciso ter o meu também; uma viagem ao Japão, porque até hoje ninguém na minha sala foi ao Japão; e um celular novo (também o melhor do mundo), porque eu não posso ficar para trás.

Ah! Já ia me esquecendo! Se for possível, eu gostaria de confirmar uma coisa com o senhor. É que ontem, junto com a tia Jaciara, veio nos visitar o tio Tomás, que é deputado lá no Congresso. Ele ficou o tempo todo rindo (com a mão naquela pança enorme que ele tem), bebendo um vinho importado da mamãe (reservado para ocasiões especiais), e disse que este ano o Papai Noel DELE vai chegar bem mais gordo (e de jatinho), por causa de um aumento de mais de 60% no salário que eles mesmos se deram lá no Congresso. A tia Jaciara tinha acabado de me contar a verdadeira história do Papai Noel (ou seja, do senhor), e na hora só pude crer que o tio Tomás tinha se equivocado. Como é possível que ele possa ter um Papai Noel só dele (mais gordo do que o dos outros e que chega de jatinho e não de renas mágicas) se só existe um Papai Noel: o senhor?

Um forte abraço, blá blá blá...

23 - O soar da Trombeta

A sessão da Câmara que votaria o aumento salarial dos deputados já estava quase lotada. Enfiados em seus ternos caros e engomados, os representantes do povo desfilavam pelos corredores do Congresso, acompanhados de seus assessores, que também esperavam ansiosos o resultado da votação, já que receberiam, com o aumento de seus chefes, um rechonchudo quinhão.

Ao final da sessão, marcada por aplausos efusivos e nenhuma voz discordante, uma turba de deputados saiu, sorridente, pela porta principal, em direção ao estacionamento. Porém, algo muito estranho os impediu de ultrapassar o final da rampa de granito: uma força magnética poderosa [ou algo parecido], que não os deixava prosseguir seu caminho de volta à abastança, agora ainda mais farta com o novo aumento salarial.

Os outros deputados e assessores se juntaram aos primeiros e forçaram a passagem, mas nada que fizessem conseguia romper aquela barreira invisível que parecia se erguer sobre todo o prédio, formando uma imensa redoma. Tentaram outros lugares, outros pontos de fuga, mas nada.

Estavam presos.

Do lado de fora, o povo se aglomerava para tentar entender o que estava acontecendo com aqueles homens engravatados e mulheres elegantes parados no final da rampa de acesso ao estacionamento. Uma senhora idosa se aproximou de um deputado e perguntou: “Por que o senhor não sai?”. Ele não respondeu. Tentou mais uma vez dar um passo, mas não conseguiu. “Não posso”, disse ele por fim, olhando nos olhos da velha, desesperado. “Eles não podem sair”, gritou a velha para a multidão, que crescia cada vez mais em torno da redoma invisível.

A noite chegou e os deputados continuavam lá, presos. Redes de TV e rádio se instalaram ao redor do Congresso, registrando tudo. Sindicatos e movimentos sociais de todo o país organizaram caravanas de partidários e simpatizantes para irem à capital testemunhar de perto aquele fato inusitado e surreal: no dia da aprovação do substancial aumento salarial concedido pelos deputados a eles mesmos, uma força sobrenatural os impedia de sair do local da votação.

“O que você acha que vai acontecer com eles?”, perguntavam os repórteres às pessoas do lado de fora. “Eu acho que isto é um castigo de Deus, e que eles vão ficar lá dentro até apodrecerem”, respondiam alguns mais revoltados, que aos poucos foram se juntando em torno de um líder barbudo, de aspecto desleixado.

Três semanas se passaram.

Os deputados já não se encontravam mais de terno e gravata. Andavam pelo Congresso sem camisa, alguns só de cueca, calcinha e sutiã, descalços e famintos, pois o ar condicionado tinha pifado e a comida acabado. Por mais que eles tentassem desligar ou destruir as câmeras de segurança do interior do prédio, nada as impedia de continuarem registrando

todos os seus movimentos, que – por um desses milagres da tecnologia – puderam ser acompanhados em todo o país, em rede nacional. Milhões de pessoas puderam ver, por exemplo, dois deputados disputando um pacote de bolachas importadas, sob o olhar atento de um assessor, que vasculhava o chão à procura de migalhas; uma deputada gorda agredindo a tapas um colega, acusando-o de ter invadido seu gabinete à procura de chocolates e outras guloseimas; a morte de um deputado idoso, que implorava a alguém do lado de fora o seu remédio do coração que, mesmo comprado na farmácia mais próxima, não passava pelo campo de forças invisível.

Nada passava pela barreira. Parentes e amigos dos parlamentares tentaram entregar-lhes comida, bebida e água, mas a redoma jogava tudo para fora novamente, com uma força descomunal.

Seis meses se passaram.

Quinze deputados haviam morrido, dez deles devorados por outros parlamentares, que não agüentaram a fome atroz que os rasgava por dentro, causando dores lancinantes em seus estômagos vazios. Estavam sujos e fediam, pois não tinham água há vários dias. Alguns enlouqueceram: pediram perdão a Deus pelos seus pecados, prometendo que nunca mais roubariam o povo; olhavam para as câmeras de segurança e, aos prantos, imploravam misericórdia, reconhecendo que aquele salário era uma afronta à pobreza da população, uma indecência, uma injustiça sem tamanho.

Do lado de fora, o líder barbudo gritava insultos e era acompanhado por uma multidão de seguidores, que mais parecia um exército infernal pronto para o ataque. No meio do povo, um jovem negro recitava, aos gritos, trechos de antigos e quase esquecidos poemas de Vinicius de Moraes: “Senhor! Tudo é blasfêmia e tudo é lodo. / Vós não vedes, Senhor, não vedes, todo / Esse povo a sofrer? / Deixai por um momento a Igreja Santa / A iniquidade do pecado é tanta / Que Roma vai morrer!”. A multidão se inflamava e erguia foices, facas, machados, pás e picaretas, dando mostras de querer atravessar a redoma e acabar com aquilo de uma vez por todas. “Escutai, Senhor Deus, a imensa grita / Da humanidade sofredora e aflita / Que morre no pavor! / - Dai-lhe a morte no campo de batalha / Dai-lhe sangue vermelho por mortalha / - Dai-lhe a guerra, Senhor!”.

Mas a redoma não se abriu. Não houve carnificina. O fim chegou lentamente para os deputados.

Só quatro parlamentares sobreviveram. E, por isso, o povo passou a acreditar que eles eram os únicos que realmente tinham a ficha limpa. Os quatro se uniram e organizaram um movimento político no país contra a corrupção, a favor da justiça, da dignidade e da igualdade que, pela primeira vez na história, foi um sucesso e mudou radicalmente a Política Nacional.

Foi aí que eu acordei.

24 - Cada um no seu lugar com o que merece

- Hoje vamos conversar com o Sr. Samuel Almeida, funcionário responsável pelo recrutamento de professores na cidade. Ele vai nos falar um pouco sobre como acontece esse recrutamento e sobre como se dá o processo de seleção de professores.

[Bruno olha para o seu entrevistado e sorri]: - Boa noite Samuel. É um prazer tê-lo conosco esta noite. [Samuel balança a cabeça, mantendo-se sério]. [Bruno continua]:

- Vou começar com uma pergunta básica: Como vocês recrutam os professores para as escolas municipais da cidade?

- Bem, o ônibus do recrutamento circula por toda a cidade, de manhã e à tarde, anunciando pelo auto-falante as contratações imediatas: quase sempre, professores de todas as áreas, para trabalhar na maioria das escolas, recebendo dois salários mínimos mensais por trinta aulas semanais.

- E é fácil encher o ônibus?

- Não. Às vezes circulamos durante meses sem encontrar professores de Biologia, Física, Química e Matemática. De História, Geografia, Português e Inglês, geralmente com um mês de procura a gente encontra uns três ou quatro para cada disciplina, e a Prefeitura organiza um rodízio entre eles, em duas ou três escolas, com uma carga horária maior para cada um, resolvendo o problema. Mas isso é só até eles desistirem da sala de aula e a gente ter que correr atrás de mais professores pelas ruas da cidade. É só uma questão de tempo.

- Mas por que vocês não anunciam as contratações nos jornais locais ou nas rádios?

- Porque ninguém aparece. A gente precisa circular pela cidade de ônibus, que é pago pelos pais dos alunos, e ainda oferecer um lanche aos candidatos lá dentro [também pago pelos pais], para aparecer alguém.

- E quem pode se candidatar?

- Qualquer pessoa.

- Qualquer um? Não precisa ser formado?

- Formado em quê?

- Ora, em algum curso superior de Licenciatura.

[risos e mais risos, que logo viram gargalhadas, até o entrevistado suspirar, recuperando o fôlego]: - Em algum curso de Licenciatura? Essa foi boa. Onde? Quem estuda para ser professor hoje em dia? Em que lugar o senhor vive? Nas nuvens?

- Mas quem leciona?!

- Para o senhor ter uma idéia de quem os alunos das escolas municipais têm como professores, eu vou citar só alguns exemplos: ontem mesmo, quando desembarcamos um lote de dez candidatos no prédio da Secretaria de Educação, fiquei sabendo que o Januário, açougueiro, com Ensino Médio incompleto, foi contratado para dar aulas de Biologia à noite. A Jandira, que nem concluiu o Técnico em Contabilidade, virou professora de Matemática da noite para o dia. O Epaminondas, só porque disse adorar ler gibis, foi contratado como professor de Português, sem nunca ter concluído o Ensino Fundamental! Para dar aulas de História, qualquer um serve: os entrevistadores nem querem saber se o candidato gosta de ler [nem mesmo se SABE ler], se tem algum conhecimento histórico, etc.; vão logo perguntando [para ficarem livres]: “Quer dar aula de História?”. E de Geografia? Meu primo Juca, que foi vendedor de sapato e conhece várias regiões do Brasil, quando resolveu largar o ramo do comércio, foi contratado para dar aulas de Geografia no Ensino Médio. E olha que ele nem concluiu o Ensino Fundamental!

- Mas vocês não encontram ninguém com curso superior, nem que seja em outras profissões, para lecionar?
- De jeito nenhum! Foi-se o tempo que engenheiro dava aula de Matemática e advogado de História! Acabou. E eu conheço um gari semi-analfabeto que recebeu uma proposta da Secretaria de Educação para ganhar meio salário a mais para lecionar Física numa escola e recusou na hora. Ele sabia do perigo que correria. O tio dele, ex-presidiário, especialista em refinar cocaína, que havia concluído o Ensino Fundamental no presídio, foi contratado para dar aulas de Química e acabou sendo assassinado por um aluno esquizofrênico, que achava que o coitado do professor era Lúcifer em pessoa.
- E Filosofia? Quem dá aula de Filosofia?
- [risos]. De que país o senhor é? Filosofia? Acabou Filosofia. Não existe isso mais nas escolas, nem Sociologia, nem Redação e nem Literatura.
- Mas como é possível?
- Não entendi.
- Os alunos não estudam Literatura?
- Meu senhor, 80% dos professores são semi-analfabetos. Eles não conhecem nada de Literatura, nem o mínimo necessário para enrolar os alunos, como fazem nas outras disciplinas [com base nas suas experiências de vida]. Literatura é coisa de gente rica, de professor de escola particular da capital – e olhe lá..., pois na capital, os colégios que não pagam salários milionários aos professores ficam a ver navios.
- E professor de Inglês?
- Qualquer pessoa que tenha passado uma temporada em um país de língua inglesa, que seja uma semana, está apta a lecionar inglês. A minha tia, por exemplo [que só conseguiu concluir na vida um curso de corte e costura por correspondência], lavou pratos durante dois meses no Canadá e, quando voltou, foi contratada imediatamente para dar quarenta aulas semanais de inglês em uma escola da cidade. Pobrezinha... Numa noite, quando ela tentava explicar uma matéria qualquer, os alunos faziam tanta bagunça, gritavam tanto [inclusive ameaçando-a de morte], que ela resolveu fingir um desmaio e desabou no chão. Lá do fundo, um aluno gritou: “Enfia o dedo no cú dela que ela acorda!”. [risos]. Depois disso, ela nunca mais entrou numa sala de aula, coitada.
- Mas por que as autoridades públicas não tomam providências para melhorar essa situação?
- Melhorar para quê? A maioria do povo tem é que ser dirigida pela minoria. Filho de rico é que tem que estudar em escola boa, para virar engenheiro, advogado, médico, administrador, contador, executivo, etc. Pobre não precisa nem aprender a ler direito. Pobre tem é que ser passivo, aceitar as explicações dadas por aqueles que estão no poder, sem questionar, refletir ou criticar. É por isso que a Educação está desse jeito. É por isso que ninguém quer ser professor.
- É difícil de acreditar...
- Mas é a verdade. Pergunte aos meus colegas, que trabalham comigo no recrutamento. E os pais pagam o ônibus e o lanche porque não aguentam os filhos em casa o dia inteiro. Só um ou outro pai consegue juntar muito dinheiro e mandar seus filhos para a capital, onde ainda existem algumas [poucas] escolas boas, particulares, com mensalidades que giram em torno de R\$3.000,00. Só ali é possível encontrar professor formado em faculdade, às vezes até com mestrado e doutorado, recebendo até R\$10.000,00 por mês, mas isso é uma raridade. Nas escolas públicas de nível básico, a situação é a que eu acabo de descrever para o senhor...

- Estou bestializado! Como é que pode?... [Bruno olha para o seu *notebook* e levanta as sobrancelhas, surpreso]: Vejo que acabo de receber um e-mail de Dona Jaciara Menezes Torres e Albuquerque, que está em sua mansão acompanhando a entrevista. Ela diz o seguinte: “Meu caro Bruno, gostaria de aproveitar este espaço para parabenizar ao prefeito e ao seu secretário de Educação pelo excelente trabalho realizado no recrutamento dos professores para as escolas municipais da nossa cidade. Fico muito feliz em perceber que no nosso município, apesar de algumas vozes discordantes, ainda vigora, para o bem da harmonia social, a filosofia do ‘Cada um no seu lugar com o que merece’. Um abraço a todos os ouvintes”.

P.S.: Esta crônica não é uma crítica à Secretaria Municipal de Educação de Pará de Minas, que tem se empenhado muito em garantir a qualidade do Ensino em nossa cidade, apesar da tradição histórica, de raízes profundas, de desvalorização do professor e da Educação no Brasil.

25 - Comadre seca

De três em três meses, os três irmãos gêmeos se reuniam na casa de um sobrinho, filho de um irmão mais velho deles, já falecido. Apolinário, Aparício e Aprígio tinham 85 anos. O sobrinho, Leandro, era um analista de sistemas de 33 anos, que morava sozinho e passava o dia inteiro no computador atualizando blogs e inventando games.

No dia marcado para receber os tios, o rapaz preparava o enorme tabuleiro na mesa de jantar, colocando as peças exatamente nos mesmos lugares que tinham ficado três meses antes, após a última partida. O jogo, inventado pelo sobrinho, chamava-se “Comadre seca”, e era, para os três velhos jogadores, o maior prazer de suas vidas.

Numa ponta do tabuleiro ficavam três peças representando cada um dos três jogadores. De cada peça partia um caminho quadriculado e retilíneo, com dezenas de casas, que ia até a outra ponta do tabuleiro. Ali, três outras peças eram posicionadas, cada uma em um caminho, na mesma linha da peça que ficava do outro lado. Elas representavam três “comadres secas”: três velhas enrugadas, vestidas de preto e segurando na mão direita uma enorme foice, pontuda e afiada.

Na verdade, as peças que andavam eram as comadres, e naquele dia, a comadre que estava à frente era a do Apolinário, seguida pela do Aprígio e, por último, pela do Aparício. A comadre que chegasse primeiro à peça representando o seu jogador dava a vitória a ele.

Mas como as comadres se movimentavam?

De três em três meses, na hora marcada para a partida, cada jogador levava à casa do sobrinho uma pasta contendo vários exames. Para não cansar o leitor, vou citar apenas alguns: Hemograma, Uréia, Creatinina, TSH, Glicemia, Colesterol, Triglicérides, Densitometria óssea, Teste Ergométrico, Ecocardi Doppler [Ultrassom do coração], Exame de Próstata, Ultrassom de abdômen, Medição Ambulatorial da Pressão Arterial, Urina, Fezes e muitos outros. De posse de todos os resultados, o sobrinho ia para o computador e cadastrava as centenas de números e dados qualitativos em um sistema desenvolvido por ele, onde cada jogador tinha a sua tela, com vários campos de preenchimento. Depois de processar os dados de cada irmão, o sistema estabelecia um número para cada um, que indicava quantas casas as comadres secas deveriam andar.

Na última partida, devido a um resultado bastante satisfatório na glicemia do Apolinário [sua glicose foi de 150 para 250], e também ao fato de terem sido detectados traços de sangue em suas fezes, sua comadre avançou três casas, enquanto a do Aprígio avançou duas e a do Aparício só uma. Aparício ficou muito chateado, pois ele tinha abandonado de vez a caminhada havia quatro meses, na esperança de que o seu colesterol atingisse níveis mais altos, o que não aconteceu. Já o Aprígio havia contado com o aumento do prolapso em uma das valvas do seu coração, anomalia que tinha um peso muito grande na contagem dos pontos, o que também não aconteceu – embora a sua urina estivesse numa situação bem favorável, com uma coloração turva e cheiro muito forte, o que acabou colocando a sua comadre em segundo lugar.

Nos três meses que Apolinário ficou na dianteira, os outros irmãos tiveram que satisfazer uma série de caprichos seus, conforme determinavam as regras do jogo: levar café na cama para ele todas as manhãs, ler para ele os contos de Edgar Allan Poe à noite, antes dele dormir [a sua visão não estava muito boa], esfregá-lo na banheira todas as tardes, preparar sua comida seguindo um rigoroso cardápio, e muitos outros. Aprígio, que havia ficado em segundo lugar, pôde escolher quais caprichos atender, ficando o resto para o Aparício.

Para o que estava na dianteira, era uma maravilha. Mas mesmo para os outros dois irmãos, esse período de desvantagem temporária era divertido, pois eles sempre tinham novas estratégias para colocar em prática visando a melhorar seus resultados na próxima partida: fumar mais, exercitar menos, aumentar a dose diária de cachaça [ou trocar a cachaça de melhor qualidade por uma mais vagabunda], aumentar o consumo de doces e gorduras, escolhendo sempre os produtos mais calóricos, etc.

Naquele dia, os dados foram preenchidos num clima de muito suspense, pois um irmão não mostrava nem comentava seus exames com os outros, e a palidez, os olhos fundos e o leve tremor observado nas mãos do Aprígio pareciam indicar que o primeiro lugar seria dele. Mas não foi o que aconteceu. A comadre seca de Apolinário avançou mais três casas e as dos outros dois somente uma. A glicose continuou pesando no destino do velho Apolinário, embora já não houvesse nenhum traço de sangue nas suas fezes. Mas surgiu uma novidade: o aumento da sua creatinina indicava algum problema grave nos rins. Apolinário sabia que este seria o seu trunfo, por isso entrou na casa do sobrinho com aquele ar superior e arrogante, como se cantasse vitória antes da hora. E não deu outra: mais uma vez seus caprichos teriam que ser atendidos pelos irmãos.

Naquela mesma noite, porém, Aparício teve um enfarte fulminante e morreu no banheiro, enquanto preparava um banho especial com sais aromáticos para o Apolinário. Dois dias depois, Aprígio perdeu o equilíbrio no quintal, enquanto estendia as cuecas de Apolinário no varal, e bateu a cabeça numa pedra, vindo a falecer alguns minutos depois.

Apolinário foi morar com o sobrinho, que cuidou muito bem dele por três anos.

Por que três anos? O velho morreu? Não. É que dois meses depois de Apolinário completar 88 anos, o sobrinho, que tinha 37, morreu atropelado na calçada por um motorista bêbado, deixando todos os seus bens para o tio, que viveu até os 98 anos, lúcido e feliz.

Na hora da partida, a comadre entrou, silenciosa e sorradeira, no quarto de Apolinário. Quando o velho sentiu sua presença, lembrou-se de um belo poema de Mário Quintana e disse, sorrindo: “Ê comadre... a senhora sempre chega pontualmente na hora mais incerta... Mas que importa, afinal? Entre... Estou pronto”.

E partiu.

26 - A indignação de Dona Jaciara

- No programa de hoje vamos conversar novamente com a líder do movimento “Somos chiques mesmo, e daí?”, D. Jaciara de Assunção Menezes Torres e Albuquerque.

Convidei-a para esta entrevista atendendo a um pedido do seu primo, o senador Aníbal Menezes Torres, que me ligou hoje pela manhã. A entrevistada desta noite seria D. Ana “do Zé Preto”, responsável pelo restaurante da criança do Bairro da Consolação, mas diante do pedido do nosso querido senador, eu tive que cancelar.

[Bruno sorri para a sua convidada]: - Boa noite, D. Jaciara. É uma honra tê-la novamente conosco para mais um bate-papo.

- Boa noite, Bruno. Eu sabia que você não ia negar um pedido do seu padrinho, que sempre te acolheu muito bem em Brasília, não é mesmo? [risos]. Mas antes de tratar do assunto que me trouxe aqui hoje, eu gostaria de agradecer publicamente ao meu grande amigo, Dr. Américo Torres [que é também meu primo em segundo grau e membro do movimento “Somos chiques...”], pelo atendimento dado a mamãe no hospital ontem à noite. Normalmente, quando o problema parece grave, utilizamos um dos helicópteros da família e levamos mamãe até a capital. Mas ontem, como tudo indicava se tratar apenas de uma simples micose na virilha, eu liguei imediatamente para o Américo, que estava em seu horário de plantão no SUS. Na mesma hora ele se levantou da mesa [onde jogava baralho com outros médicos, na fazenda do seu irmão] e veio correndo para o hospital.

E me permita um desabafo, meu caro Bruno: quando chegou lá, o Dr. Américo tornou-se vítima de dez pacientes pobres, que aguardavam na fila do SUS, e que o acusaram de um monte de coisas absurdas, só porque ele não estava no hospital para atendê-los quando eles queriam e porque atendeu a mamãe primeiro. Veja bem: o SUS paga uma miséria para os médicos, que são obrigados a atender a qualquer um que chegar [um absurdo]. Mamãe, riquíssima, membro do movimento “Somos chiques...” e de clubes de altíssimo nível na cidade, irmã de deputados e senadores, não vai ser atendida primeiro?

Foi um horror! Queriam matar o coitado do Américo: as crianças pobres começaram a chorar e a gritar, as mães arrancaram seus chinelos e tamancos sujos de terra vermelha, enquanto os homens tiveram que ser contidos pelos enfermeiros para não cometerem uma loucura. A sorte foi que eu consegui falar com o capitão Nascimento [irmão da esposa de um sobrinho de papai], que interrompeu uma partida de truco com traficantes na periferia só para colocar fim ao motim do hospital. Tudo acabou bem: os amotinados foram recolhidos ao camburão e levados à delegacia. Que noite!

- Impressionante! Que absurdo... Mas, D. Jaciara, qual é o assunto que a senhora gostaria de discutir conosco esta noite?

- Pois bem. Estou aqui com uma crônica intitulada “Coluna Social Suburbana”, de autoria de um rapaz chamado Paulo Giardullo, que teve a OU-SA-DIA de sugerir, numa narrativa grotesca, a possibilidade de se publicar, em jornais, colunas sociais de pobres.

O exemplo que ele usa para ilustrar a sua coluna fictícia é de arrepiar os cabelos: uma festa na casa do “Seu João do Forno”, para comemorar a sua aposentadoria, depois de décadas trabalhando em uma siderúrgica.

Vou comentar algumas passagens do texto. Ouçam isto: “Os Pratos: foi servida uma deliciosa feijoada, com miúdos de porco e feijão preto legítimo, sendo contratada, com exclusividade, a Dona Janaíra, cozinheira do famoso ‘Bar do Sô Quim’ e sua equipe”.

Ora, desde quando uma feijoada de pobre possui a sofisticação e o requinte necessários para ser servida como prato em uma festa digna de coluna social? Só para citar alguns exemplos do que significa requinte e sofisticação, meus caros ouvintes, apresento-lhes algumas iguarias servidas durante uma festa que eu dei semana passada, no meu palacete, em comemoração à medalha “Abolição da República”, recebida das mãos do próprio presidente pelo meu irmão, Otávio, que é Promotor de Justiça aqui na cidade. Ouçam com atenção: *Plateau de fruits de mer* [para quem não sabe francês, eu traduzo: peixes, crustáceos e frutos do mar, de frescor absoluto, servidos em uma tábua de madeira nobre dourada com fios de ouro comestíveis], pizza contendo no recheio quatro tipos de caviar e lagosta, *frozen yogurt* de melão, chocolate feito com leite de camelo de Dubai, sorvete de caviar e de fígado de ganso, vodca polonesa envelhecida 25 anos... [Só para vocês terem uma ideia, as bebidas chegaram em carro-forte blindado].

Agora ouçam mais este trecho da crônica do tal Giardullo: [Quando eu li esta passagem na reunião de sábado do “Somos chiques mesmo, e daí?”, minha amiga Lúcia passou mal e teve que ser conduzida de helicóptero à capital]: “A Decoração e o Figurino: A casa foi lindamente decorada pelo cabeleireiro do bairro, o Jesuíno, com motivos lembrando o aço e no centro da sala, uma maquete da Siderúrgica onde Seu João trabalhou, feita pelo neto dele, o Zezinho, o qual foi o tempo todo acompanhado pela sua Baby Sister, na verdade sua priminha, a Aninha, que ganha alguns trocados para tomar conta dele, enquanto a sua mãe trabalha de doméstica”.

Tem cabimento uma coisa dessas? Dá para acreditar nisso? Uma mulher do meu nível, que tem na sua suíte uma banheira esculpida numa peça maciça de quartzo amazônico, avaliada em 2 milhões de reais; na sala de estar um piano-bar com paredes revestidas em couro de iguana de Galápagos [não preciso nem dizer como é que eu obtive a autorização para isso, não é mesmo?]; e nas unhas um esmalte feito de lascas de ouro, mantido em um recipiente de cristal com tampa cravejada de brilhantes, não pode se calar diante de uma sucessão de absurdos como essa!

E tem mais! Ouçam isto: “A filha mais nova do Seu João, a Adelaide, estava simplesmente magnífica em um modelito saia e blusa jeans, adquirido na Boutique da Silvinha, que fica ali na esquina. A mulher dele, Dona Efigênia, apareceu subitamente no Salão, digo, quintal, com um vestido legítimo do ateliê da Dona Tereza, a ‘Te Costureira’. Era um ‘tomara-que-caia’ lilás, com babados dourados, realmente um luxo!”

[D. Jaciara se abana com seu leque japonês]: - Estou simplesmente HOR-RO-RI-SA-DA com isso! E gostaria de deixar registrada aqui, meu caro Bruno e queridos ouvintes, a

minha INDIGNAÇÃO diante da ousadia desse Paulo Giardullo, que não tem a mínima noção do que é ser chique neste nosso país.

Pará de Minas, 27 de novembro de 2010

P. S.: Com exceção do meu amigo Paulo Giardullo, todos os outros personagens desta crônica não existem. São frutos apenas da minha imaginação.

Texto citado: GIARDULLO, Paulo. Coluna Social Suburbana. Pará de Minas: *Jornal Diário*, 23 de outubro de 2002.

27 - Hora derradeira

Em uma crônica inspiradora, publicada em 2003, Padre Geraldo Gabriel de Bessa aborda um tema que a maioria das pessoas prefere evitar: a morte. Porém, suas palavras não nos conduzem a nada que normalmente a gente esperaria ler nos escritos de um pároco: vida eterna, salvação da alma, juízo final ou outras questões caras à doutrina católica. Seu texto aborda a morte a partir de uma perspectiva psicológica muito interessante. Começa mostrando como as pessoas sentem prazer em dar a notícia da morte de alguém em primeira mão: “É gozado ver a alegria nos olhos daqueles que gostam de antecipar a má notícia”. E isso não mudou de lá pra cá. A novidade é que, hoje, a rede social Twitter tem sido um canal interessante para a divulgação desse tipo de notícia, sobretudo das mortes repentinas de pessoas conhecidas na cidade, ou de gente famosa, em escala nacional: “Acabou de morrer, em trágico acidente...”. Todos arregalam os olhos, surpresos, e clicam no link para ver se tem alguma foto interessante.

Logo depois de anunciada a morte, dependendo da importância do morto, reportagens especiais são elaboradas, homenagens são prestadas, inimigos se tornam amigos, falsos amigos continuam fingindo ser amigos e consolam a família enlutada, etc. Mesmo os pobres anônimos, quando morrem tragicamente, merecem uma foto e uma matéria nos jornais, talvez as únicas de toda a sua vida além-túmulo [na vida fora do túmulo, raramente um vivo pobre e anônimo tem esse privilégio: na maioria das vezes, é preciso morrer tragicamente ou cometer um crime para aparecer no jornal].

Ao que tudo indica, fotos e matérias desse tipo têm como objetivo atrair a atenção de leitores ávidos por desgraças alheias: notícias de acidentes e mortes muitas vezes aliviam suas angústias, reanimando-os para a vida.

Esse é um outro ponto interessante abordado pelo Padre Gabriel em sua crônica. Referindo-se aos velórios, ele afirma: “Parece que a gente vai lá para certificar que está vivo (...). Ninguém quer ocupar o lugar do morto, ainda que ele seja famoso”.

Nem pensar!

Num velório ou numa matéria de jornal bem sangrenta está ali, mortinho da silva, alguém que eu não conheço, ou que, se conheço, pelo menos é OUTRA PESSOA, ou seja: NÃO SOU EU. Eu estou vivo. Ele está morto. Ainda não chegou a minha vez.

Numa passagem da novela “A morte de Ivan Ilitch” (1886), do escritor russo Leon Tolstói, essa perspectiva também é adotada: “Além das elucubrações sobre possíveis transferências e mudanças de departamento, resultantes da morte de Ivan Ilitch, a simples idéia da morte de um companheiro tão próximo fazia surgir naqueles que ouviram a notícia aquele tipo de sentimento de alívio ao pensar que ‘foi ele quem morreu e não eu’”.

Em uma bela crônica de 1960, Rubem Braga incorpora um personagem que observa uma viúva na praia: “Se eu fosse casado, e morresse, talvez ficasse um pouco ressentido ao pensar que, alguns dias depois, um homem – um estranho, que mal conheço de vista, do café – estaria olhando o corpo de minha mulher na praia. Mesmo que olhasse sem

impertinência, antes de maneira discreta, como que distraído. Mas eu não morri; e eu sou o outro homem. (...). Eu estou vivo, e isso me dá uma grande superioridade sobre ele [o morto]”.

Aqui, Rubem Braga se aproxima muito das pessoas que vão a velórios (da crônica de Padre Gabriel), e dos companheiros de Ivan Ilitch (da novela de Tolstoi). Ele pensa no morto com um sentimento de superioridade, simplesmente por estar vivo.

Para a maioria das pessoas, morrer não é bom. Tolstoi e Rubem Braga descrevem o morrer como algo extremamente desagradável para os que assistem à morte. E para quem está morrendo, a sensação parece ser de derrota, a maior de todas: não tem mais jeito, é o fim. Tolstoi escreve, em “A morte de Ivan Ilitch”: “O horrível, terrível ato de sua morte, ele via, estava sendo reduzido por aqueles que o rodeavam ao nível de um acidente fortuito, desagradável e um pouco indecente (mais ou menos como se comportam com alguém que entra em uma sala de visitas cheirando mal)”. Rubem Braga, por sua vez, observando a viúva na praia com o filho, escreve: “Não, a viúva não está de luto, a viúva está brilhando de sol, está vestida de água e de luz. Respira fundo o vento do mar, tão diferente daquele ar triste do quarto fechado do doente, em que viveu meses. Vendo seu homem se finar; vendo-o decair de sua glória de homem fortão de cara vermelha e de seu império de homem da mulher e pai do filho, vendo-o fraco e lamentável, impertinente e lamurioso como um menino, às vezes até ridículo, às vezes até nojento...”.

É. Realmente, morrer não deve ser bom. Mas há quem morra de repente, sem sofrer, sem nem se dar conta do fato. O morrer, nesses casos, acontece numa fração de segundo – “morreu na hora”, como dizem os jornalistas –; e para quem morre assim, o que deve importar é o além-túmulo [se e é que isso importa].

Para concluir esta crônica funesta, eu pergunto a quem conseguiu chegar até aqui: Será que para quem morreu faz alguma diferença se morreu jovem ou velho, se deixou viúva, filhos, pais, amigos e patrimônio? E para quem ficou? Eu não queria estar no lugar do morto. Mas onde está o morto? Por um acaso eu sei onde ele está para eu não querer estar no lugar dele? Aquilo ali é só um corpo! Se eu estivesse lá, ONDE eu realmente estaria? Será que existe de fato essa superioridade dos vivos sobre os mortos? Não seria o contrário?

Referências:

BESSA, Geraldo Gabriel de. Padre. Morte de pessoa famosa. In: *Sinfonia de Vozes*. Itaipava: São Lucas, 2003, pp. 74-5.

BRAGA, Rubem. Viúva na praia. In: *Ai de ti, Copacabana*. Editora do Autor – Rio de Janeiro, 1960, p. 129.

TOLSTOI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 7.

28 - Somos chiques mesmo, e daí?

- Nossa convidada de hoje é uma das mulheres mais badaladas da sociedade local e, podemos afirmar, sem nenhum exagero, de todo o estado: D. Jaciara de Assunção Menezes Torres e Albuquerque. Boa noite D. Jaciara, é uma alegria imensa tê-la conosco.
- A alegria é toda minha, meu caro Bruno. É sempre um prazer voltar ao seu programa.
- Acho que todos os nossos ouvintes já conhecem D. Jaciara: sabem que ela pertence a uma das famílias mais ricas e tradicionais da cidade, que muito contribui para o desenvolvimento econômico de toda a região. Porém, D. Jaciara tem uma novidade para nos contar...
- Pois é. A novidade é que eu e um grupo de amigas acabamos de fundar um movimento na cidade chamado “Somos chiques mesmo, e daí?”.
- Muito interessante. E o que esse movimento promove?
- Bem, há muito tempo me incomoda o fato de haver em nossa cidade um preconceito muito grande contra ricos e pessoas de classe. Tem um cronista que escreve para um site, por exemplo, que não perde uma oportunidade para humilhar os representantes da Alta Sociedade local: não cita nomes, é claro [pois ele não é louco], mas está sempre tentando mostrar que não existe diferença entre as pessoas.
- E existe?
- Claro que sim! Eu, por exemplo, viajo para a Europa cinco vezes ao ano. Só bebo vinho alemão *Mit prüdikat* ou francês com *Appellation d'origine contrôlée*. Não preciso trabalhar para viver: sou dona de quase a metade dos imóveis comerciais da cidade, que me rendem alugueis astronômicos, fora os lucros das empresas que eu e meus irmãos herdamos de papai e das fazendas de gado Nelore que possuímos no norte de Minas. Isso sem contar o fato de termos mais deputados e prefeitos na nossa família do que qualquer outra família no estado, o que, sem dúvida, facilita muito as coisas, não é? [risos]. Pois então: Como alguém pode dizer que eu sou igual, por exemplo, à minha camareira número 4, que mora em um barracão de aluguel, num bairro tão distante do centro, que ela precisa pegar seis ônibus por dia para ir e voltar do serviço?
- Entendo perfeitamente o seu ponto de vista, D. Jaciara, mas talvez a perspectiva do cronista em questão não seja esta...
- Eu sei muito bem qual é a perspectiva dele. É a de alguém que precisa trabalhar para viver; anda num carro caindo aos pedaços [porque não consegue comprar um novo]; nos finais de semana só tem dinheiro para levar os filhos na pracinha da igreja e comprar pra eles aqueles chur-ras-qui-nhos enfumaçados com guaraná [D. Jaciara sente um arrepio percorrer seu corpo e faz uma careta de nojo]. Eu conheço esse tipo de gente. Essas pessoas têm é inveja dos ricos, dos que têm classe: por isso inventam essas histórias de que somos todos iguais, de que “privada de ouro não fede menos”. Claro que fede menos! Lá em casa, por exemplo, tem um aparelho que eu trouxe do Japão que elimina todo o fedor das fezes antes mesmo dele sair da privada! Não dá tempo nem do cheiro chegar aos narizes de quem está defecando. Tudo acontece como num passe de mágica! E enquanto eu defeco, tenho diante de mim uma TV exibindo documentários franceses de altíssimo nível: *Thalassa*, *Envoyé Spécial*, etc. Pobre tem isso? O nosso cronista tem isso?
- Imagino que não, D. Jaciara. Mas, o que exatamente promove o movimento “Somos chiques mesmo, e daí?”?
- O nosso movimento promove a conscientização das pessoas para o fato de que ser chique não é para todos, mas para uma minoria rica, e que é preciso aceitar isso sem conflitos

[internos ou externos], sem inveja, sem rogar praga e torcer para que todo tipo de desgraça aconteça com representantes da nossa classe. É incrível como pobre cafona adora ver rico chique sofrer, só pra dizer: “Tá vendo! Tem dinheiro, mas não é feliz”. Coitado. Infeliz é ele: mora mal, ganha mal, come mal e dificilmente vai melhorar de vida. Somos chiques mesmo, E DAÍ? Não fomos nós que inventamos o capitalismo! Que culpa temos nós de que, para existir, o capitalismo precise de milhares de trabalhadores pobres dispostos a vender o seu trabalho por uma mixaria e, assim, fazer os ricos ficarem cada vez mais ricos? Não temos culpa disso!

- Muito bem, D. Jaciara...

- E não temos culpa também dos pobres só aparecerem nas páginas policiais, enquanto nós, que temos dinheiro para pagar a publicação de nossas fotos e de matérias sobre nossas vidas chiques, aparecemos nas melhores colunas sociais da região, sempre arrancando suspiros invejosos de todos que gostariam de ser como nós.

- Entendo...

- E eu lá tenho culpa do meu filho ser brilhante, de estar fazendo doutorado numa das melhores universidades federais do país e viajar o mundo todo apresentando seus artigos em conferências internacionais? Por que eu não posso contar isso para todo mundo? É verdade!

- Claro, D. Jaciara, não precisa ficar nervosa.

- Não estou nervosa, meu caro Bruno. Apenas quis enfatizar a importância do nosso movimento, que representa uma minoria em nossa cidade [e no Brasil como um todo]: uma minoria que também tem seus direitos, assim como os gays, os índios, os sem teto, os sem terra, os cotistas universitários, etc.

- D. Jaciara, infelizmente nosso tempo acabou. Foi um prazer conversar com a senhora.

- O prazer foi todo meu. E quem quiser mais informações sobre o nosso movimento, encontre-nos no Orkut, no Facebook e no Twitter. É só digitar: “Somos chiques mesmo, e daí?”. Muito obrigada!

P. S.: Bruno, D. Jaciara e o movimento “Somos chiques mesmo, e daí?” não existem. São pura ficção, frutos apenas da minha imaginação.

29 - Que ninguém se ofenda: pode acontecer com qualquer um

A bela professora de Direito Tributário entrou na sala de aula como se estivesse na passarela de um desfile de modas em Paris ou Milão. Era sexta-feira à noite, e embora já estivesse com o atestado médico em mãos, assinado por uma prima ginecologista, ela resolvera, de última hora, abandonar o marido e os amigos no refinado restaurante francês *Le Bistrot* e ir direto para a universidade. Não que ela respeitasse a instituição: fez isso pelos alunos, que queriam muito a sua presença durante a realização do complicadíssimo exercício que ela havia preparado para aquela noite.

Quando ela pisou na sala, havia em seus intestinos 300 ml de um vinho francês da *Borgogne*, já completamente absorvidos pelo maravilhoso *Cassoulet* que ela havia comido antes de sair [*Cassoulet*: ensopado com feijão branco, salsichas e pedaços de ganso ou pato]. Ao distribuir os exercícios aos alunos, ela fez questão de referir-se a esse jantar requintado, que prosseguia sem a sua presença encantadora no restaurante mais caro da cidade, e, logicamente, à sua dedicação aos “queridos alunos”, que tinham o privilégio de contar com seus ensinamentos numa sexta-feira tão especial.

Enquanto ela desfilava pelos corredores da sala, fazendo soar no velho piso de madeira o leve toc toc dos seus belos saltos importados [e fingindo interesse pelas dúvidas dos alunos], uma enorme quantidade de bactérias atacava os carboidratos da mistura de iguarias francesas que se movimentava no interior de suas tripas. Desse processo de fermentação é perfeitamente natural que surjam gases, como o metano, o sulfeto de hidrogênio ou o dióxido de carbono. Se os componentes da mistura vêm da França, da Alemanha ou do quintal de um pequeno roceiro do interior de Minas Gerais não interessa às bactérias que produzem tais gases. E quanto mais enxofre tiver na mistura, mais fedidas serão as ventosidades produzidas, não fazendo qualquer diferença neste processo a nacionalidade das iguarias presentes nos intestinos.

Enquanto a professora dizia algumas frases decoradas em francês para impressionar os alunos, tentando imitar os sons ouvidos no filme *Piaf* ou em *Coco avant Chanel*, uma pequena bolha de gás, contendo uma quantidade considerável de sulfeto de hidrogênio [rico em enxofre], aumentava de tamanho entre as paredes do seu intestino grosso. Ela circulava em torno de um bolo fecal de aspecto uniforme e cor marrom parda [devido ao ganso presente no *Cassoulet*] que se movimentava lentamente em direção ao ânus da mulher.

A bolha aumentava de tamanho a cada minuto, e às vezes a professora sentia o seu movimento, que se não fosse o constante toc toc de seus saltos sobre o piso da sala, poderia ser ouvido até pelo aluno que estivesse mais próximo. E aos poucos, outras bolhas vinham se aproximando da bolha maior, pois no tempo em que esteve no restaurante, antes de servirem a refeição, a professora conversou muito enquanto bebia [a maior parte do tempo criticando colegas de trabalho que ela considerava inferiores], e enquanto ria e falava, uma enorme quantidade de ar entrava pela sua boca. O ar não absorvido pelo organismo ou eliminado pelos arrotos discretíssimos dados pela professora se misturou ao *Cassoulet* e ao vinho tinto e acompanhou a mistura em direção aos intestinos.

Enquanto isso, alguns ácaros iniciavam uma pequena reação alérgica nas mucosas nasais da mulher. Um leve corrimento teve início, o que fez com que ela tirasse do bolso um lenço bordado a mão por artesãos indianos, comprado na última viagem que ela havia feito com o marido à Ásia. Levou o lenço ao nariz e, discretamente, limpou um excesso de mucosidade nasal que se acumulava na narina esquerda e que estava prestes a pingar. Uma leve irritação nos olhos e uma coceira em ambas as narinas começavam a incomodá-la.

Mesmo assim, a professora continuava o seu desfile pelos corredores da sala, respondendo às questões feitas pelos alunos como se ela fosse a maior autoridade em Direito Tributário do Brasil.

De repente, uma bolha de ar que se movimentava no seu intestino grosso se juntou a uma pequena bolha de dióxido de carbono e sulfeto de hidrogênio, produzida por um grupo de bactérias famintas, o que fez surgir uma bolha muito maior. Essa bolha forçou a parede do intestino, que pressionava de um lado, enquanto o bolo fecal pressionava do outro, o que fez com que ela se deslocasse rapidamente em direção à outra bolha [a mais fedida de todas, que já se aproximava do ânus da professora]. Ao se encontrarem, as duas bolhas formaram uma bolha só, de proporções devastadoras.

Um espirro.

Em pânico, a professora respirou fundo o ar ao seu redor, com medo de que alguma coisa tivesse escapado. Nada. Nenhum cheiro desagradável. Ela tinha que sair dali o mais rápido possível.

Outro espirro, e mais um, e mais outro. A bolha estava quase lá, a mulher podia sentir, e enquanto caminhava lentamente em direção à porta, percebeu uma pressão nas paredes do seu ânus [como um inchaço interno] que só podia significar uma coisa: uma enorme quantidade de gases já tinha chegado ali e estava pronta para explodir.

Imediatamente a mulher parou. Qualquer movimento podia ser fatal. Um novo espirro seria a tragédia completa. E ali ela ficou, entre duas fileiras de alunos, quase no meio da sala, à espera de um milagre, de uma intervenção divina que fizesse desaparecer todo aquele gás acumulado bem na saída, que ela trancava com todas as forças que sua bem trabalhada musculatura glútea e anal permitia.

Enquanto isso, os ácaros não davam trégua e provocavam mais coceira no nariz da desesperada professora, que já não falava mais, apenas aguardava, em pânico, o que o destino lhe reservava.

Foi quando veio o espirro, o mais forte de todos, que vibrou a abertura anal com a rapidez de um raio: um único segundo, o tempo de uma pequena piscadela do esfíncter, mas que foi suficiente para que uma parte dos gases acumulados sob pressão escapasse com um enorme estrondo, tão alto, que a tentativa da professora de abafá-lo com o som do espirro foi em vão.

Tragédia.

Todos os alunos escutaram o som e perceberam de imediato de onde ele tinha vindo e do que se tratava. E os que estavam mais próximos da professora sentiram um cheiro tão fedido, que alguns fizeram vômito, e outros chegaram a vomitar no chão, próximo aos pés da desesperada mulher, que não sabia onde enfiar a cara. E antes que ela raciocinasse sobre o que fazer numa situação dessas, um novo espirro, e um novo estrondo, ainda mais alto e fedido que o primeiro.

O cheiro estava por toda a sala. Alguns alunos pediram licença e se retiraram. Outros foram para a janela. E a professora ficou lá, parada que nem uma estátua, com o pensamento em branco, sentindo o cheiro dos gases produzidos pelas bactérias dos seus intestinos: um cheiro de corpo, de carne, de vida e morte; um cheiro de existir, de ser e estar no mundo, vivendo, comendo e morrendo, como eu, como você, como qualquer um.

30 - Quem não trabalha não pode viver

O texto que eu reproduzo a seguir é uma composição que foi publicada no suplemento infantil do jornal *Folha de Minas*, de Belo Horizonte, em 28 de maio de 1944. Foi escrita por um garoto de 10 anos, estudante do município de Rio Casca – MG:

O valor do trabalho

O trabalho dignifica o homem. Havia em uma cidade um casal que tinha dois filhos. O mais velho tinha oito anos e chamava-se José, o mais novo tinha sete e chamava-se Pedro.

José era muito desobediente e preguiçoso, não queria trabalhar; o pai mandava-o para a escola e ele ia jogar bola com os outros meninos vadios. Era muito vadio, brigador, bebia, fumava, jogava e fazia muita coisa feia.

Pedro era um menino bom, obediente: o pai mandava-o para a escola e ele ia direitinho. Quando terminava as aulas ele voltava diretamente para a casa. Era um menino sincero, alegre, estudioso e muito aplicado.

Nisso foram crescendo.

José tornou-se um ladrão, porque não queria trabalhar, e Pedro tornou-se, pelo contrário, um homem distinto, muito estimado, e enriqueceu-se por meio de seu trabalho.

José um dia foi roubar uma fazenda, o fazendeiro acordou e deu-lhe um tiro que foi certeiro: caiu estendido no chão morto.

Quando Pedro soube do que havia acontecido ficou muito aborrecido com a morte de seu irmão.

*Quem não trabalha não pode viver, pois o trabalho dignifica o homem. **

Essa composição foi escrita em um contexto político marcado pela valorização do trabalho, durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945), de Getúlio Vargas, que tinha no governo de Minas Gerais um de seus mais fiéis seguidores: Benedito Valadares. Naquela época, o projeto desenvolvimentista do governo incluía um programa de conscientização popular sobre o valor do trabalho, já que o país não poderia crescer sem que o povo (pobre) trabalhasse intensamente, em troca de um salário mínimo, nas fábricas, comércios e outros serviços que surgiam no Brasil nos anos 30 e 40.

Naquele contexto, as escolas públicas primárias tiveram um papel muito importante, pois nelas o governo disseminava, desde a infância do cidadão, a ideologia do trabalho, através de concursos de composições, desenhos, poesias e peças de teatro, além das intensas comemorações que ocorriam nas semanas que antecediam o Dia do Trabalho, com desfiles, fanfarras, discursos e filminhos sobre o presidente Vargas e a importância do trabalho, da família, da religião, etc.

O que eu gostaria de discutir, com base nesse longo preâmbulo, é justamente essa ideia de que “o trabalho dignifica o homem”. Pode até ser verdade para muita gente (até para a maioria das pessoas no mundo), mas acho que não devemos perder de vista o fato de que essa frase é fruto de uma construção ideológica carregada de interesses econômicos e políticos nem sempre evidentes. E eu pergunto: Como os capitalistas podem se enriquecer (e enriquecer o Estado) sem os pobres para realizar aqueles trabalhos que nenhum rico quer fazer? Será que é digno levantar às cinco da manhã, pegar 2 ou 3 ônibus, entrar numa indústria e realizar o mesmo trabalho mecânico durante 8 horas por dia, para só pisar em casa de novo às oito da noite, morto de cansaço, para no outro dia fazer a mesma coisa, e depois a mesma coisa, até morrer? Alguns podem me questionar: “Mas esse trabalhador pode tentar outro emprego, procurar crescer, estudar e ir à luta para mudar a sua condição”. E eu responderia: “Um ou outro pode até conseguir, mas a maioria, a meu ver, não encontra outra saída: é aquilo mesmo até morrer”.

No Brasil, o governo Vargas se empenhou muito na construção dessa imagem positiva do trabalho, que, sobretudo na cultura popular, acabou encontrando um espaço perfeito para se reproduzir. Eu mesmo me lembro, quando garoto (com 11 ou 12 anos), que eu tinha vergonha de dizer para os outros que eu “só estudava”. Meu avô contava que meu pai havia começado a trabalhar cedo, com 10 anos, na venda da família, entregando mercadorias de bicicleta pela cidade, e ele dizia isso com orgulho (e meu pai também se orgulhava muito disso). E contava também, rindo até não poder mais, que meu bisavô uma vez olhou bravo para uma de minhas tias (de vinte e poucos anos) e mandou-a fazer doce para colocar na venda, para ajudar em casa; e que ela respondeu: “Mas vô, eu trabalho a semana inteira, sou professora”. E ele: “É pouco. Dá pra fazer uns doces no domingo e ajudar mais seu pai e sua mãe”. E quantas vezes a gente já ouviu falar que “fulano é bom: é trabalhador”; que “aquele casamento vai dar certo, porque o rapaz é muito trabalhador”; ou que “ele é meio bruto com a esposa, mas é trabalhador e não deixa faltar nada dentro de casa.”?

Para mim, trabalhar não é natural (não está na natureza do ser humano). Talvez estejamos caminhando na direção de uma adaptação (darwinista?) para o trabalho, mas acho que ainda é cedo para afirmar que o processo está concluído (se é que ele pode se concluir). Alguns seres humanos são privilegiados: fazem o que realmente gostam. A maioria, no entanto, para mim, apenas se acostuma com o trabalho, sem gostar dele (amparada pela ideologia, que neutraliza os desejos), ou simplesmente acha que gosta, de tão acostumada que está.

“Quem não trabalha não pode viver”, disse o garoto da composição em 1944.

O que você pensa disso?

* Luis Aristides Leite de Castro – 10 anos – Santo Antônio da Gramma – Município de Rio Casca (*Folha de Minas*, p. 7, 28 de maio de 1944). Documento citado por VAZ, Aline Choucair. Educar a Pátria para o Labor: O Dia do Trabalho no ensino primário de Minas Gerais (1937-1945). In: VAGO, Tarcísio Mauro & OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *Histórias de Práticas Educativas*. Belo Horizonte, editora UFMG, 2008, pp. 353-377.

31 - Genro: uma palavra que me gela a espinha

Você, que tem uma filha de quinze ou dezesseis anos, se pudesse escolher para ela um namorado, como ele seria?

Se fosse para mim essa pergunta, sem pensar muito, eu responderia: “Ele não seria. Essa pessoa não existe no mundo”. Mas com um pouquinho de bom senso, eu chego à conclusão de que não tem jeito. Ela vai namorar. Mas com quem? Sempre quando eu penso nisso, sou tomado por um preconceito arrebatador. Tento vencê-lo, mas é como se eu nadasse contra uma corrente poderosa demais. E assim eu me vejo analisando possíveis pretendentes, julgando-os pelas aparências [coisa horrível] e tirando dessas análises superficiais as conclusões mais absurdas e irracionais.

Ontem mesmo eu cruzei com um rapaz na rua: cabeludo, cheio de tatuagens pelo corpo, com um *piercing* enorme atravessando o lábio inferior, barbudo [a barba crescia no pescoço e emendava com os pêlos do peito, que pulavam pra fora da camisa rasgada: era de embrulhar o estômago]. O cara passava uma imagem de desleixo e sujeira: era como se o fracasso tivesse criado pernas, braços e cabeça e saído por aí [preconceito típico do mundo capitalista]. E me imaginei no futuro, abrindo a porta da sala, a minha filha entrando com esse mesmo sujeito e dizendo “Pai, esse aqui é o Jack Boy, meu namorado”. O que eu faço numa situação dessas? Cumprimento o ser? Como? Pego na mão dele? Digo “Entra”? Entrar? Eu vou deixar que ele entre na minha casa, na minha vida e, o pior: na vida da minha filhinha? Imediatamente um filme começa a passar na minha cabeça: minha mulher grávida, eu sentindo os chutinhos dela dentro da barriga, o dia do nascimento [a emoção que eu senti ao pegá-la no colo pela primeira vez], o primeiro banho, as primeiras brincadeiras, o primeiro aninho, o primeiro livrinho [e as historinhas que eu contava para ela], os beijinhos, os bilhetinhos, o carinho, o amor que só quem tem um filho pode saber como é... E eu vou entregar esse meu tesouro para o JACK BOY? Vou entregar a minha VIDA para um cara que no dia de conhecer os sogros nem se deu ao trabalho de lavar os pés encardidos e passar um bicarbonato com limão debaixo dos braços para tirar o cheiro azedo da fermentação suvacal? Vou entregar o que eu tenho de mais precioso para um sujeito que tem hálito de gambá e fica o tempo todo balançando a cabeça e falando “Sóóó, legal...”?

Puro preconceito. Claro. Ou será que é impossível um rapaz desses fazer a minha filha feliz? Talvez ele a faça mais feliz do que um filhinho de papai todo certinho, de terninho bem cortado, estudante de Direito ou de Medicina na UFMG. [E parece que quase todos os pais gostariam que as suas filhas namorassem um estudante da UFMG, de preferência do curso de Medicina, que dá mais *status*: e os futuros médicos adoram se exhibir por aí, com as camisas do curso e adesivos “Medicina UFMG” colados nos seus carros, geralmente ganhados de presente de seus papais e mães – imitando aqueles pavões machos que abrem seus belos leques de penas, plumas e cores para atrair as fêmeas mais interessantes]. E não precisamos procurar muito para encontrar famílias constituídas da forma “como deve ser” [casamento na Igreja, casa própria, marido bem de vida, encontros de casais, etc.] onde a mulher apenas finge ser feliz: finge viver. Assim como não é difícil encontrar casais alternativos, onde o marido (meio doidão) é poeta, compositor, escritor e, por isso, pobre (lógico), mas onde, mesmo assim, há harmonia, liberdade, alegria e felicidade verdadeiras.

Existem casais respeitáveis, riquíssimos, cuja união se deu da forma mais tradicional e “correta”, mas que não vivem em paz, estão sempre preocupados com o dinheiro, com a imagem de respeitabilidade e prosperidade que devem transmitir à sociedade, etc. E ao mesmo tempo existem casais que não ligam para nada disso e que, embora passem uma imagem de desleixo e sujeira, vivem muito bem, amam muito e curtem a vida, com liberdade e respeito.

Será que eu estou equivocado? Ou exagerando?

É claro que existem muitos casais “respeitáveis” que vivem bem, e muitos casais “desleixados” que não vivem bem. Isso é muito relativo. Mas acho que dei o meu recado.

O que você pensa disso?

32 - Privada de ouro não fede menos

Em meados dos anos 80, meus avós e minha mãe tinham uma sapataria na Rua Benedito Valadares (a Sapataria Fabiano) onde eu às vezes ajudava as funcionárias no atendimento aos fregueses. Uma vez (lembro-me disso como se fosse ontem), uma freguesa entrou querendo trocar uma sandália, mas sem notinha, etiqueta ou embrulho que comprovasse a compra no estabelecimento, e ainda apresentando um produto que, sem sombra de dúvida, havia sido usado por um bom tempo. Quando foi informada de que a troca não poderia ser efetuada, a mulher (que devia ter uns 50 anos) disparou uma série de palavrões contra a moça que a atendia. Suas ofensas eram, em grande parte, escatológicas [ou seja, giravam em torno da noção de fezes]. Foi mais ou menos assim: “Quem você pensa que é ô vagabunda?” “O que é que você acha que tem aí dentro do seu bucho?” [acho que ela quis dizer intestino]. “Pétalas de rosa?” “Perfume?” “Pois fique sabendo que o seu bucho tá cheio de merda, de bosta fedida, igual ao bucho de todo mundo!” “Você acha que a sua bosta é menos fedida que a bosta dos outros?” (...) E a coisa prosseguiu nesse nível.

Mas o que os nossos intestinos e seu conteúdo têm a ver com a indignação da mulher na cena descrita acima? Não preciso ir aos grandes historiadores da cultura para afirmar que as fezes (assim como a morte) são facilmente associadas na cultura popular a uma ideia de igualdade, e que jogar na cara de quem se julga superior que as suas fezes não fedem menos que as fezes dos outros alivia o peso da desigualdade gerada pelos sistemas econômicos do passado e do presente.

Todo mundo caga. O presidente dos Estados Unidos caga. A rainha da Inglaterra caga. O juiz que humilhou um inocente na frente da sua família caga. O médico que tratou um idoso como se ele fosse um bicho caga [cabe lembrar que nenhum animal merece o tratamento que alguns médicos dispensam a seus pacientes em Pará de Minas]. Todos os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura, de Química e de Economia cagam. Todos que aparecem nas colunas sociais (ricos) ou nos noticiários policiais (pobres) cagam, etc. E não importa se eles comem caviar com champagne ou coxinha com guaraná. Com poucas diferenças, uma refeição de R\$500,00, depois de passar pelos intestinos, fede tanto quanto um PF de R\$8,00.

É aí que está a igualdade. E quando alguém se sente humilhado ou injustiçado, a referência às fezes estabelece, pelo menos naquele momento, uma igualdade natural que, embora reduzida a quase nada pela desigualdade artificial do capitalismo, vem à tona por alguns instantes para dizer: “Você também não vale nada”.

Como dizia Fernando Pessoa: “Nada fica de nada. Nada somos”. A mulher na sapataria sabia disso e perguntou: “Quem você pensa que é?” “Você acha que é melhor do que eu?”.

Pascal Mercier, em seu belo livro *Trem noturno para Lisboa*, coloca na boca de um de seus personagens: “A vaidade é uma forma ignorada de estupidez. É preciso esquecer a insignificância cósmica de todos os nossos atos para podermos ser vaidosos, e isso é uma forma flagrante de estupidez”. Ora, no mundo capitalista, então, a estupidez é algo natural. E em Pará de Minas acredito que ela é ainda mais marcante, fazendo ferver um substrato popular de escatologia igualitária, que vem à tona, de vez em quando, na forma de insultos

repletos de referências aos nossos inocentes (e úteis) bolos fecais, direcionados contra pessoas consideradas vaidosas e orgulhosas.

Talvez como um reflexo dessa cultura popular, a associação entre fezes e igualdade aparece também em textos que normalmente não são classificados como populares. Por exemplo, o poema *Paixão de Cristo*, de Adélia Prado:

Apesar do vaso
que é branco,
de sua louça
que é fina,
lá estão no fundo,
majestáticas,
as que no plural
se convocam:
fezes.

(...)

Outro exemplo é o trecho a seguir, extraído do livro “A elegância do ouriço”, de Muriel Barbery:

"Às terças e às quintas, Manuela, minha única amiga, toma chá comigo na minha casa. Manuela é uma mulher simples cuja elegância não foi despojada pelos vinte anos desperdiçados à cata de poeira na casa dos outros. (...) Convém saber que, quando vai à minha casa (...) Manuela já limpou com cotonetes as latrinas folheadas a ouro e que, apesar disso, são tão sujas e fedorentas como todas as privadas do mundo, pois, se existe algo que os ricos dividem a contragosto com os pobres, são os intestinos nauseabundos, que sempre acabam se livrando em algum lugar daquilo que os faz feder".

Obs.: O computador insistiu para eu trocar o verbo cagar pelo verbo defecar, mas ignorei todas as suas súplicas.

E chega de merda por hoje.

33 - Sobre livros, corpos e almas

Sexta-feira, na academia, quando eu estava na bicicleta suando a cântaros e lendo *Big Sur*, de Jack Kerouac, um aluno meu da faculdade se aproximou de mim para conversar. Interrompi a leitura e abaixei o livro até próximo ao banco da bicicleta, marcando a página com o dedo indicador. Terminada a conversa, ao recomeçar a leitura, percebi que o suor que escorria pelo meu braço havia ensopado a página do livro que eu tinha marcado e se acumulado numa das bordas, molhando também outras páginas. O livro é uma edição de bolso da L&PM, muito boa de ler. [...] Trago-o agora pra junto do computador e verifico o resultado desse meu descuido, depois de seco. Folheio o livro várias vezes, sentindo sua textura, e observo as páginas tortas, com alguns calombos nas partes atingidas, mas sem nenhum borrão. Abro o livro na página onde está o marcador e leio ao acaso: “E com todas as escuridões róseas enevoadas de tons variados e sombras tranqüilas para expressar a efemeridade real da noite”. Vou lá no início e leio: “A infância da simplicidade de apenas ser feliz num bosque, sem se dobrar às idéias de ninguém sobre o que fazer, o que deve ser feito”. Fecho o livro e admiro sua capa: um carro seguindo por uma estrada deserta, e logo acima do título a frase de Allen Ginsberg: “Cada livro de Jack Kerouac é uma peça única, um diamante telepático”. Folheio-o novamente, várias vezes, acaricio a lombada com o dedo indicador da mão esquerda, viro-o de um lado para o outro e deixo-o sobre uma cadeira, bem ao lado de uma taça de vinho: um tinto português do Vale do Douro que eu abri ontem à noite e que, agora, neste início de tarde, eu continuo a beber, pensando: “As uvas daquele vale tiveram que dar sua alma para que esta maravilha pudesse ser produzida, e o mesmo eu digo do Kerouac, que pôs toda sua alma indomável neste livro extraordinário”. Olho para o livro e para o vinho e me emociono, mais ou menos como me emocionei quando segurei pela primeira vez uma edição antiga de *O Caso Morel*, de Rubem Fonseca, e senti suas páginas amarelecidas pelo tempo, pressentindo o prazer da leitura que em breve eu faria; ou quando eu me encontrava nas páginas finais de *Trem noturno para Lisboa*, de Pascal Mercier, e não queria terminar e segurava o livro junto ao peito numa espécie de abraço de despedida; ou quando cheguei à livraria Ouvidor em Belo Horizonte e tirei meu livro da estante, li meu nome na capa e folheei-o, pensando: “É meu, fui eu que escrevi”.

São esses tipos de experiências sensoriais com os livros que muita gente vai perder se leitores eletrônicos de livros eletrônicos se popularizarem no mundo. Para mim, o livro *Big Sur*, de Jack Kerouac, possui uma alma imortal que cabe em vários corpos – grandes, pequenos, com capas duras ou não, com ilustrações ou não –, mas não consigo me imaginar lendo *Big Sur* num corpo e depois usar esse mesmo corpo (uma máquina) para ler *Crime e Castigo*, de Dostoievski. Pra mim, a alma de *Big Sur* tem que fazer conjunto com o seu corpo e permanecer nele (só nele) como uma unidade, mesmo que essa alma esteja, ao mesmo tempo, em vários outros corpos (várias edições, em várias línguas). No caso dos livros, usar o mesmo corpo para receber centenas e milhares de almas diferentes pode ser ecologicamente correto, mas não faz bem para o meu espírito de leitor [...]. Volto agora da minha estante trazendo uma bela edição francesa de *Crime e Castigo* e folheio-a várias vezes. Sinto novamente a alma do livro naquele corpo já bastante manuseado por ávidas mãos de leitor apaixonado. Abro o livro e passo suas páginas pelo meu rosto e pelos meus lábios secos; sinto o cheiro das folhas, sua textura fina, bem diferente da textura da edição brasileira de *Big Sur*. Vou à página 577 e leio a última frase, seca, dura, fria: “On pourrait y

trouver la matière d'un nouveau récit, mais le nôtre est terminé". Depois de tudo que eu sofri e chorei e amei e odiei, aquilo: "...mas o nosso relato terminou". Não preciso digitar nada ou clicar em lugar nenhum para reler essa frase, só puxar o livro da estante e abrir no lugar certo.

Como vai ser? Será que eu não vou mais poder passar horas numa livraria tocando e folheando os livros? Será que vai ser tudo pela internet? Não dá pra acreditar. Todo aquele ritual mágico de escolher um livro substituído por "Digite sua senha. Escolha o título. Digite o número do seu cartão. Transação efetuada". Que coisa horrível! E depois? Terminada a leitura, naquele mesmo corpo penetra uma outra alma, bem diferente da anterior (Que esquisito!); e eu não posso folhear, sentir texturas, cheiros, fazer carícias, porque aquele corpo não tem folhas e suas texturas e cheiros são únicos, sempre os mesmos, e nunca estarão em comunhão com a alma daquele livro. Nunca.

Livros são corpos e almas em comunhão, uma união mágica entre sentimentos, lembranças, sonhos, texturas, cheiros, letras, capas e imagens diferentes. A meu ver, o leitor eletrônico, ao padronizar o corpo, vai tirar o encanto e a magia dessa união.

Tudo isso é ainda muito nebuloso pra mim. Mas pelo menos por enquanto eu não consigo perceber o lado positivo deste enorme avanço tecnológico e ecologicamente correto para a Leitura no Brasil.

34 - Manoel Batista era português

Na França, a Revolução de 1789 foi um golpe terrível para a herança cultural da Idade Média. Na sociedade francesa do século XVIII (herdeira da cultura medieval), a nobreza no poder valorizava o ócio e cultuava as aparências, amava a riqueza (mas não o trabalho) e colocava acima de tudo as relações pessoais, as amizades e o parentesco, numa confusão perdulária entre Público e Privado. O pensamento iluminista de meados do século XVIII e a Revolução Francesa introduziram radicalmente nesse mundo conceitos polêmicos como República, Direitos Humanos, Cidadania, Razão, etc., e certamente contribuíram para que o povo francês, de forma geral, nos séculos XIX e XX, passasse a atuar no espaço público (que era de todos) defendendo com paixão o Bem Comum.

Em Portugal não houve nada que se comparasse à Revolução Francesa. Ao contrário do que ocorreu na França, a nobreza portuguesa nunca foi confrontada em seus valores e visões de mundo tradicionais (medievais) por outras ideias, valores e concepções. Na França, a burguesia e outros grupos progressistas bateram de frente com a nobreza, impondo ideias que valorizavam o espaço público e definiam a Cidadania enquanto prática política organizada, visando à defesa do que é público para o público.

Em Portugal, essa burguesia não existiu. A nobreza tradicional, apegada àqueles valores tipicamente medievais – o culto às aparências, a valorização do ócio e das relações pessoais e de parentesco no seio do Estado, a confusão entre Público e Privado – não foi confrontada por nenhum outro grupo. Na verdade, a nobreza portuguesa se aburguesou por necessidade, mas agarrando-se firmemente aos valores antigos, que ela trouxe para o Brasil junto com a frota de Pedro Álvares Cabral em 1500. Enquanto isso, o Estado português se fechava ao Humanismo, ao Racionalismo e, mais tarde, ao Iluminismo francês, mantendo-se firme naqueles princípios tradicionais.

Essa foi, portanto, a mentalidade que vigorou no Brasil durante todo o período colonial, tendo sido transferida quase naturalmente, como herança portuguesa, para o Brasil independente, após 1822, e também para a República, depois de 1889 (que de República, até hoje, infelizmente, tem muito pouco). Porém, o mais grave disso tudo, a meu ver, é a forte presença do elemento afetivo nas relações políticas brasileiras. Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, de 1936, explica essa questão, referindo-se ao período colonial: “O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras. Quer dizer, exatamente o contrário do que parece convir a uma população em vias de organizar-se politicamente”.

Nada vinha de Portugal que contestasse essa ordem natural das coisas, esse apego ao passado, à tradição medieval; e a cultura nobre portuguesa, livre de qualquer obstáculo, se enraizou no Brasil de tal forma, que até hoje ela conduz a nossa vida, sobretudo no espaço público.

Pará de Minas nos oferece exemplos claros desse apego às tradições portuguesas:

1) Como em qualquer outra cidade brasileira, o culto às aparências é algo que chama a atenção em nossa cidade (a preocupação que as pessoas têm em se exhibir para os outros, aparentando riqueza e poder, mesmo que a realidade seja bem diferente). 2) A forma como se faz política por aqui, apelando para os laços de amizade e parentesco, e tratando os eleitores, muitas vezes, como clientes particulares, num claro desprezo pela noção iluminista de *Res Publica*, ou Bem Comum. 3) Essa coisa que as pessoas têm de levar tudo para o lado pessoal (se um candidato é meu parente, por exemplo, eu tenho a obrigação de votar nele). 4) Essa mania que muita gente tem de querer levar vantagem em tudo, de passar os outros para trás, permitindo-nos uma comparação com o que Sérgio Buarque de Holanda afirma sobre os portugueses do período colonial: “O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho”. 5) A dificuldade que as pessoas têm de se organizar e cobrar das autoridades o bom governo da Coisa Pública – fruto da dificuldade crônica de se perceber o próprio Público (depreda-se com muita naturalidade o patrimônio público; joga-se lixo nas ruas e passeios públicos; leis públicas são desrespeitadas na maior cara de pau, etc.). 6) E o último exemplo, que me faz pensar em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII: a desvalorização do professor e da Educação Pública em geral, dificultando a formação de cidadãos críticos, capazes de contestar essa herança cultural retrógrada.

Por isso, nada mais lógico e natural do que o mito fundador de Pará de Minas estar ligado a Portugal e à sua cultura. Manoel Batista, o mercador português que aqui chegou, talvez ainda no período colonial (segundo o mito), estabelece um nexos perfeito entre o passado e o presente da nossa cidade. Ele faz a ponte entre o universo medieval português e o nosso cotidiano hoje, marcado (com maravilhosas exceções, é claro), pelo culto às aparências, pela confusão entre Público e Privado, pelo “jeitinho”, etc.

Não quero, com isso, menosprezar a enorme contribuição cultural de negros e índios para a nossa formação, muito menos desprezar o que os portugueses nos legaram de bom; mas no espaço deste artigo (que já avançou muito), coube apenas o destaque àquilo que, para mim, marcou mais a nossa cultura local, assim como a maior parte das outras culturas locais por esse Brasil afora: o tradicionalismo português – personalista, pomposo, pobre e atrasado.

Manoel Batista era português. Pelo menos para mim. Se ele não existiu ou se não era português, acredito que esse nome – Manoel Batista –, que é uma referência em Pará de Minas, já representa por si só o espírito português: as trevas lusitanas trazendo o atraso cultural e o conservadorismo pomposo para a sociedade patafufa do presente.

E o que significa, nessa minha análise, o sete de setembro de 1822? Nada, a não ser o continuísmo, a perpetuação da tradição portuguesa no Brasil. Quem declarou o Brasil independente de Portugal? Espero que todos saibam. R: Foi o filho do próprio rei de Portugal, o príncipe D. Pedro, que representava todo o continuísmo português. Não houve ruptura com o passado, nenhuma revolução. A nossa primeira história oficial, por exemplo, foi escrita nos anos 1850, valorizando a colonização portuguesa!

Diante disso, como contestar o nosso mito? Como podemos afirmar que Manoel Batista tinha sangue indígena, como alguns pesquisadores querem demonstrar? Para mim, não tem conversa: Manoel Batista era português.

35 - Vai sair hoje?

O ano era 1987. O local, o pátio de um colégio cinzento, onde adolescentes jogavam bola, conversavam ou ficavam parados, em silêncio, ao redor das quadras de vôlei, peteca e futebol, esperando terminar o horário da Educação Física. O tempo não passava naquele colégio. Cada aula parecia durar uma eternidade, e quando o último sinal tocava, eu ia embora, feliz da vida, pensando: “Agora eu vou fazer o que eu gosto”.

Mas no pátio daquele colégio triste, numa manhã de quinta-feira do ano de 1987, uma adolescente baixinha perguntou à sua colega: “Você vai no BEB&RANGO no final de semana?” E a outra respondeu: “Acho que vou”. As duas tinham doze anos e já “saíam”.

Sair. Este era o verbo mais chique daquele pátio, pois significava “Eu aproveito a vida, sou importante, faço parte da sociedade”: “Eu saio”. E no BEB&RANGO, ao final da tarde (não sei se de sábado ou de domingo), aquelas meninas ficavam andando pra lá e pra cá, de narizes empinados, rindo e conversando com os garotos mais velhos, de 16, 17 ou 18 anos, se achando o máximo dos máximos.

Aos 12 anos eu não saía. Nem aos 13. Nem aos 14. Até o início da década de 90 eu praticamente não existia para o mundo exterior, somente para a minha família, que às vezes se preocupava com o fato de eu ser tão introspectivo, tão mergulhado em meu mundo interior: este sim maravilhosamente turbulento e confuso, cheio de cores, ao contrário do universo desbotado e distante daquele colégio e daquele bar tão popular em Pará de Minas na segunda metade da década de 80.

Não sair significava não existir, não viver. “Você não sai, não aproveita a vida”, costumavam dizer. Eu ouvia isso, mas não entendia, porque eu vivia e aproveitava a vida intensamente, do meu jeito. Meu maior prazer, quando eu me via livre daquelas aulas insuportáveis, era a leitura. Eu praticamente lia um livro por tarde, deitado no grande sofá da sala de visitas da minha casa, sem ninguém para me incomodar. Eu me desligava do mundo exterior e mergulhava nas histórias com um prazer imenso, avassalador. Eu sentia minha alma pulsar, agradecendo aquelas palavras e frases que me conduziam por cenários incríveis, em histórias emocionantes, contadas por mestres como Marcos Rey, Lúcia Machado de Almeida, Stella Carr, Júlio Verne e Agatha Christie.

E no início dos anos 90, quando eu descobri autores como Rubem Fonseca e Edgar Allan Poe, e me recusava a trocá-los por uma saída no Geraldinho sábado à noite, a pressão para eu sair aumentou, porque eu TINHA que beber, TINHA que ficar com as meninas e provar um monte de coisas para um monte de gente. E eu saía. E era como voltar àquele colégio e ter que assistir sem vontade àquelas aulas inúteis de Danças e Teatros, Educação Moral e Cívica, História e Português. Cheguei até a ficar com algumas meninas, mas quando isso é feito apenas para cumprir uma obrigação social, é ruim, não dá prazer.

Isso acontecia no antigo Bar do Geraldinho, na rua Coronel Domingos, onde a juventude se encontrava pra ficar parada na rua e nos passeios bebendo em pé e vendo os carros passarem cantando pneu e fazendo fumaça com o som no talo: mais ou menos o que acontece hoje no Stop & Shop na sexta à noite. Quando eu sentia que minha obrigação

tinha sido cumprida, eu saía de fininho, e ainda aproveitava um restinho da noite em casa, assistindo a alguns programas e filmes da madrugada.

Com relação a isso, minhas angústias só terminaram em 1992, quando eu comecei a namorar uma menina mais velha, na CEDAF, em Florestal, onde a gente estudava (eu tinha 16 e ela 26), e ela me apresentou à obra do escritor anarquista Roberto Freire, que mudou a minha vida: *Cleo e Daniel*, *Ame e dê vexame*, *Sem tesão não há solução* e *Coiote*, livros que me mostraram a beleza de ser aquilo que você realmente é, de corpo e alma, sem se preocupar com o que os outros pensam de você. Em 92 e 93 participei de palestras e oficinas do grupo SOMA, fundado pelo próprio Roberto Freire, e aprendi a me conhecer melhor e a valorizar mais minha originalidade única, ligada ao meu prazer de ser e estar no mundo.

Minha vida melhorou muito depois disso, mas hoje penso que a utopia anarquista de uma sociedade totalmente livre de qualquer forma de poder e opressão é um sonho impossível. Somos escravos de uma série de convenções e regras sociais, que nos impedem muitas vezes de sentir o verdadeiro prazer de existir. Tais regras são tão implacáveis, que a gente acaba criando para nós uma felicidade artificial, baseada em coisas efêmeras, como “ter aquele carro”, “ter aquele notebook”, “ter aquele cargo”, “ter aquele apartamento”, “ter aquela aposentadoria”, “ter aquele corpo sarado”, “ter aquela mulher gostosa”, “ter aquela mulher rica”, etc., enquanto a nossa originalidade única, a nossa natureza e o nosso prazer (autêntico, verdadeiro) vão ficando em segundo plano, até desaparecerem quase por completo sob o peso da ideologia burguesa e de sua frase mais emblemática: “O importante não é fazer o que se gosta, mas gostar do que se faz”.

Só que a gente raramente se dá conta de que esse último “gostar” da frase é, muitas vezes, uma criação artificial, que apaga o nosso ser verdadeiro, o nosso tesão de existir.

Prefiro a frase do Caetano: “Um porto alegre é melhor que um porto seguro para essa nossa viagem no escuro”.

36 - A Cultura Patafufa

Será que existe uma relação entre o número de livrarias em uma cidade e as visões de mundo – perspectivas de vida, costumes, etc. – de sua população?

Penso que, nessa discussão, não devemos nos referir ao “nível cultural” de uma determinada população ou comunidade, pois isso poderia nos levar a uma hierarquização arbitrária e a perigosos juízos de valor sobre as culturas, como “A cultura francesa é melhor do que a cultura americana”, por exemplo. Porém, não há como negar que existem culturas mais refinadas do que outras, embora eu concorde que o conceito de “refinamento” permite várias interpretações.

Tomo a liberdade (e assumo os riscos), então, de apresentar a minha interpretação sobre o grau de refinamento da Cultura Patafufa, a partir de algumas informações sobre a aquisição de livros na cidade:

Pará de Minas possui uma única livraria, que é, ao mesmo tempo, editora, papelaria e loja de artigos de informática. O seu dono é apaixonado por livros e cuida do negócio com muito zelo e dedicação. Mas quanto à leitura em Pará de Minas, ele é taxativo: *Lê-se muito pouco por aqui*. Tudo bem que livro é caro no Brasil, mas existem inúmeras edições de bolso no mercado a preços bem acessíveis, desde livros de auto-ajuda até clássicos da literatura brasileira e mundial. Mas, mesmo assim, a venda de livros em Pará de Minas, nesta livraria e em outros estabelecimentos onde se comercializam alguns livros, é muito pequena em relação ao número de habitantes da cidade.

Mas o que isso tem a ver com o grau de refinamento da cultura local? O que eu entendo por refinamento? Para mim, a população que possui uma cultura refinada é aquela que, entre outras coisas, tem um bom domínio das artes de ler, escrever, interpretar, analisar, criticar, relacionar, criar conexões entre as informações, polemizar com segurança e firmeza em relação aos problemas do cotidiano (políticos, sociais, culturais, econômicos, etc). É uma população que consegue se situar no mundo, compreender o seu papel numa democracia, se organizar para defender seus interesses particulares e, principalmente, os interesses comuns.

Posso estar cometendo um equívoco conceitual e talvez até uma injustiça, mas acho que é isto que falta em Pará de Minas: refinamento. Nada a ver com o que a gente lê nas colunas sociais, o que, a meu ver, vai contra o que eu entendo por refinamento: penso que a pessoa realmente refinada não se preocupa com o mundo das aparências, seus coquetéis e cerimônias vazias.

Em Pará de Minas, o que a gente observa, no geral (é claro que existem exceções), é uma população que lê pouco, escreve mal, tem dificuldades de interpretação e análise, não sabe relacionar bem as informações, criar nexos entre as coisas que lê, não tem o embasamento e a clareza necessários para defender seus interesses e polemizar com segurança (as polêmicas que a gente observa são, na maioria das vezes, simples “barracos” ou meras disputas de interesse político/partidário ou privado). É uma população que não tem dinheiro para comprar livros, mas tem dinheiro para comprar cerveja, celulares e motos, ir a botecos

e a danceterias, se vestir com roupas e calçados de marca, viajar por viajar (só para aparecer nas colunas sociais), equipar seus carros com sons potentes, etc.

Como eu disse, é uma população que lê pouco. A meu ver, esse é o ponto crucial da explicação para a falta de refinamento da nossa cultura local, o que conduz a outros problemas, como ao fato de os nossos meios de comunicação serem obrigados a oferecer a essa população somente aquilo que ela consegue digerir: matérias superficiais, com pouca análise e reflexão (muitas vezes com interesses políticos acoplados aos textos de maneira grosseira e pouco embasada); à dificuldade dessa população em separar o público do privado, o que leva a situações bizarras do ponto de vista da democracia, como políticos usando recursos públicos para resolver problemas privados de seus eleitores, parentes e amigos; ao baixo nível de uma parte significativa dos professores locais (também péssimos leitores), etc.

Como professor de história e historiador, eu não poderia deixar de ressaltar que esse problema tem raízes históricas muito profundas. Enquanto na França e na Inglaterra do século XVI ao XIX, a edição e a venda de livros atingiam números altíssimos [como provam os estudos de Robert Darnton e Christopher Hill], no Brasil, ainda no século XIX, ler era um luxo. Em 1821, o inglês James Henderson, que residia no Brasil, escreveu: *O Brasil não é lugar de literatura. Na verdade, a sua total ausência é marcada pela proibição geral de livros e a falta dos mais elementares meios pelos quais seus habitantes possam tomar conhecimento do mundo e do que se passa nele. Os habitantes estão mergulhados em grande ignorância e sua consequência natural: o orgulho.* [James Henderson, *A History of the Brazil* - comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants. London: Longman, 1821. p. 76].

37 - Trem noturno para Lisboa

Em um texto muito interessante, publicado na revista *Vida Simples* em junho de 2009 (Edição 80), a autora Liane Alves afirma que uma forma muito comum de auto-sabotagem é quando “aceitamos fazer um trabalho por dinheiro sem questionarmos se é exatamente isso que queremos fazer na vida”. Segundo ela, o conflito que pode surgir a partir dessa opção “é particularmente agudo no campo da criatividade”. Ela dá o exemplo de uma redatora de publicidade, que embora ganhasse uma fortuna numa agência de São Paulo, estava infeliz: “Sofria a cada manhã que tinha de trabalhar, a cada texto que tinha de escrever”, e com o tempo a sua produtividade caiu, seu cérebro travou, e ela acabou sendo demitida. “Hoje, feliz e solta na vida”, continua a autora da matéria, “ela ensaia os rumos de seu primeiro livro”; e o cérebro dela, refeito da crise, “colabora intensamente para isso”.

Não é linda essa história? Resumindo: Você ganha uma fortuna fazendo o que não gosta e, de repente, por falta de criatividade e produtividade, é demitido. Problema? Não! Você vai escrever um livro e ser feliz.

Mas e o resto? Como era a vida dessa redatora de publicidade? Ela era casada? Tinha filhos? A família dependia dela para viver? A casa onde ela morava era própria? Ela tinha algum financiamento para pagar? Se ela tinha filhos, onde eles estudavam? Ela tinha uma ajudante do lar, uma babá, uma faxineira, uma lavadeira? Tinha TV a cabo e internet banda larga?... E assim poderíamos prolongar os questionamentos até terminar o nosso espaço nesta coluna, sem conseguirmos produzir uma imagem que se aproximasse da realidade vivida por essa mulher.

E a revista *Vida Simples* não dá nenhuma resposta a estas perguntas. Por quê?

Eu tenho uma teoria, que começou a se esboçar quando eu vi o preço da revista: R\$12,00. Pode parecer pouco para você, mas não é para a maioria dos brasileiros. Isso porque a revista *Vida Simples* foi feita para pessoas bem situadas no mundo capitalista, que podem se dar ao luxo de uma vida mais simples sem perder o conforto e a segurança que o sistema lhes proporciona (ou, pelo menos, sem comprometer muito o seu padrão de vida anterior). Ela não foi feita para pobres, que já têm uma vida simples (por necessidade, às vezes sem terem acesso ao básico, ao mínimo conforto). Eu, por exemplo, que não me considero pobre, se eu “chutasse o pau da barraca” e fosse fazer o que eu realmente quero (que é ler, escrever e dar, no máximo, quatro ou cinco aulas por semana), minha família passaria necessidades. É claro que eu e minha esposa poderíamos nos adaptar: tiraríamos nossos filhos da escola particular, controlaríamos nossos gastos com comida e roupas, reduziríamos o nosso lazer capitalista (restaurantes, viagens, etc.) ao mínimo (ou a zero) e viveríamos uma vida simples (bem simples). Mas para a sociedade eu seria um monstro: “Olha só aquele vagabundo... A família passa por necessidades e ele dentro de casa, de bermuda e chinelos, lendo e escrevendo um livro que ninguém vai ler! Que absurdo!”.

E o pobre, então? Como faria? Como viveria a família de um operário que ganha um salário mínimo por mês (que corresponde a 60% da renda familiar) se ele resolvesse largar o emprego e se dedicar a escrever poemas de amor? E a família de um professor de escola

pública, que sustenta a esposa e os filhos com o seu novo piso salarial de R\$1.300,00, se ele resolvesse abandonar a sala de aula para pintar quadros surrealistas?

E tem mais: Será que o leitor da revista *Vida Simples* está interessado em saber o que os pobres realmente gostariam de fazer na vida? Será que ele se perguntou alguma vez se aquele homem de trinta e poucos anos, que trabalha na coleta de lixo, realmente gosta do que faz? Será que ele não tem curiosidade em saber se esse homem, que dedica a maior parte do seu tempo em deixar a cidade mais limpa, gostaria de fazer outra coisa na vida? E aquela mulher de quarenta anos que passa o dia inteiro retirando vísceras de centenas de frangos, que correm a uma velocidade constante na esteira de um abatedouro industrial? Será que ela não gostaria de estar em casa cuidando dos filhos ou trabalhando em outra coisa? Será que ela não gostaria de poder dançar mais, divertir-se mais ou estudar mais? Talvez sim, talvez não. Mas quem se importa?

O fato é que, a maioria dessas pessoas está tão absorvida pelo furacão do desenvolvimento capitalista que poucas realmente questionam se o trabalho que realizam é o melhor para a sua vida. Elas estão anestesiadas por uma lógica que parece inquestionável: *Para o mundo se desenvolver e prosperar, alguns poucos têm que pensar e refletir, organizar, decidir e gerenciar tudo, enquanto a maioria tem que “colocar a mão na massa”, “dar duro”, cumprindo sua jornada rigorosamente, ganhando pouco, para dar de comida aos filhos e, quem sabe, “melhorar de vida” no futuro.* Essa é a lógica. E hoje ela se reproduz quase naturalmente, como se tudo isso fosse natural e sempre tivesse existido, sem a mínima chance de ser diferente.

No início do mês eu comprei um romance em Belo Horizonte que, de cara, me chamou a atenção pelo título: *Trem noturno para Lisboa*, de um escritor suíço chamado Pascal Mercier. Ao folhear o livro, fui transportado novamente para Lisboa, cidade onde pude morar por um tempo, graças a uma bolsa de estudos paga pelo governo brasileiro, enquanto me dedicava a um doutorado em História (sustentado pelos impostos pagos por você, leitor, e por todos os outros brasileiros pobres ou ricos que pagam impostos). E não digo isso por puro exibicionismo, pois sofri muito em Lisboa [Chorei muito pelas colinas medievais da Alfama, ou no meu quatinho de pensão, com a cara enfiada no travesseiro ou na toalha molhada do banho, aos gritos, de saudade e desespero].

Hoje, enquanto devoro vorazmente (com um prazer indescritível) esse livro excepcional, a sensação que eu tenho de estar de novo naquela cidade, junto com o personagem principal, é ainda maior, pois sinto também muito do que ele estava sentindo, caminhando, solitário, pelas ruas da Baixa Pombalina ou do Bairro Alto, ou visitando as inúmeras livrarias e sebos da parte velha da cidade.

Mas o que isso tem a ver com a nossa história? Eu explico: O personagem principal do livro é um professor de línguas clássicas de um colégio de Berna (Suíça), que um dia se levanta durante uma aula, abandona a sala e toma um trem para Lisboa. Ele queria, aos 57 anos, mudar de vida, fazer outras coisas, conhecer outras pessoas, sobretudo um escritor português chamado Amadeu de Prado, que tinha uma visão peculiar e fascinante sobre a vida e a morte, a solidão e o amor.

Mas esse professor, que deixou para trás sua rotina bem organizada, seu mundo fechado em Berna, não era casado, não tinha filhos, e tinha muito dinheiro guardado, fruto de trinta anos de austera poupança (sua vida era só ir de casa para o colégio e do colégio para casa).

A história desse professor (e do misterioso Amadeu de Prado) é tão interessante, e o livro fez tanto sucesso na Europa e no resto do mundo, que “Tomar o trem noturno para Lisboa” virou uma expressão idiomática, usada para se referir a alguém que pretende mudar de vida, seguindo a voz do seu coração.

E você, leitor? Você pode se dar ao luxo de “tomar o trem noturno para Lisboa”?

Eu não. Pelo menos por enquanto...

38 - Pedro, meu filho

Acordei pela manhã com uma estranha sensação de leveza, como se em poucas horas eu tivesse emagrecido vários quilos. Lembrava-me de ter ido para a cama por volta de onze da noite, entorpecido pelo vinho e sentindo a refeição pesar no estômago, enquanto o coração bombeava com dificuldade o sangue necessário para uma digestão que, ao que tudo indicava, transformaria meu sono em uma travessia angustiosa pelas longas horas da madrugada.

Minha mulher roncava quando eu coloquei a cabeça no travesseiro, tateando o lençol à procura do controle remoto da televisão e pensando, com tristeza, em como seria minha noite depois de tanta comida e bebida.

No entanto, dormi maravilhosamente bem.

Mas não acordei apenas com uma sensação de leveza no corpo, como se em cinco ou seis horas eu tivesse passado por uma dieta de desintoxicação e emagrecimento que normalmente só traria resultados depois de cinco ou seis meses de sacrifícios terríveis. Não. Acordei também com o espírito mais leve, como se o peso de sentimentos negativos, que até à minha entrada pacífica no misterioso território do sono eu carregava dentro de mim, tivesse desaparecido junto com o peso corporal.

Levantei-me da cama e me dirigi à sacada do quarto, cuja porta de vidro se abria para uma bela vista do bairro, sem sentir o inchaço e as dores nas juntas que me atacavam todas as manhãs; com o corpo leve, a respiração fácil, o coração sereno e calmo, e, ao mesmo tempo, sem as preocupações e angústias que, de costume, não me davam trégua desde as primeiras luzes do dia até altas horas da noite: sobretudo aquela vontade de poder, que vinha sempre acompanhada de um desejo incontável de acumular riquezas e me apresentar ao mundo com todos os artificialismos que exigiam minhas ambições e sonhos de grandeza.

Acordei sentindo-me livre dessas vontades – ou pelo menos não as senti consumindo minha alma com suas línguas de fogo, obrigando meu corpo a reagir contra tudo que se colocasse como obstáculo às estratégias e planos por mim traçados para alcançar o que, na minha visão, era o sucesso. Aquele dia não foi assim; embora eu sentisse os demônios do poder e da ambição me espreitando pelos cantos do quarto, dispostos a reconquistar o meu ser, ainda não completamente livre das forças sombrias que cercam muitas de nossas vontades mundanas.

Porém, naquela manhã, nenhum peso me pareceu tão ausente de mim quanto a culpa que eu carregava há vários anos por ter sido o responsável pela desgraça que se abateu sobre o meu filho.

Sempre fui muito exigente com ele. Na escola, tirar o segundo lugar, para mim, era inaceitável. Ele tinha que ser sempre o primeiro, o melhor, o mais inteligente, o mais perspicaz, o mais invejado pelos colegas. Sempre cultivei nele o que eu acreditava ser a fórmula perfeita para o sucesso: ambição, orgulho, coragem, determinação e força,

atributos que, com a dose certa de inteligência, sagacidade, dissimulação e estratégia, poderiam levá-lo aos cumes mais altos do sucesso profissional, da glória, da riqueza e do poder. E, para ajudá-lo nessa empreitada em direção aos picos do insuperável, haveria sempre o enorme patrimônio da família, acrescido cada vez mais com novas fazendas, casas, apartamentos e aluguéis.

Diante disso, certamente não deverá surpreender ao leitor a minha decepção amarga quando percebi que meu filho gostava mais de poesia e filosofia do que de matemática, química e biologia. Eu queria que ele fosse médico, um renomado cirurgião, respeitado no país inteiro e até mesmo no exterior, mas o que ele demonstrava aos quinze anos, contrariando todas as minhas expectativas, era uma paixão avassaladora pelo teatro, que ele praticava às escondidas depois das aulas, interpretando figuras grotescas, cantando e dançando como uma mocinha. E, como eu soube depois, ele gostava também de escrever poemas, que lia em recitais aos sábados, nos quais muitas vezes vestia-se de mulher, usando quase sempre uma peruca escura e uma enorme bata branca cheia de detalhes dourados.

Aquilo dilacerava minha alma, mas consegui conter minha indignação nos limites de um aconselhamento pacífico e de poucas palavras, até o dia em que, aos dezessete anos, ele entrou em meu escritório para me dizer que havia decidido prestar vestibular para Filosofia. Tentei fazê-lo mudar de idéia, dizendo que tal decisão era um completo desatino. “Você vai viver de quê, meu filho? O que faz um filósofo? Ele trabalha com o quê? Quanto ganha alguém para filosofar?”. Não adiantou. Ele me olhou nos olhos e disse que sua decisão estava tomada, e que se eu quisesse aproveitar aquela chance para agir como um pai de verdade (pelo menos uma vez na vida), que eu o apoiasse.

Eu não o apoiei. Eu o ameacei de todas as maneiras que pude: corte de mesada, expulsão de casa e outras bobagens do gênero, entremeadas com frases não menos estúpidas como: “O que os outros vão pensar?”. Ao que ele me respondeu, perguntando: “Por que você se preocupa tanto com os outros? Quem são esses outros? Por que eles precisam achar que nós somos felizes, que você se casou com a minha mãe por amor, que eu sou o melhor aluno da escola, que o meu futuro está garantido graças ao meu talento e ao patrimônio de merda que você herdou, construiu e fez crescer com a cobiça e a ambição que traz dentro de sua alma desde a infância?”.

Aquelas perguntas foram lançadas com uma fúria que eu jamais tinha visto naquele garoto meigo, que raramente se dirigia a mim, e que, quando o fazia, era só para trocar uma e outra palavra sobre uma bobagem qualquer, com o único propósito de quebrar, por um momento, o gelo glacial que cercava a nossa relação.

Imediatamente fui tomado por um ódio terrível e avancei em sua direção disposto a matá-lo se fosse preciso. Ele tentou correr, mas puxei-o pelos cabelos e joguei-o com toda a força contra a parede. Peguei-o pelo braço e levei-o até o banheiro do corredor, onde enfiei sua cabeça no vaso umas dez vezes, enquanto gritava: “É na merda que você quer viver, sua bicha? Então experimenta esta merda aqui e veja se você gosta”. E ele se debatia, tentava chamar a mãe – que já devia estar dormindo, dopada com seus remédios para depressão –, e lutava para respirar, com o rosto todo molhado com a urina que eu tinha despejado ali

alguns minutos antes. Quando ele conseguiu escapar de minhas mãos, pegou a chave do carro e saiu em disparada pela avenida.

Mas, como eu dizia, ao acordar naquela manhã, não senti mais a culpa me corroendo o espírito; somente uma lembrança distante a me apertar de leve o peito e a maravilhosa sensação de que o futuro se encontrava aberto para o perdão e a consolação sem dor, sem medo e angústia.

Olhando o céu que brilhava com as primeiras luzes da manhã, senti a presença do meu filho ao meu lado na sacada, e o vi, com seu olhar perdido no horizonte, vestindo a mesma roupa que ele usava quando saiu de carro naquela fatídica noite.

“Pedro, meu filho...”, eu disse, sorrindo, e estendi a mão para tocá-lo. Em seu rosto jovial e alegre percebi, aliviado, que ele tinha me perdoado, e uma felicidade muito maior que a soma de todas as alegrias que eu tinha vivido em toda a minha vida me invadiu naquele exato momento, tornando meu corpo e meu espírito ainda mais leves, como se eu fosse capaz de saltar e alcançar, sem o menor esforço, a plenitude dos céus.

“Pedro, meu filho... Como é possível... você... aqui?”, perguntei, com lágrimas nos olhos, mas ele não respondeu.

O acidente. Aquele terrível acidente do qual, sem dúvida, eu tinha sido o único culpado... Cheguei no local às duas da madrugada. O carro estava completamente destruído, abraçado a um poste na avenida deserta. Preso às ferragens, sem vida, estava o corpo do meu filho. Tentei abrir com as mãos a carcaça confusa de ferros retorcidos, dizendo para ele, desesperado: “Vou tirar você daí, meu filho. Não se preocupe. Vou tirar você daí e vamos começar uma vida nova. Você vai fazer o que gosta e eu vou te apoiar, não se preocupe...”. Mas já não havia mais o que fazer.

“Pedro, meu filho... Como é possível?”, perguntei de novo, enquanto a manhã ganhava vida sobre os telhados marrons das casas do bairro. Ele se virou novamente para mim e apontou para a minha cama, dizendo: “Veja”. Ao me virar, levei um susto. Ao lado de minha esposa adormecida estava o que parecia ser eu, deitado de barriga pra cima, com o rosto contorcido e as mãos crispadas: um corpo pálido e sem vida. Pedro respondeu ao meu espanto com um novo sorriso e disse: “Aquilo ali nada mais é do que o envoltório carnal que você abandonou durante a noite. Chegou o momento, para você, de se dirigir a outros planos de aperfeiçoamento espiritual e, talvez, conforme os desígnios de Deus, um dia voltar à crosta terrestre para uma nova etapa de vida junto aos homens. Recebi autorização de meus guias espirituais para vir buscá-lo e auxiliá-lo na sua nova jornada de aperfeiçoamento. Informo-lhe, ademais, que a sensação de leveza que você sente agora se intensificará ainda mais, na medida em que for deixando para trás aquilo que lhe servira de motor no plano físico e que, para nós, no plano espiritual, são pesos inúteis: o orgulho, a ambição, o egoísmo, o desejo de poder e riqueza, a prepotência, a dissimulação, a cupidez, a mentira, o ódio, a vingança...”.

Eu não conseguia dizer nada. Só o olhava, assustado, sem entender aquilo tudo, sem acreditar.

“Venha comigo, meu pai...”, disse ele, e me estendeu a mão. Agarrei-a com força, puxei meu filho para junto de mim e abracei-o, chorando e repetindo, com lágrimas nos olhos: “Pedro... meu filho... Pedro... meu filho...”.